

CHRISTIANO KEY TAMBASCIA

**“REPRESENTANDO O CONGO: UMA ANÁLISE
ANTROPOLÓGICA DOS QUADRINHOS DE TINTIM”**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Lahoz Morelli.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 18/03/2004

BANCA

Prof^a. Dr^a. (Orientadora) Rita de Cássia Lahoz Morelli – DA/IFCH UNICAMP

Prof. Dr. Fernando Antônio Lourenço – DS/IFCH UNICAMP

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz – DA/IFCH UNICAMP

Prof^a. Dr^a. Suely Kofes – DA/IFCH UNICAMP

MARÇO/2004



UNIVERSIDADE
CHAMADA T/UNICAMP
T151 r
EX
MBO, BCI/ 57818
OC 16-117-04
D 9
EQO 11,00
TA 14/04/2004
CPD

000196642-1

10 ID 314883

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

T 151 r

Tambascia, Christiano Key
Representando o Congo: uma análise antropológica dos
quadrinhos de Tintim / Christiano Key Tambascia.
-- Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientador: Rita de Cássia Lahoz Morelli.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Antropologia. 2. Imperialismo. 3. Histórias em quadrinhos.
4. África - Colonização. I. Morelli, Rita de C. L. (Rita de Cássia
Lahoz), 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CHRISTIANO KEY TAMBASCIA

REPRESENTANDO O CONGO: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DOS
QUADRINHOS DE TINTIM

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de Antropologia do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação da Profa.
Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
18/03/2004

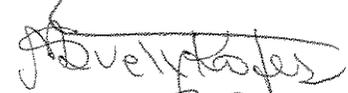
BANCA

Profa. Dra. Rita de Cássia Lahoz Morelli (Orientadora)

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz

Profa. Dra. Maria Suely Kofes

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço



março/2004

200405682

Resumo

Esta dissertação procura analisar as representações sobre o Congo nos quadrinhos de Tintim, através de uma abordagem que alia a análise estrutural, como concebida por Lévi-Strauss, à contextualização histórica e política de sua produção.

Essa análise está centrada, por um lado, nas diversas configurações que a oposição entre Natureza e Cultura assume na construção dessas representações, e, por outro lado, no papel do Terror e do paternalismo no discurso do colonizador belga.

Abstract

This text seeks to analyse the representations about Congo within the Tintin comic stories, through an approach that unites the structural analysis, as conceived by Lévi-Strauss, to the historical and political context of its production.

This analysis is centered, in one hand, in the diverse configurations that the opposition between Nature and Culture assumes in the construction of these representations, and, on the other hand, in the role that the Terror and paternalism play in the discourse of the Belgian colonizer.

A Daniela

Agradecimentos

Esta dissertação é o resultado da pesquisa realizada durante meu Mestrado em Antropologia Social, entre os anos de 2001 e de 2003, pela Universidade Estadual de Campinas. Ela não teria sido possível sem a colaboração e ajuda do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e seus funcionários. A bolsa que me foi concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, foi imprescindível para sua realização e lhes sou imensamente grato.

Agradeço primeiramente a Daniela Ferreira Araújo Silva, cujo auxílio nas horas mais desesperadoras da redação me salvaram inúmeras vezes da exasperação absoluta. Foram tantas as suas contribuições e discussões das idéias presentes na dissertação que ela deveria assiná-la em conjunto. Seu amor foi o grande responsável pela realização do trabalho. Te amo Pi.

Meus pais Marcos e Julia Tambascia apoiaram incondicionalmente a escolha acadêmica que fiz. Não existem palavras para demonstrar toda minha gratidão pela oportunidade que me foi dada por seu sacrifício e dedicação.

Meu irmão Alexandre sempre foi importante quando precisava escapar, mesmo que brevemente, dos estruturalismos da empreitada antropológica.

Agradeço à minha orientadora Rita de Cássia Lahoz Morelli, que me acolheu e me trouxe segurança e alegria durante todo o Mestrado. Sua paciência

para aturar e ler os textos alucinados e rebeldes com que a infernizava, lhe dão um lugar certo no céu.

Omar Ribeiro Thomaz foi uma inspiração incontestável para o rumo que o trabalho tomou, fosse pelas dicas que tornaram o resultado menos ingênuo do que seria de outra maneira, ou fosse por seu entusiasmo contagiante como professor. Sua participação na qualificação proporcionou contribuições inestimáveis para a versão final, e sua presença na banca de defesa me honra muitíssimo.

Suely Kofes foi de enorme ajuda na qualificação da dissertação. Agradeço enormemente sua receptividade e as dicas bibliográficas com que me presenteou. Seu auxílio com o meu projeto de doutorado também foi imprescindível para o sucesso das minhas intenções acadêmicas. Agradeço igualmente sua participação na banca.

Fernando Lourenço me deixou extremamente contente por aceitar participar da banca da defesa. Quando eu era um aluno do Instituto de Economia, em 1995, ele foi o meu primeiro professor de Ciências Sociais, despertando meu amor pela área, que comecei a cursar dois anos depois.

Agradeço *in memoriam* minha tia e madrinha, Kazue Panetta, que sempre se interessou pela minha pesquisa e me apoiou para poder terminá-la. Passei muitas horas agradáveis explicando minhas idéias e ouvindo suas sugestões. Sinto sua falta.

Agradeço também aos meus professores no Mestrado. Suas contribuições estão presentes em todo o trabalho. As professoras Heloísa Pontes, Mariza

Corrêa e Emília Pietrafesa de Godoy auxiliaram de maneira incalculável. As sugestões e dicas de Heloísa e Mariza me guiaram desde os primórdios da pesquisa, e a elas sou grato. Agradeço também aos professores Guillermo Raúl Rúben e Robin Wright, além de Omar Ribeiro Thomaz e Rita Morelli por suas disciplinas enriquecedoras e instigantes.

Meu amigo Emiliano me deu apoio e ajuda nos momentos mais difíceis da dissertação, sempre me encorajando a não desanimar e prosseguir com o trabalho. Meu amigo André também foi importantíssimo para a manutenção da minha saúde mental durante todo o percurso.

Meus colegas de mestrado ajudaram mais do que podem imaginar. Obrigado ao Gábor pelo entusiasmo e pela diversão. Obrigado ao André pela amizade e pelas dicas. Agradeço também à Daniela e Fabiana pela ajuda. Não posso expressar toda minha admiração por Maria Luisa. Deu certo, Malu!

Minhas amigas Cristina e Giovana ouviram meus lamentos nos momentos de crise e sempre torceram por mim. Agradeço aos meus amigos Bertrand e Nashieli pela solidariedade e amizade. Obrigado pelas dicas nas traduções, Bertrand!

Paula Veermesh me proporcionou energia para encarar os desafios com bom humor e otimismo, através de sua alegria contagiante. Minha irmãzinha Patrícia sempre se alegrou com cada progresso da minha dissertação, e me deu o carinho necessário para continuar. Minha irmã maior Paula Codina me apoiou desde o começo de tudo. Minha querida a filhada Natália é um farol e caminho para minha alegria.

Minha família me supriu com amor e felicidade: obrigado a todos. Meus avós Pedro e Aparecida são exemplos que me guiam sempre. Minha avó me ensinou muito sobre a alegria e a dignidade com que se trilha a vida.

Agradeço, enfim, a todos que de uma maneira ou de outra me ajudaram a terminar o Mestrado e escrever esta dissertação.

Sumário

	pp
Introdução.....	01
I - O Congo.....	15
II - Tintim.....	61
Conclusão.....	127
Bibliografia.....	149
Índice das ilustrações.....	155

Introdução

Na origem do pitoresco há a guerra e a repulsa em compreender o inimigo: na verdade, nossas luzes sobre a Ásia vieram inicialmente de missionários irritados e de soldados. Mais tarde chegaram os viajantes – comerciantes e turistas – que são militares frios: o saque se denomina “shopping” e as violações são praticadas honrosamente nas casas especializadas. Mas a atitude inicial não mudou: mata-se menos freqüentemente os indígenas, mas desprezam-nos aos montões, o que é a forma civilizada do massacre.

Jean-Paul Sartre, Colonialismo e Neocolonialismo.

Esta dissertação começou com a idéia de realizar uma análise estrutural dos quadrinhos do personagem Tintim, criado pelo desenhista Hergé. Meu desejo era utilizar a análise Lévi-Straussiana dos mitos como meio de melhor estudar a série de quadros das histórias do personagem, mas buscando igualmente relacioná-las com o contexto histórico e político de sua produção, tal como fez Edmund Leach (1983) com as histórias bíblicas. Busco assim compreender como Hergé trouxe para o âmbito da aventura do viajante Tintim, o mundo exterior das relações coloniais belgas¹ e o cosmopolitismo tão valorizado em sua época, parte de um conhecimento disciplinador sobre o Congo. Ficou evidente a necessidade de me deter no fenômeno do neo-colonialismo e nos mecanismos que essa forma de imperialismo utiliza para se justificar e se manter. A contextualização de Leach

¹ Conferir, por exemplo, o artigo *Jane Austen e o império*, em Said (1999).

foi então ampliada: este trabalho tenta incluir não apenas a história e a política, mas também o contexto intelectual que está presente nas formas representacionais do Orientalismo, forma de conhecimento e poder que consiste o feixe de discursos e representações da Alteridade pelo europeu.

O que é importante destacar é que o objetivo desta pesquisa é estudar os quadrinhos de Tintim como exemplo do que podem ser chamados discursos orientalistas, se analisados em conjunto com outras formas narrativas (como os relatos de viagem e os romances), partes de um campo de representações sobre o Congo: uma economia do saber sobre a Alteridade. A dimensão deste trabalho é restrita demais para que seja possível comparar o discurso que procuro identificar em Tintim com os demais discursos sobre a Alteridade.

O que ocorreu foi que praticamente duas pesquisas tiveram que ser combinadas: uma análise estrutural dos álbuns de quadrinhos selecionados, e um estudo da história do colonialismo belga nesse território – suas instituições, política e personagens. O objetivo neste trabalho é, entretanto, utilizar esse estudo histórico como parte constituinte do sistema simbólico de representações analisadas.

Assim, emergiu um modelo de análise de um fenômeno histórico que se utiliza de formas de representação do europeu sobre si mesmo e sobre os outros, cujo “sentido” pode ser apreendido nas formas em que se manifestam – seus discursos. Assim, essa contextualização também se tornou, de certa forma, objeto de pesquisa. A idéia que o desenhista belga Hergé fazia da maior colônia de seu país, e que se tornou manifesta em suas publicações, é apenas uma parte e um

exemplo de uma forma muito específica e contextual de representação dos habitantes desse território. Sem afirmar que seja apenas um precipitado dos preconceitos de uma época, nem que seja apenas uma fonte de formação dos mesmos – ainda que ambos sejam verdade, de uma certa maneira – procuro encarar os quadrinhos de Tintim como um dos caminhos em que essa forma de orientalismo pode ser encontrada. Uma lógica, é sempre bom frisar, que nunca é estática, mas se modifica constantemente – ainda que mantenha um percurso. É esse o contexto intelectual que constitui o horizonte informativo do autor. Dessa maneira, não adoto nem uma postura determinista ao extremo, nem uma postura absolutamente individualista. Procurei ver, por exemplo, o “sujeito inteligente” que existiu em Hergé, mas também fiquei atento ao “mundo intransigente”, bem como à estrutura que tende a se reproduzir a despeito dos riscos representados por tal inteligência e tal intransigência.

A dissertação é dividida em duas partes principais de análise, seguidas de uma conclusão, que busca relacioná-las. No primeiro capítulo me concentrei em realizar uma pequena contextualização, mostrando as representações presentes na gênese histórica do Congo. Essa contextualização está dividida em três períodos: a época das expedições pré-coloniais, a época em que o Congo era propriedade particular do soberano belga Leopoldo II, e o período sob a administração do governo belga – antes de se tornar independente em 1960 (quando passou a se chamar Zaire e depois República Democrática do Congo).

A história do Congo, aqui selecionada, interessa na medida em que esclarece e possibilita conclusões sobre os mecanismos discursivos presentes

nos quadrinhos. Buscarei descrever algumas das formas como o colonialismo belga foi efetivamente praticado, bem como o sistema de atitudes que lhe era endêmico – a violência e a dominação que transparecem na narrativa mítica da formação do país, e a forma como essa narrativa também contribuiu na representação do Congo. Não apenas a violência moldou o Congo, mas a discussão e a denúncia dessa violência também guiaram as atitudes sobre o país. Dessa maneira, a história também é interpretada.

A segunda parte consiste exatamente na análise estrutural dos quadrinhos selecionados: as duas versões da aventura no Congo. Nessa análise, apresento Tintim e seu criador Hergé, bem como as maneiras pelas quais as condições sociais e as experiências de vida do desenhista podem jogar alguma luz sobre os quadrinhos que criou. As duas versões da história de *Tintim no Congo* – uma de 1931 e outra de 1946 – são analisadas e comparadas de acordo com as ferramentas tornadas disponíveis por Lévi-Strauss. A observação formalista da construção da narrativa é pautada pela consideração do contexto histórico em que se insere Hergé, particularmente a relação entre a Bélgica e sua colônia no momento das publicações. Os personagens e os tipos sociais apresentados nos quadrinhos – os negros, por exemplo – são estudados em cada contexto e no conjunto dos álbuns. Assim, as diferenças encontradas entre as versões de uma mesma aventura e entre as aventuras diferentes, fazem com que os personagens, em um certo sentido, não tenham um valor intrínseco. Buscarei encontrar, através das oposições estruturais sincrônicas, o significado do “mito” de Tintim e a

natureza da relação entre o Outro e o belga para Hergé – que só se tornam possíveis graças às análises diacrônicas realizadas.

Finalmente recapitulo a apresentação do material à luz da teoria e da metodologia utilizadas, e enuncio a conclusão a que cheguei. As duas partes são assim relacionadas, de modo a montar um quadro narrativo sistemático sobre o país africano. Nas conclusões, o livro do antropólogo Michael Taussig (1993) sobre o Terror no colonialismo americano, foi utilizado como inspiração para a elaboração de um esboço de teoria do colonialismo congolês, em que esse Terror – seja explícito e indiscriminado, seja velado e retocado –, advindo da administração belga, também tem papel importante no processo de construção discursiva da representação sobre o Congo presente na história em quadrinhos de Tintim. Os quadrinhos como representação do Congo, fazem parte da violência do projeto colonial, cuja natureza sistêmica é demonstrada no caso belga.

Penso dessa forma expor o quadro de representações de um país, de sua gênese há mais de cem anos e sua continuidade através do tempo, bem como o modo como esse quadro se relaciona de maneira muito próxima com os desenvolvimentos políticos desse país, na esperança de ajudar a compreender os mecanismos de produção de sentido no Congo, dos quais a situação de conflitos vivenciada nos dias de hoje é produto.

Estudar o colonialismo belga, da perspectiva do conjunto de representações européias sobre suas colônias, significa adotar uma postura que deve ser explicitada de antemão para o leitor, já que esse ponto de vista é a base de todo o trabalho. Uma vez que o enfoque foi em um exemplo das representações belgas

sobre sua relação com o Outro, incluindo aí uma forma específica de comunicação artística (os quadrinhos do personagem Tintim), não poderia reivindicar aqui mais do que a proposta de estudar o “orientalismo” belga-ocidental sobre o Congo.

Desse modo, ainda que o próprio Edward Said (1996) afirme que estudar o Orientalismo significa analisar tanto orientais quanto orientalistas, e ainda que em determinados momentos irei valer-me de exemplos de representações congoleesas sobre si mesmos e sobre os outros como forma de contraponto, um verdadeiro diálogo de interação fica a ser estudado em outra ocasião. Resolvi considerar a existência de uma visão sobre os congoleeses e uma visão dos congoleeses. Deixo claro, novamente, que o presente trabalho contempla principalmente a primeira, sendo que a pesquisa concernente à segunda, fica adiada para uma outra ocasião.

É necessário discorrer um pouco sobre o termo Orientalismo. Pois, se utilizo a análise estrutural lévi-straussiana nos quadrinhos do personagem Tintim, é porque a dicotomia binária que o Estruturalismo pretende desvendar é uma das bases em que se apóiam as formas de Orientalismos que o escritor Edward Said estudou, e não porque o enfoque aqui seja Estruturalista. O Orientalismo é, segundo Said, uma forma de saber, latente ou manifesta, que se pretende legítima e correta sobre uma entidade que se denominou *Oriente*, mesmo inventando-a. O Orientalismo, enquanto fenômeno sociológico, é parte fundamental da prática colonialista e produto de forças políticas. Se tal fenômeno *Oriente* é tal como o orientalista diz que é, ou mesmo se ele pode ser denominado como tal, foi motivo de muita discussão no meio acadêmico, e, a pesar do enorme mercado literário

que é constituído por “especialistas” discorrendo sobre o Oriente Médio ou sobre a África, e mesmo do fato da imprensa internacional muitas vezes apenas reproduzir discursos orientalistas, pode-se dizer que ainda hoje não existe consenso acerca do “escrever sobre o Outro”. Assim como existe um Orientalismo, existe uma espécie de Africanismo, cujo mecanismo é análogo ao descrito por Said – mas cujas diferenças não podem ser subestimadas. As representações que pretendo analisar nos quadrinhos pertencem a essa segunda categoria de discursos.

Também é necessário discorrer brevemente sobre a noção de representação adotada nesta dissertação. Paul Rabinow (1999) realiza em seu artigo *“Representações são Fatos Sociais”* uma apresentação da questão sobre a representação. Rabinow recorre assim à teoria de Foucault, resgatando a crítica deste à postura marxista de encarar as manifestações culturais de uma sociedade como sendo expressões “distorcidas” de uma realidade: ideologia, enfim. A teoria marxista implicaria assim na existência de um conhecimento real e transcendente para além de qualquer representação².

Rabinow conclui pela necessidade de historicização tanto da epistemologia como da “projeção de nossas práticas culturais sobre o Outro”; pela necessidade de antropologizar e relativizar o Ocidente e o próprio paradigma filosófico vigente, tendo em mente que é a posse de um diferencial de poder maior o que permite a construção e manutenção de um consenso a seu respeito. Atenta para a

² Veremos como essa observação será importante ao analisar modelos de análise de quadrinhos que os encaram como ideologias que ocultam uma forma de dominação, como é o caso de Dorfman e Mattelart (1980).

necessidade, enfim, de um cuidado para não se essencializar um “ocidentalismo” como resposta a um “orientalismo”.

Rabinow chega, enfim, à sua própria pesquisa e à metodologia adotada, e traz algumas considerações que serão importantes para esse trabalho. Estudando funcionários da elite colonial francesa nos anos vinte, chegou a algumas conclusões sobre as pesquisas correntes de situações coloniais: elas acabavam estranhamente negligenciando a análise dos próprios colonizadores e de suas idiossincrasias, suas hierarquias próprias e o tipo de poder de que dispunham – que não era somente militar. Lembrando novamente Foucault, afirma que normalmente são analisadas as relações de exploração e dominação, mas não as de sujeição, em que cultura e poder estão mais relacionados. Junto com o poder do Estado, a arquitetura, as artes e outras áreas fazem parte deste processo de sujeição.

Exposta a análise de Rabinow, a questão da representação do Outro é aqui encarada, portanto, como uma construção trespassada por considerações de ordem social e histórica, dada a existência de um campo de poder. É também empregada no sentido de re-encenação pragmática de um fato, discurso ou evento: o mito da possibilidade da colonização expresso nas histórias de Tintim, por exemplo. O objetivo dessa tese é analisar então as representações do pólo ocidental, detentor de um diferencial de poder, e parte de um sistema colonial que vai além dos aspectos econômico, militar e político. Assim, é possível explicitar as formas menos visíveis de sujeição, indo além, e ntretanto: não tanto enxergar o Outro através dessa imagem embaçada e construída, mas retratar a relação

pensada entre o próprio representador – sobretudo belga – através de sua visão sobre o Outro, e este.

Por representação, enfim, me refiro não à simples substituição de um termo por outro equivalente, mas à sua re-criação por meio de uma ação repetida e dotada de valor, que expõe todo um sistema de ordenação e hierarquia, partilhado por determinado grupo/sociedade: a cosmologia relativa a valores comuns, mas específicos a uma dada realidade social. Assim, a intencionalidade da racionalidade individual é relativizada através da exposição da dimensão coletiva da representação e da idéia de alteridade³.

Esse campo de representações deve ser analisado também politicamente, já que envolve questões de poder e de capitais simbólicos de valores distintos, mas muito reais. Afinal, os orientalismos se pretendem corretos em seu conhecimento superior sobre um assunto. Sem afirmar que africanos sejam “orientais”, mas apenas que o mecanismo de representação do “oriental” é aplicável em outros casos, tentarei demonstrar, por exemplo, como a evolução dessas formas de representação do Congo acompanha o desenvolvimento da política colonial belga, não na condição de causa e efeito, mas como partes de uma relação em que o Outro detém cada vez menos poder e é re-apresentado em uma miríade de formas.

Sobre o período colonial, Wesseling (1998) justifica a ênfase que deu às decisões dos europeus em seu estudo com a constatação de que a história da África até 1940 foi principalmente escrita à revelia dos próprios africanos. É

³ Cf. o interessante artigo de Daniel de Coppet (1992) para uma discussão sobre a noção de representação em Antropologia.

inegável que os efeitos da política dos tratados na partilha perduram até hoje, mas diversos etnógrafos arriscaram levantar algumas hipóteses sobre os meios que os africanos utilizaram para resistir, seja na preservação da tradição na oralidade narrativa⁴, seja nas práticas mágico-rituais realizadas em segredo⁵. Outras formas de resistência e de “contra-representação” africana devem ser mencionadas, tais como, por exemplo, a importância capital que os movimentos messiânicos tiveram ao desafiar o controle colonial. Também menciono o trabalho de Fabian (1996), que resgatou uma série de pinturas do congolês Tshibumba Kanda Matulu, que contam a história do Congo sob uma perspectiva diferente da europeia, ainda que esse trabalho deva ser também contextualizado, já que foi produzido após a independência do país. Entretanto, o estudo dessa “representação resistente”, se assim podemos chamá-la, deverá ser realizado em outra ocasião.

O colonialismo deve ser entendido como um processo cultural, cujas representações expressam uma estrutura de significados que não se reduzem a simples exploração ou violência ideológica de um país forte sobre outro fraco. Sua eficácia advém de mecanismos discursivos que estabelecem uma relação entre colonizador e colonizado, representada ritualmente. Ou seja, através da prática da constante re-encenação discursiva do “mito” de sua relação, da qual os quadrinhos são parte⁶. Além disso, a práxis que envolve o colonialismo não inclui apenas o discurso do administrador ou do desenhista belga, mas sua própria denúncia.

⁴ Cf. Vansina (1985).

⁵ Cf. Heusch (1982).

⁶ Cf. Thomas (1994).

O colonialismo belga deve ser estudado em sua particularidade e nos mecanismos específicos que utiliza para se manter. Não obstante, sua comparação com outros exemplos de dominação deve ser buscada, de modo que seja possível melhor apreciar sua especificidade. A política e as narrativas das relações de poder e estabelecidas variam da violência da conquista à justificativa civilizadora voltada para a correção e a regulamentação, variando também do discurso oficial às formas menos canônicas de representação colonizador-colonizado, entre as quais se podem incluir os quadrinhos de Tintim, como tentarei demonstrar. O colonialismo, como bem analisou Thomas (1994), também não é um projeto coerente, acabado e essencializado; é antes um processo de disputa narrativa que deve ser relativizado e cujos efeitos não se restringem ao período em que vigorou⁷. Mostrarei aqui um lado desta disputa: o belga. Deverei deter-me na história do colonialismo belga na África: sua gênese, suas instituições e seus discursos de dominação. Farei também o estudo da evolução do que poderíamos denominar de contexto intelectual nos quadrinhos de Tintim, ao longo dos anos.

Dois estudos ilustram muito bem o tipo de análise que é adotado aqui: o trabalho de Lilia Schwarcz (1987) e o de Bernadette Bucher (1981). O livro de Schwarcz analisa as representações dos negros nos jornais paulistas do século XIX, procurando interpretar os anúncios de vendas de escravos, as notícias de fuga e de recuperação de escravos, e as opiniões sobre a composição moral do negro, sob uma perspectiva que lida com a diversidade de imagens produzidas, bem como com o contexto em que foram vinculadas: o debate sobre a abolição,

⁷ Faço referência ao estudo de Mamdani (2001), que analisa as estruturas simbólicas do colonialismo alemão e belga em Ruanda para compreender o desenrolar dos episódios relacionados ao genocídio tutsi em 1994.

os problemas surgidos na nova república e a própria orientação ideológica dos jornais estudados. A autora propõe assim investigar o simbolismo das representações dos brancos, e não as condições reais vividas pelo negro. Esse era apresentado e interpretado na seção “científica”, mas também era produto que se vendia nos classificados, além de ser objeto de desconfiança e medo, como mostrava a violência narrada na seção das notícias.

Já no livro de Bucher, a autora, sem deixar de realizar uma análise estrutural *strictu sensu* de uma série de gravuras publicadas no final do século XVI por uma família de editores protestantes holandeses (os de Bry), também demonstra como a temática e as formas de representação nas gravuras não podem ser analisadas sem que se leve em consideração as condições sociais de sua produção, no caso a relação entre protestantes e católicos e o papel desempenhado pelos primeiros no desenvolvimento das novas técnicas gráficas surgidas após o Renascimento. A autora produz igualmente uma análise em que o modo de caracterização do Novo Mundo pelos europeus diz mais sobre os últimos que sobre os habitantes americanos retratados.

Bucher nos mostra que os habitantes do continente americano eram interpretados inicialmente em termos bíblicos, ou em termos da ciência anatômica da época. A representação de suas atitudes, de seu vestuário e de sua aparência era construída através da apropriação de figuras presentes em manuais anatômicos, de retratos romanos ou de monstros e bruxas da imaginação medieval. Ou seja, eram apresentados através de modelos que estavam à disposição no repertório imagético europeu de 1500. Os índios americanos eram

retratados através de uma bricolagem das imagens disponíveis, como as da arte medieval. Do repertório que possuíam, os de Bry realizaram uma transformação do significado das descrições dos viajantes e em uma convenção iconográfica do índio.

De uma forma semelhante, mas deslocada do contexto estruturalista, Mary Louise Pratt (1992) relaciona relatos de viagem e exploração na África com o projeto de expansão da esfera política e econômica dos países europeus no século XVIII e com o próprio processo de constituição das bases de legitimação – geralmente científicas – das formas de dominação necessárias a essa expansão. As considerações de Pratt informaram sobremaneira toda a estrutura deste trabalho. Esse modelo forneceu a contextualização que a análise estrutural daquela história específica (*Tintim no Congo*) requeria.

A realização desta pesquisa acabou se mostrando um exercício fascinante, ao permitir descobrir relações entre algo aparentemente tão inofensivo como as histórias em quadrinhos e um discurso, na melhor das hipóteses paternalista, e na pior, etnocêntrico e parte constituinte da dominação que levou a um dos piores exemplos de exploração de um território, cujos efeitos ainda hoje são claros.

I

O Congo

Terceiro maior país da África, riquíssimo em recursos naturais, a atual República Democrática do Congo teve sua história, desde finais do século XIX, marcada por tragédia e violência. Palco de um dos colonialismos mais singulares, parasitários e nocivos no continente africano, o ex-Estado Livre do Congo está hoje passando por um longo processo de negociação para o fim de uma guerra que vem se estendendo desde 1998, matou mais de três milhões de pessoas⁸, e já foi denominada de a “Guerra Mundial da África”. As cifras em relação ao país sempre foram impressionantes; desde os primórdios da colonização, em 1884, quando o Rei Leopoldo II da Bélgica conseguiu que o território 70 vezes o tamanho de seu próprio país fosse reconhecido como sua propriedade privada, até o momento em que este passou para a administração oficial do governo belga, em 1908, mais de 10 milhões de pessoas morreram vítimas da exploração imposta. E se o Rei belga deixava para trás um regime de controle, denunciado pelo movimento de direitos humanos do começo do século como desumano e criminoso, o governo belga não deixaria muito a desejar em termos de exploração e dominação. Também os 32 anos do regime imposto por Mobutu pouco após a independência, em 1960, deixaram uma marca indelével, um estado falido e uma guerra genocidária no final do milênio.

⁸ Segundo dados da *Anistia Internacional* e da organização não-governamental *International Rescue Committee*, baseados em um estudo publicado em abril de 2003.

Neste capítulo, farei uma breve incursão na história do Congo, fixando-me particularmente nas expedições do período pré-colonial – por evocarem as “expedições” de Tintim, inclusive na narrativa da alteridade –, nas denúncias das atrocidades cometidas durante a época de Leopoldo – por configurarem importantes instrumentos discursivos de associação entre a África e o Terror do colonialismo –, e na dominação paternalista do colonialismo belga posterior a Leopoldo – por ter sido nesse contexto político que os quadrinhos de Hergé foram produzidos.

A) O Congo pré-colonial:

Na década de 1480, o navegador português Diogo Cão empreendeu algumas viagens pela costa ocidental do continente africano, tomando conhecimento de habitantes nas regiões que hoje compreendem, grosso modo, Angola e a República Democrática do Congo. É considerado também o primeiro europeu a relatar a existência do rio Congo (ou Zaire). Segundo o português, e diversos outros exploradores que posteriormente vieram a fortalecer seu testemunho, o rio deveria ser muito grande e com um volume de vazão gigantesco, dado que a corrente fluvial vinda da terra estendia-se por quilômetros mar adentro.

Entretanto, sobre as propriedades do rio e do território, pouco se soube até meados do século XIX. Ao redor de 1810, o progresso do conhecimento geográfico ainda se ressentia do enorme vazio que existia nos mapas da África. Na introdução aos relatos póstumos da expedição do capitão J. K. Tuckey através

do rio Congo em 1816, publicados em Londres em 1818, encontram-se ainda preocupações com um mapeamento do interior africano, bem como considerações acerca das hipóteses das nascentes dos grandes rios. Especulava-se ainda, por exemplo, se o Nilo nascia em um enorme lago continente adentro, e se o Niger e o Congo não seriam extremos de um mesmo grande rio.

Sobre as sociedades e os estados que existiam na época, não existem informações definitivas – com poucas exceções. Entre os principais estados políticos da África Central, figuravam os reinos de Kongo, Luba, Bemba, Lunda, Kazembe, Lozi e a colônia de Angola no litoral, separados em regiões de influência cultural semelhantes. De descendência bantu, os fundadores dos reinos africanos possuíam narrativas míticas muito similares, constituindo uma certa unidade dentro da grande diversidade bantu - que de fato se estende por quase toda a África sub-saariana. Essas narrativas eram coletadas principalmente por administradores e missionários, mas alguns etnógrafos, trabalhando na região já no século XX, foram responsáveis pela obtenção de material etnográfico através de pesquisa de campo, como Jan Vansina entre os Kuba, e Victor Turner entre os Lunda. No centro e no leste da África Central, admite-se que os fundadores dos reinos de Lunda e Bemba estavam inicialmente atrelados ao reino de Luba, que teria surgido por volta de 1500 na região do Kasai. Assim, segundo Vansina (1966), na savana africana do século XV ao XIX, predominavam populações Luba-Lunda no leste, e Kongo e portuguesa no litoral oeste.

Detenhamo-nos um momento no reino do Kongo que, junto com a colônia portuguesa e em Angola, foi responsável pela história africana na costa oeste da

savana. Esse reino caracterizava-se desde o século XVI como um aliado de Portugal e de outros estados cristãos, fato que possibilitou a existência de grande material documentário, advindo de missionários, mercadores e mesmo de kongolezes letrados. Abrangendo uma área que compreendia o oeste do atual Congo e o norte de Angola, a partir da margem sul do rio Congo, estima-se que tenham feito parte do reino em torno de 2 milhões de habitantes. Mbanza Kongo – que mais tarde foi rebatizada de São Salvador – ficava perto da costa, hoje em território angolano, e era a capital do reino que existia pelo menos cem anos antes da chegada portuguesa, e cujos habitantes eram herdeiros de uma antiga cultura bantu⁹.

Afonso Mvemba a Nzinga, filho de Nzinga a Nkuwu, batizado de João I em 1491, adotou o cristianismo como religião oficial e logo aprendeu a ler e escrever. Estabeleceu-se grande comércio de escravos, cobre e marfim, mas os portugueses, descontentes com as restrições comerciais dos congolezes, começaram a estabelecer relações alternativas com o reino de Ndongo, vizinho nominalmente subordinado, mas poderoso, ao sul, constituindo o começo da colonização portuguesa em Angola.

Em meados do século XVII já existiam conflitos armados na fronteira entre os reinos. A guerra civil travada no final do século, sob o reinado de Garcia II até Pedro IV, acabaria por enfraquecer e descentralizar o reino do Kongo, tirando-o do cenário diplomático internacional de que havia tomado parte. O Rei tornou-se uma

⁹ Cf. Heusch (1982).

figura nominal, sem poder real, com nobres súditos empobrecidos, independentes uns dos outros e saudosos da glória passada.

Thornton (1983) chama atenção para a importância de uma historiografia pré-colonial do Congo e critica uma corrente etnográfica que não foi capaz de lidar com o desenvolvimento histórico interno africano, assumindo o pressuposto de que havia ali uma estrutura social estática e de que a história do Kongo seria devedora da “natureza revolucionária do contato europeu”.

O papel do europeu e da pressão econômica do capitalismo mundial na história congoleza só teve importância real no período colonial. Vansina (1966) bem lembrou que o exemplo do reino do Kongo é excepcional na história africana, não somente pela abundância de documentos, mas por permitir um estudo histórico do processo de mudança¹⁰. O estudo desse processo também é importante para entender como o sistema colonial se implantou e perdurou por dois séculos. Foi o território do Congo do período pré-colonial que um dos primeiros exploradores britânicos da África, o capitão Tuckey, conheceu em sua expedição.

Ao analisar a tripulação da expedição de Tuckey vemos que sua intenção era, sobretudo, o conhecimento. A hipótese é confirmada com a constatação da presença de um botânico, de um “Coletor de História Natural”, de um anatomista comparativo e de um jardineiro real, cada um com seus respectivos diários. Os diários do capitão foram publicados em conjunto com uma série de análises

¹⁰ O autor tem, não obstante, um importante trabalho que coloca em relevo a importância da história oral africana, questionando a supremacia do documento escrito na historiografia. Cf. Vansina (1985).

científico-naturalistas que buscavam trazer dados físico-descritivos da bacia, seus habitantes, flora e fauna.

Exemplo do esforço que governos e instituições europeias fizeram para levar adiante um projeto de desenvolvimento científico que se julgava condizente com sua civilização pós-revoluções francesa e industrial, os relatos do capitão Tuckey alimentaram a imaginação da sociedade inglesa oitocentista com relação ao mundo exterior em geral e ao continente africano em especial, como fica claro na introdução ao livro já em sua primeira edição. Vale a pena reproduzir um longo trecho da introdução:

“Enough however still remains to be done. The deficiency in the detail, and the want of that accuracy so essentially necessary for the advantage and security of navigation, still furnish ample scope for further investigation and research.

But the object of the voyage, of which the narrative is contained in the present volume, though fitted in the naval department, is nearly, if not altogether, unconnected either with maritime discovery or nautical surveying. It was planned and undertaken with the view and in the hope of solving, or of being instrumental in solving, a great geographical problem, in which all Europe had, for some time past, manifested no common degree of interest; and, at any rate, in the almost

certain means it would afford of adding something to our present very confined knowledge of the great continent of Africa – that ill-fated country, whose unhappy natives, without laws to restrain or governments to protect them, have too long been the prey of a senseless domestic superstition, and the victims of a foreign infamous and rapacious commerce”¹¹.

Tal tipo de empreendimento evidentemente faz parte do complexo mecanismo que acompanhou e legitimou a colonização, na melhor das hipóteses com argumentos paternalistas como o exposto agora. No argumento reproduzido podemos identificar a preocupação com o desenvolvimento científico para melhorar o conhecimento sobre o continente africano de modo a ajudar o “infeliz nativo”. O texto de Tuckey constitui uma importante fonte de pesquisa para descobrir um tipo de representações européias sobre a África que não é de todo estranho aos quadrinhos de Hergé, produzidos mais de cem anos depois.

Em certa ocasião, alguns africanos subiram a bordo, e Tuckey não deixou de notar os ornamentos de ferro e cobre dos negros, tomando conhecimento de

¹¹ “Entretanto muito ainda permanece a ser feito. A deficiência no detalhe, e o desejo daquela precisão tão necessária para o desenvolvimento e a segurança da navegação, ainda fornecem amplo escopo para futuras investigações e pesquisa.

Mas o objetivo da viagem, cuja narrativa está presente neste volume, ainda que diga respeito ao departamento naval, é praticamente, se não inteiramente, desconectado tanto das descobertas marítimas como da pesquisa náutica. Ela foi planejada e conduzida com a visão e a esperança na resolução, ou em instrumentalizar a resolução, de um grande problema geográfico, em que toda a Europa, por algum tempo, não manifestara algum grau comum de interesse; e, em alguma medida, como uma forma quase certa de acrescentar algo de nosso atual limitado conhecimento do grande continente da África – aquela terra desgraçada, sujeitos infelizes nativos, destituídos de leis que restrinjam o governo que os proteja, têm sido presa há muito tempo de insensata superstição local, e vítimas de um comércio estrangeiro infame e predatório”. Introdução às narrativas de Tuckey, pp. Iv. Tradução livre minha.

que esses metais eram abundantes no território. Os senhores negros teriam então se ocupado de beber o brandy que havia no navio. Tuckey se mostra muito irritado e atormentado com a atitude deles, e procura se afastar dos homens africanos, a quem considera quase como uma “praga”. Deixa transparecer assim indícios de seu julgamento dos africanos, típico da cosmologia europeia que o orientava. Não acredita na possibilidade de educar negros na Europa, e crê que a colonização é o único meio de melhorar a pobre condição civil e moral de pessoas que, por exemplo, tratam muito mal suas mulheres, mas que por outro lado parecem ser sempre bem humorados e hospitaleiros, a despeito da “propensão criminosa da maioria das tribos selvagens”. As impressões do inglês a respeito dos visitantes a bordo são negativas, e ele os vê através da lente do exótico:

“All were loaded with fetiches of the most heterogeneous kinds; nits of shells, horns, Stones, wood, rags, etc; but the most prized seemed to be a monkey’s bone, to which they paid the same worship that a good catholic would do to the os sacrum of his patron saint. The master fetiche of the Mafook was a piece of most indecent sculpture representing two men, surrounded by the tips of goat’s horns, shells, and other rubbish, and slung over the shoulder with a belt of the skin of a snake.”¹²

¹² “Todos estavam carregados com *fetiches* dos tipos mais heterogêneos; artefatos de conchas, chifres, pedras, madeira, trapos, etc; mas o mais precioso parece ser um osso de macaco, ao qual eles dedicavam a mesma devoção que um bom católico dedicaria ao *os sacrum* de seu santo padroeiro. O principal fetiche dos Mafook

Na introdução do livro de Tuckey, sua personalidade é alçada para junto às de outros exploradores – em sua maioria ingleses – como Cook, Vancouver, Flinders, La Perouse e outros. Demoraria, porém, mais de cinquenta anos para que outro explorador inglês, Henry Morton Stanley, despertasse de maneira tão contundente todo o sentimento de heroísmo que os europeus enxergavam na figura do explorador. E foi Stanley quem acabou por ajudar o Rei Leopoldo II a tomar inicialmente como propriedade particular o que hoje é o Congo. Por esse motivo devo me deter um pouco em sua história.

era a mais indecente escultura representando dois homens, rodeados pelas pontas de chifres de bode, conchas, e outras quinquilharias, e pendurado sobre o ombro com um cinto de pele de cobra”. Narrativa do capitão Tuckey, pp. 63. Tradução livre minha.

Stanley:

Houve um interesse crescente pelo território africano na Europa a partir da segunda metade do século dezenove. Inúmeros exploradores e algumas exploradoras fizeram fama em viagens ao continente africano por essa época, a maioria deles britânicos. Entretanto, um deles se sobressaiu dos demais e ainda hoje é lembrado pelos belgas e também internacionalmente. Nascido em 1841 e registrado com o nome de John Rowlands, Henry Morton Stanley foi jornalista e aventureiro, tanto na América como na África. Tornou-se herói em sua época com suas viagens pelo interior africano, e desempenhou papel fundamental na constituição do Estado Livre do Congo, território controlado pelo Rei Leopoldo II da Bélgica, que posteriormente se tornou o Congo belga, o Zaire e por fim a República Democrática do Congo. A figura de Stanley será re-analisada na conclusão, em que tentarei esboçar uma teoria sobre a representação belga acerca do congolês, ao comparar as impressões que o explorador deixou registradas em seus livros com mecanismos discursivos encontrados nos quadrinhos de Tintim. Por ora basta uma breve apresentação do repórter-explorador, ele mesmo parecendo por diversas vezes um protótipo do que viria a ser Tintim.

Até meados do século XIX, o continente africano fora objeto de interesse sobretudo das sociedades geográficas e de aventureiros europeus, e muito lentamente se iam preenchendo as lacunas dos mapas, embora os exploradores ainda pouco soubessem acerca do interior africano. Do século XVI até meados do XIX, especula-se que 13 milhões de africanos foram deportados para a América

no tráfico de escravos. Entretanto, foram-no em negociações com chefes africanos no litoral atlântico ou com escravistas árabes no sultanato da costa oriental em Zanzibar. O comércio também esteve presente na embocadura do estuário do rio Congo, principalmente com a troca de produtos locais por produtos manufaturados de baixa qualidade procedentes da Europa, mas não no interior.

Em 1866, o explorador e missionário escocês David Livingstone, que já havia passado pela região de Katanga em 1854, partiu em uma expedição pelo interior africano. Entre outros objetivos, a expedição proclamava combater os árabes traficantes de escravos, o que se tornou um dos principais argumentos - maquiado com um humanismo libertário – que, junto com o desenvolvimento científico, legitimavam o colonialismo praticado pelos europeus no período posterior à Revolução Industrial, quando o tráfico de escravos era duramente combatido pela Inglaterra. Livingstone era outro explorador que também buscava a origem do Nilo, mas no final da década de 1860, rumores sobre sua morte começaram a aparecer nos jornais europeus. Uma carta datada de julho de 1868 e recebida em outubro de 1869 foi considerada o último indício de seu paradeiro na época. Uma série de telegramas de viajantes e missionários que afirmavam ter visto o explorador ou conversado com alguém que o havia avistado em algum ponto remoto do continente africano começaram a aparecer na imprensa, o que demonstra o interesse que o público inglês em especial nutria pelo destino de Livingstone. Entretanto, por três anos não se soube com certeza sobre seu paradeiro, tendo sido considerado desaparecido e morto por muitos.

O dono do jornal New York Herald, James Gordon Bennett, encarregou Stanley de organizar uma expedição secreta para encontrar Livingstone, na esperança de conseguir uma boa história. Partindo de Paris, Stanley chegou a presenciar a abertura do canal de Suez em 1869 antes de chegar, em janeiro de 1871, em Zanzibar. Um dos principais portos comerciais, que ligavam o Oriente Médio árabe às rotas do interior do continente partindo da costa oriental, a cidade estava em seu apogeu na época. Após organizar a expedição em Zanzibar, Stanley partiu em direção a Tabora e ao lago Tanganica. Stanley e sua caravana encontraram muitas dificuldades no percurso e diversas doenças atormentaram o grupo – Stanley ficou várias semanas enfermo e seus dois únicos companheiros brancos morreram, um de malária e outro de elefantíase. Entretanto, ao fim de quase oito meses, em outubro ou novembro de 1871¹³, ele fez sua famosa pergunta ao colega e explorador: “*Doctor Livingstone I presume?*”. Tornava então desnecessária uma outra expedição que se preparava com o mesmo objetivo que o seu, a “*The Livingstone Search and Relief Expedition*”, organizada pela The Royal Geographical Society.

¹³ Stanley afirma que o encontro se deu no dia 10 de novembro. Já Livingstone, em seu diário, assinala o dia 28 de outubro. A diferença é comumente atribuída ao longo período em que Livingstone permaneceu sem contato, podendo ter passado a contar erroneamente os dias.



This engraving is a reproduction of the original, and is not a copy of the original. It is a reproduction of the original, and is not a copy of the original. Henry J. Stanley

"Doctor Livingstone, I presume?" Stanley encontra Livingstone em Ujiji perto do lago Tanganica, 1871. Gravura.

O feito apareceu nos jornais da época, ainda que de maneiras diferentes nos diversos países europeus. Na França, Stanley foi recebido com euforia e interesse. Ao retornar para a Europa via Marselha e depois Paris, em agosto de 1872, jornalistas indagaram-no sobre suas aventuras e os perigos que enfrentou. Retrataram Stanley como um homem de aparência jovem, apesar das dificuldades de seu ofício, e como um famoso repórter *yankee* que viajava ao redor do mundo em busca das histórias que interessavam aos leitores do jornal em que trabalhava. Alguém poderia imaginar que se tratava da descrição do próprio Tintim.

Entretanto, na Inglaterra, a recepção a Stanley foi bem diferente. Muitos duvidavam da autenticidade das cartas que Stanley enviara à costa, e outros não consideravam Stanley como um explorador de verdade por não ter descoberto

nada de relevância geográfica, considerando-o um pirata e um charlatão. Discussões sobre sua nacionalidade e seu passado também foram levantadas: Stanley se dizia americano em certas ocasiões, mas britânico em outras. Alguns colonistas britânicos chegaram a acusar Stanley de ter forjado as cartas atribuídas a Livingstone, afirmando que o estilo dos documentos não era inglês, mas americano. O filho do doutor Livingstone teve de escrever uma nota pública atestando que a caligrafia nas cartas de fato pertencia ao seu pai e que ele acreditava na veracidade dos relatos de Stanley. O ministro britânico dos assuntos exteriores, Lord Granville, também escreveu um comunicado favorável à empreitada do explorador para contornar a situação embaraçosa. As coisas tornaram-se complicadas também pelo fato de Livingstone nunca ter voltado – havendo morrido em 1873, próximo ao lago Bangweolo – bem como pelo fato de que os companheiros brancos da expedição de Stanley também haviam perdido a vida, impossibilitando a verificação da história com testemunhos que não fossem os dos negros.

Contudo, aos poucos foi reconhecido pelos próprios ingleses que a expedição havia sido bem sucedida. Stanley recebeu prêmios da rainha Vitória e foi homenageado pela The Royal Geographical Society. No final de 1872 publicou seu livro *“How I found Livingstone”*¹⁴. Gozou de prestígio e fama na Europa e nos Estados Unidos, e em algum momento nessa época foi notado por Leopoldo II da Bélgica, que já alimentava havia algum tempo o desejo por uma colônia

¹⁴ Trabalhei com a edição francesa de 1880, *Comment j'ai Retrouvé Livingstone*, que possui uma introdução explicando os pormenores dos efeitos da expedição de Stanley, com exemplos das manchetes dos jornais da época.

ultramarina, mas cujas tentativas de comprar ou reivindicar um território haviam falhado.

A política internacional belga do final do século XIX:

É necessário trazer alguma luz sobre o contexto histórico do final do século dezenove, no que diz respeito ao posicionamento das potências mundiais quanto aos territórios africanos, bem como sobre o papel desempenhado pela Bélgica nesse quadro, e sobre os esforços de seu soberano Leopoldo II em transformar a região da bacia do Congo em propriedade particular.

Wesseling (1998) lembra que em meados do século XIX o jovem estado belga não tinha nenhuma característica imperialista, como possuíam seus vizinhos europeus. Com uma economia forte, mas baseada na indústria e não no comércio, e mesmo sem uma marinha, a Bélgica não parecia preparada para manter uma colônia no ultramar. Soma-se a isso o fato de que desde o princípio do século países como a Dinamarca, a França e principalmente a Inglaterra já pressionavam internacionalmente outros países para pôr fim à escravidão e ao tráfico, advogando o livre comércio. Portanto, a colonização belga que começou na região do estuário do Congo no final do século XIX não foi exatamente uma consequência esperada dos desenvolvimentos políticos e econômicos do período, assim como não foi a maneira como foi realizada. Foi antes produto de uma configuração histórica muito específica, resultante dos desdobramentos das

expedições exploratórias, da tenacidade, das estratégias de Leopoldo, e da singularidade do caso belga¹⁵.

No jogo político internacional havia considerações como a de que na nova fase do capitalismo internacional não mais se podia entrever proveito no regime de escravidão. A opinião pública sobre a colonização, dentro dos países, se dividia, não sendo poucos (mesmo entre membros do alto escalão dos governos) os que defendiam simplesmente o fim da empreitada colonial, muito dispendiosa. Até a década de 1880 parecia haver um refluxo na mentalidade colonialista de maneira geral, até que finalmente se deflagrasse a “era dos impérios” de que trata Hobsbawm. Por exemplo, políticos e governantes da França e da Inglaterra cogitaram seriamente retirar-se de algumas de suas colônias na costa africana e no Egito, no Sudão, e no Gabão, que estavam dando prejuízos aos cofres públicos, com sérias ameaças à presença militar.

Como veremos, foi o pouco interesse inicial – senão total oposição à idéia – de setores dos governos da França e da Inglaterra em reconhecer e reivindicar os territórios recém “descobertos” pelos exploradores do final do século – ingleses e franceses, não belgas – um dos fatores que permitiram ao monarca belga abocanhar uma das melhores e maiores fatias da África. Ainda assim, foi a França que iniciou a partilha africana, com a ocupação da Tunísia e dos territórios da África Ocidental. E a Grã-Bretanha, por sua vez, que se preocupava muito com a influência francesa no Egito, ocupou o país africano, menos pelo interesse no

¹⁵ Faço referência à análise de Thomaz (2003), que alerta para as especificidades dos territórios colonizados que interferem com a política dos colonizadores, mas também para as especificidades destes. Assim, o caso da colonização belga é diferente do caso francês, inglês ou português.

continente do que pela importância estratégica do canal de Suez no Mediterrâneo, marcando o tom da divisão que se iniciaria brevemente.

O fato de que até a década de 1860 a preocupação com o continente africano não figurava entre as mais importantes nas agendas dos governos ocidentais levava a que a política europeia concernente à África se limitasse aos ministérios das Colônias ou da Marinha, e muitas vezes ficasse a cargo da iniciativa local. Contanto que não suscitasse problemas diplomáticos com outras potências, o que era deliberado localmente era rapidamente ratificado pelas Câmaras centrais. A presença europeia – com exceção da África mediterrânea – restringia-se ao largo da costa, com soberania ocidental em alguns pontos: Moçambique, Angola, Senegal, Serra Leoa e África do Sul.

A situação começou a mudar um pouco a partir da década de 1870, com a descoberta de diamantes no Transvaal, ouro no Rand e cobre na Rodésia, embora a abertura do canal de Suez, em 1869, tivesse constituído peça importante no ressurgimento de algum entusiasmo colonial. A implantação de filiais comerciais de indústrias inglesas, holandesas e francesas na África caracterizava, entretanto, o fim do período da troca e o início do imperialismo aliado ao capitalismo financeiro. Os avanços na ferrovia, no telégrafo e na navegação a vapor tornavam o mundo "menor", política e economicamente, com o crescimento do mercado internacional dos produtos primários¹⁶ e a busca de abertura de novos mercados.

Hobsbawm (1992) atribui de fato à crença na necessidade de exportação – mesmo que esta não tenha sido efetivada em certas ocasiões – o principal motivo

¹⁶ O que viria a produzir uma distinção fundamental entre o colonialismo chamado de 'povoamento' e o de simples exploração das matérias primas necessárias à indústria capitalista ocidental.

para o re-aquecimento do colonialismo no final do século XIX e no início do século XX. A economia e a política deram o tom do imperialismo que as nações praticariam nesse momento, em uma combinação da rivalidade política dos Estados com a concorrência econômica de grupos nacionais.

Hobsbawm atenta nesse sentido para o papel que o desenvolvimento tecnológico, através da atualização das técnicas surgidas com a revolução industrial no início do século, bem como a transformação do capitalismo, via racionalização da produção, a concentração de capital e mudanças no mercado de bens de consumo tiveram em acentuar a defasagem entre as nações que tinham ou não os meios de produção. O uso, por exemplo, de novos remédios, de explosivos, de metralhadoras¹⁷ e do transporte a vapor facilitaram ainda mais a empreitada colonial de novo tipo. Políticas menos óbvias também contribuíram, tais como a imposição lingüística como forma de uniformizar o território e controlá-lo administrativamente¹⁸.

Ainda que naquele momento os governos europeus não se mostrassem dispostos a custear nas colônias a ocupação e a infra-estrutura necessárias para efetivar essa nova potencialidade, já se iniciava o que Brunschwig (1974) identifica como o mecanismo distintivo da colonização moderna: a garantia dos meios para que companhias concessionárias agissem de fato no local, sob “esferas de

¹⁷ Stanley registra em seu diário as maravilhas do novo rifle de repetição, responsável pela morte de muitos africanos que “ousaram” se interpor em seu caminho. A despeito do fato de os fuzis de repetição Spencer e Henry já haverem sido usados na Guerra Civil americana, o exército inglês ainda usava fuzis de tiro único e grande calibre até a Guerra Zulu em 1879, o que resultou em derrotas iniciais dos regimentos britânicos.

¹⁸ Uma das estratégias desse novo tipo de poder colonial foi a imposição do suaíle como língua franca geral no território congolês: uma tentativa de disciplinar os “nativos” e facilitar a operação do sistema colonial. Tal política lingüística, ainda que originada durante o período do Estado Independente do Congo, recebeu maior atenção sob o governo do Estado belga, como mostra o instigante estudo de Fabian (1986).

influência” cedidas a elas, em teoria sem dispor de meios militares mas utilizando apenas pessoal e capital, visando sobretudo o desenvolvimento de estradas e ferrovias.

Nos primórdios da colonização belga vigorava, entretanto, uma política muito diferente. A ocupação belga era brutal, visando basicamente a extração dos bens primários encontrados na floresta. Mesmo assim, a promessa de uma colonização baseada no comércio foi um dos principais motivos que levaram as potências ocidentais a reconhecer o surgimento do Estado Independente do Congo do Rei Leopoldo II.

B) Leopoldo II e o Estado Independente do Congo:

Leopoldo normalmente é retratado como um homem de uma ambição gigantesca, de mente astuta e métodos engenhosos para atingir seus objetivos. Hochschild (1999) o descreveu como um homem que, quando jovem, tinha como seu principal interesse a Geografia. Desde que se tornara soberano da Bélgica, Leopoldo consultava assessores e rondava outros governantes sobre a possibilidade de venda de alguma colônia e desenvolvia projetos de colonização com uma devoção quase obsessiva.

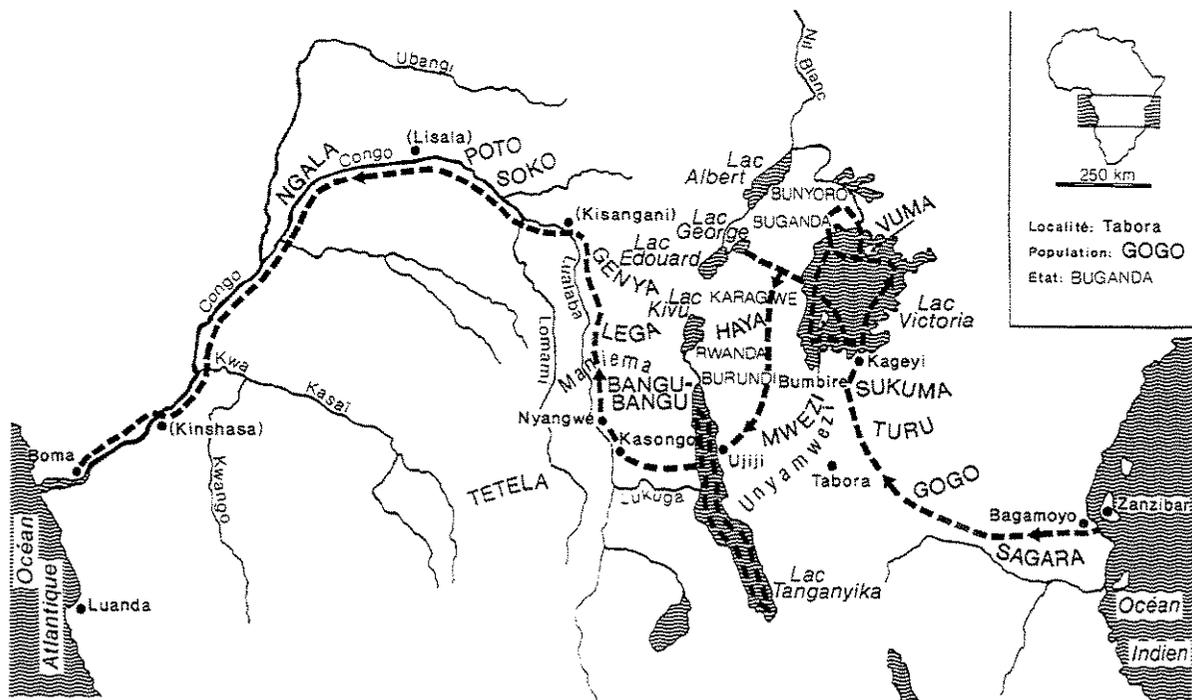


Buscava desde a década de 1860 convencer, em vão, o governo de seu país a lançar-se ao colonialismo. E quando correu a notícia de que a exploração que Stanley havia organizado para encontrar Livingstone obtivera sucesso, Leopoldo estava atento, já que havia algum tempo acompanhava os progressos dos exploradores na África, cultivando uma imagem de benfeitor da empreitada da exploração que somente cresceria nos próximos anos.

Reclamou então a posição de neutralidade de seu país para dar-se ares de filantropia, explorando o filão da simpatia existente naquele momento para com os que delatavam a barbárie dos escravistas árabes: organizou em 1876 a Conferência Geográfica em Bruxelas, convidando exploradores estrangeiros e impressionando-os com sua hospitalidade e com seu interesse beneficente e humanitário. Nessa conferência fundou-se a Associação Internacional Africana, com sede em Bruxelas, cujo objetivo era promover a implantação de rotas e de postos avançados na região do estuário do Congo, para o bem da ciência e dos africanos subjugados, e para combater o tráfico de escravos. Os comitês nacionais participantes da Conferência delegariam dois membros para um comitê internacional que trataria de executar as diretrizes definidas.

Por essa época, Stanley se encontrava de volta ao interior da África, e tendo encontrado o rio Lualaba, resolveu acompanhá-lo, imaginando que poderia ser parte do rio Congo. Dessa vez, com uma expedição muito maior do que a que organizara para encontrar Livingstone, Stanley enfrentou muito mais problemas também, tendo demorado três anos para concluir a travessia. Enfrentou e matou muitos africanos no caminho, perdeu muitos homens em consequência de doença,

exaustão ou simplesmente fome, inclusive seus três únicos companheiros brancos – o que de novo fez com que os feitos que Stanley disse ter realizado não pudessem ser confirmados por nenhuma testemunha confiável¹⁹. Anotou que todo o enorme rio era navegável até perto da costa, onde as quedas – batizadas de Stanley Falls – impediam a travessia. Finalmente surgiu do outro lado da África, no estuário de Boma, a 9 de agosto de 1877, magro e doente. Publicou a façanha mais tarde em seu livro *“Through the Dark Continent”* – o primeiro dos livros do explorador em que este empregou o termo “dark” ao se referir ao continente africano.



Itinerário da “Expedição Anglo-Americana” de Stanley, 1874-1877 (desenho J. Ley)

¹⁹ Como lembra Hochschild (1999), nunca se considerou na época a hipótese de que os negros pudessem ser testemunhas.

Assim que regressou à Europa foi logo contatado pelo Rei Leopoldo graças à intermediação do antigo embaixador americano na Bélgica, Henry Shelton Sanford, que ofereceu emprego ao explorador. Este, decepcionado com o pouco interesse político dos governos inglês e americano, que não haviam apoiado suas intenções de utilizar suas descobertas africanas para anexação de territórios, concordou em trabalhar para alguém que demonstrava com luxo e pompa que realmente dava importância aos seus feitos.

De fato, foi durante os primeiros anos da década de 1880 que as expedições de Stanley passaram a ser organizadas pelo Comitê de Estudos do Alto Congo²⁰ - órgão criado pelo monarca belga, atuando como particular e não como chefe de Estado. O objetivo de Leopoldo era a criação de um Estado independente no Congo, através da implantação de três estações independentes de transporte e comércio, bem como da assinatura de tratados e acordos – se não forçados e coagidos, no mínimo nebulosos – com os chefes africanos espalhados pelo interior. No final, tais iniciativas garantiriam a posse jurídica de todo o território para Leopoldo.

O mesmo ocorreu no caso francês, em que outro explorador, o oficial da marinha francesa Pierre Savorgnan de Brazza, também assinou acordos e reclamou territórios, ainda que inicialmente sem muito apoio oficial de seu governo. As explorações de Brazza acabariam, na verdade, por contribuir para a criação do Estado Independente do Congo. Em uma verdadeira corrida com Stanley para assinar o maior número de acordos, os dois trocavam farpas na

²⁰ Tratava-se, na verdade, de um sindicato financeiro belga, holandês e inglês que tinha Leopoldo como patrono.

imprensa. Foram de fato os “agentes de campo” na partilha da porção ocidental africana. Stanley e Leopoldo terminaram por levar a melhor, mas os acordos firmados por Brazza, na margem norte do rio Congo, possibilitaram a criação do Congo francês, cuja capital foi batizada de Brazzaville.

Em 1880, em uma de suas expedições, Brazza firmou tratados com os chefes locais, garantindo ao governo francês territórios da costa ocidental africana. O tratado em que garantia os territórios batekê, por exemplo, foi ratificado pela Câmara Nacional em novembro de 1882, e Brazza foi incumbido de expandir o domínio francês na bacia do Congo. Leopoldo pediu então que Stanley se apressasse em organizar os alicerces de seu Estado Independente, ao mesmo tempo em que enviava o mesmo embaixador Sanford para conseguir o reconhecimento da Associação Internacional Africana e de seus objetivos no Congo pelo governo americano.

O Rei Leopoldo procurava convencer através do argumento econômico, tendo proposto publicamente que, se tivesse o controle do território, transformá-lo-ia em uma zona de livre comércio. O argumento econômico contava com o lobby de Stanley, que não se cansava de contar as maravilhas e as possibilidades de um comércio africano, e angariou um certo apoio inglês.

Mas, enquanto Stanley partia de volta à África para continuar com as explorações de fachada humanitário-científicas no continente, ao mesmo tempo em que assinava acordos e construía uma estrada de ferro²¹ que ligava o litoral à parte navegável do rio Congo, Leopoldo criou a Associação Internacional do

²¹ Stanley ganhou nessa época o título de *Boula-Matari*, algo como o “destruidor de rochas”.

Congo, exatamente para confundir com a filantrópica, mas ineficiente, Associação Internacional Africana, adotando para as duas a mesma bandeira azul com a estrela dourada, sempre com objetivos manifestos de humanitarismo e ajuda à ciência. Nas palavras de Leopoldo:

*“Il y a deux écueils à éviter. Il faut se garder de froisser les sentiments religieux du peuple anglais, et éviter tout ce qui donnerait à l'Association africaine l'apparence d'une attitude hostile ou même indifférente à la propagation de la foi”.*²²

Sob os auspícios da Associação Internacional Africana e de sua bandeira, e manifestando intenções de criar uma grande zona de livre comércio e de combate ao tráfico de escravos, Sanford levou o governo dos Estados Unidos a reconhecer a soberania do Congo a 22 de abril de 1884, louvando o empreendimento humanitário do bom Rei Leopoldo II. Entretanto, reconhecia-se de fato a Associação Internacional do Congo, controlada por Leopoldo, enquanto se pensava que esta era a filantrópica e falida Associação Internacional Africana.

De novembro de 1884 a fevereiro de 1885, aconteceu em Berlim uma conferência que reuniu representantes de várias nações²³ para decidir o destino da bacia africana. Notavelmente o governo francês da Terceira República de Jules

²² “Há dois perigos a se evitar. É necessário não ofender os sentimentos religiosos do povo inglês, e evitar tudo o que dê à Associação africana a aparência de uma atitude hostil ou mesmo indiferente à propagação da fé”. Apud Merlier (1962), pp. 16. Tradução livre minha.

²³ Sem a presença de nenhum representante africano.

Ferry, primeiro ministro de seu país, aceitou participar e mandar um representante, coroando assim de êxito os esforços de Bismarck em reaproximar França e Alemanha, cujas relações eram tensas desde os conflitos que tinham resultado na perda francesa da Alsácia-Lorena em 1870.

Os principais pontos no tocante ao caso africano seriam: a resolução da questão da liberdade de comércio na bacia do Congo; o compromisso do combate à escravidão pelos países signatários; uma posição quanto à neutralidade do território; a tentativa de aplicar a liberdade internacional de navegação no Níger e no Congo, seguindo o precedente enunciado na Ata Final do Congresso de Viena que previa a navegação livre no Danúbio; e a definição para a ocupação efetiva na África²⁴.

Sanford e Stanley estavam presentes como membros da delegação americana e, junto com os esforços paralelos de Leopoldo, desempenharam importante papel. Bismarck logo aceitou o pavilhão da Associação Internacional do Congo, com a promessa de livre comércio, imaginando assim que se precava contra a posse da região pelas outras potências. Inicialmente as deliberações sobre o Congo, aprovadas pela Inglaterra em 16 de dezembro, não incluíam a região de Katanga. Entretanto, em 24 de dezembro, Leopoldo pediu a inclusão de Katanga, e foi atendido novamente por Bismarck, e pela Inglaterra em seguida, no que pareceu ser um engano dos funcionários ingleses, que ratificaram o projeto

²⁴ Cf. Brunschwig, 1974, que insiste em demonstrar que a Conferência não tinha inicialmente a intenção, nem sequer teve o resultado, de definir a partilha do continente pelas potências. Isso só se daria nos tratados internacionais do final da década, pelo mecanismo das "esferas de influência". O autor lembra, entretanto, que tendo em fim se definido a partilha, as fronteiras produzidas se mantiveram mais ou menos as mesmas até depois das independências com a descolonização, a despeito da separação de grupos inicialmente próximos ou da aglutinação de etnias muito diferentes em um mesmo território nacional. O maior produto do encontro foi de fato o reconhecimento oficial do Estado Independente do Congo.

imaginando que seu superior tinha conhecimento do pedido. Os franceses concordaram em 5 de fevereiro, com a condição do reconhecimento por Leopoldo da posse pelos franceses dos territórios ao norte da embocadura, além do compromisso do direito de preempção do Congo ao governo francês caso Leopoldo não conseguisse ter sucesso na empreitada. O Rei já havia tentado Jules Ferry com esta garantia logo após o reconhecimento americano, mas agora o acordo tinha uma ressalva: o Estado belga tinha prioridade sobre qualquer outro, caso a empreitada individual de Leopoldo fracassasse.

A neutralidade²⁵ que se imaginava reservada à região foi vetada pela França e por Portugal, que já tinham soberania em certas partes, sendo considerada então facultativa. Poucos meses depois, o Congo reconhecido foi batizado de Estado Independente do Congo e Leopoldo utilizou-se da ressalva que tornara facultativa a neutralidade e fechou a região ao comércio para qualquer companhia não autorizada.

No discurso de encerramento da Conferência, Bismarck proclamara:

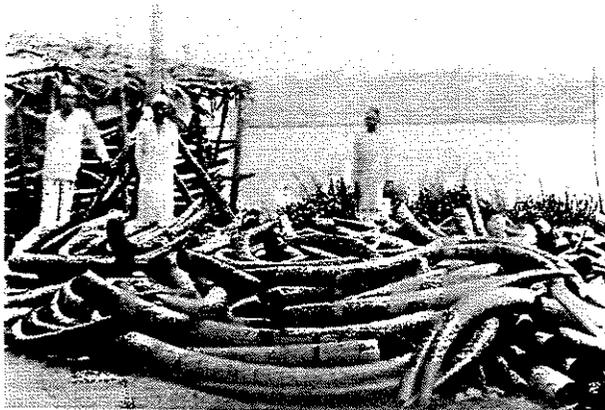
“Senhores, eu creio corresponder ao sentimento da Assembléia, saudando dessa maneira com satisfação a resolução da AIC e fazendo notar sua adesão às nossas iniciativas.”

²⁵O enorme tamanho do Congo deve-se em grande parte à aprovação da maioria das potências, que imaginaram uma enorme região neutra de livre comércio.

O novo Estado do Congo é chamado a tornar-se um dos principais guardiões da obra que temos em vista, e eu faço votos a seu próspero desenvolvimento e à realização das nobres aspirações de seu ilustre fundador.²⁶

O Terror:

Inicialmente a maior parte do lucro que era retirado do Congo vinha do abundante marfim extraído dos elefantes e vendido na Europa e nos Estados Unidos, mas no final da década de 1880 criar-se-ia uma demanda por borracha para a indústria que rendeu fortunas, com base em trabalho escravo, expedições punitivas e milhões de mortes.



Estoque de marfim perto de Stanley Falls. A borracha no Museu Real de Tervuren.

Eventualmente foram descobertas as atrocidades e o regime de trabalho forçado foi denunciado. Hochschild lembra, por exemplo, o papel crítico que

²⁶ Apud Brunschwig (1974), pp. 46.

desempenharam missionários, e mesmo os funcionários coloniais. George Washington Williams escreveu indignado, logo em meados de 1890, sobre os horrores no Congo. William Sheppard e outros missionários protestantes também escreveram aos jornais e às autoridades, e um funcionário de uma companhia de navegação inglesa responsável pelo transporte de parte das mercadorias oriundas do Congo, Edmund Morel, empreendeu uma cruzada contra Leopoldo, conseguindo o apoio de parlamentares britânicos para aprovar uma moção de protesto contra Leopoldo em 1903. Foi assim que o cônsul inglês no Congo, Roger Casement, foi encarregado pelo Ministério do Exterior de apresentar um relatório da situação na colônia africana. Casement trabalhava no Congo desde 1883 e participara em 1887 de uma expedição de Stanley para resgatar Emin Pasha, governador de uma província sudanesa com divisa com o Congo, que havia pedido auxílio da Grã-Bretanha para resistir ao avanço rebelde mahdista, que já havia matado o governador-geral inglês do Sudão.

É necessário um pequeno parêntesis para estudar o que aconteceu durante essa expedição, já que foi na tentativa de resgatar Emin Pasha que o terror que Stanley representou adquiriu sua forma mais clara. Hochschild (1999) afirma que essa expedição foi a oportunidade para que Leopoldo, usando Stanley, explorasse mais um pedaço do interior de sua colônia, tentando anexar a região do vale do Nilo ao Estado do Congo²⁷. Pasha, um alemão que foi considerado um herói civilizador, angariou simpatia e exacerbou o sentimento antiislâmico ao pedir auxílio contra os rebeldes mahdistas. Quantias imensas de dinheiro e suprimentos

²⁷ Cf. Hochschild (1999), pp. 107.

de armas novas e melhoradas foram postas a disposição de Stanley para salvar o governador. A expedição, que teve que sair do Congo como condição imposta por Leopoldo para liberar Stanley, abriu o caminho à força pela floresta, deixando um rastro de violência por onde passava. Stanley, enlouquecido pelas deserções e pela incompetência de seus homens, mandou chicotear muitos deles e chegou a enforçar um desertor. Mandava raptar mulheres e crianças nas aldeias que encontrava para forçar os homens a fornecerem comida, havendo relatos de crueldade sem propósito: execuções de africanos como simples esporte. Metade dos homens da coluna de Stanley desertou, se perdeu ou morreu na floresta, de fome, doença ou nos ataques dos habitantes locais horrorizados com os invasores. Desgraçadamente, ao chegar, Stanley constatou que Pasha não estava mais em perigo havia muito tempo. O fracasso se completou quando este também declinou da proposta de Leopoldo de anexação, tornando toda a expedição apenas um episódio sangrento que contribuiu para a construção da idéia do horror africano.

Casement já havia presenciado, portanto, o sadismo de Stanley, e veio a ser um dos principais opositores ao regime de Leopoldo com conhecimento de causa, pois observou diversos outros exemplos de crueldade cometidos no Congo nos anos seguintes. Conheceu Joseph Conrad em 1890, que nessa época o tinha em boa estima²⁸, e em 1900 tornou-se o primeiro cônsul britânico no Congo. Ao receber a incumbência da Câmara dos Comuns de elaborar relatórios sobre a situação na região, partiu para a investigação no interior. Ultrajado com o que

²⁸ Taussig (1993) mostra como as atitudes do escritor mudariam com o passar dos anos, sobretudo quando Casement enfrentou as acusações de traição e homossexualismo.

encontrou, juntou-se ao coro de denúncia do regime de Leopoldo e tornou-se amigo de Morel, ajudando-o a criar a *Associação para a Reforma do Congo*²⁹ em 1904.

A imagem do Rei Leopoldo começou a ser atacada, e aos poucos a figura humanitária deu lugar à de tirano responsável pela violência no Congo, com que assegurava a extração da borracha, do marfim e do óleo de palmeira. Os relatos e as provas das atrocidades causaram revolta ao denunciar o regime de trabalho escravo, e, principalmente, o método de controle



por meio das mãos cortadas: as tropas das forças de segurança (*Force Publique*) do Estado Independente, que voltavam de excursões punitivas, tinham de prestar contas da munição despendida com a apresentação de mãos direitas em número correspondente.

Conferências foram feitas para se discutir a exploração, figuras ilustres escreveram a respeito, e jornais parodiaram o despotismo do Rei. Em 1905, Mark Twain escreveu *Solilóquio do Rei Leopoldo: A Defesa do Governo do Congo*, em que parodia a ganância e a imagem humanitária que Leopoldo sempre tentou transmitir. O texto também denunciou o não cumprimento do compromisso firmado pelo monarca, que permitiria o livre comércio internacional no Congo. Mostrou a maneira pela qual o presidente dos Estados Unidos foi iludido pela lábia do Rei, a

²⁹ Em inglês *Congo Reform Association*.

violência na exploração do marfim e da borracha, e o modo como os africanos que tentavam fugir do trabalho forçado eram caçados por outros africanos da *Force Publique*. Criticou também a Comissão de Inquérito criada no Parlamento belga, após a pressão inglesa, para investigar as atrocidades, citando missionários e funcionários que denunciavam e descreviam o que acontecia no Congo.

Em outro texto de 1905, *Um erro original*, Twain chama a atenção para o absurdo da discussão suscitada no parlamento belga, em decorrência da citada Comissão de Investigação. Essa comissão foi formada quase exclusivamente por pessoas envolvidas na colonização do Congo. De maneira surpreendente, entretanto, os membros da Comissão não haviam elaborado o relatório final que Leopoldo esperava, após terem sido confrontados com uma quantidade absurda de provas das atrocidades cometidas – a inda que isso de fato não tenha dado ensejo a providências importantes, mas somente a recomendações e advertências. O texto de Twain também enumera todos os reconhecimentos elogiosos – a partir do primeiro, pelo presidente americano – de autoridades americanas à empresa de Leopoldo, o que, para o autor, tornava os Estados Unidos responsáveis pela situação.

Lembra igualmente um fato que passou despercebido pela imprensa: o suicídio do principal funcionário belga no Congo, o governador-geral Paul Costermans. Costermans, logo após haver lido o relatório da Comissão, antes que fosse entregue ao Rei, se trancou em seu escritório, escreveu um bilhete confirmando os fatos levantados pelo documento e a ciência do Rei quanto ao que acontecia, e depois cortado a própria garganta. Um dos juízes teria chorado ao ler

o relatório, que acabou por reiterar, a despeito do que esperava Leopoldo, a maior parte das denúncias de Morel e Casement. Leopoldo hesitou muito tempo antes de torná-lo público, mas novembro de 1905 não foi mais possível adiar sua publicação.

A pressão acabou por tornar-se muito grande e fez com que em 1908 Leopoldo vendesse o território ao governo belga, que inicialmente não tinha interesse em assumir a colônia, mas que enfim assumiu as dívidas e oficializou a colonização belga no Congo.

Segundo Merlier (1962), o primeiro sistema colonial congolês – o período “leopoldiano” – caracterizou-se pela exportação através de colheita extensiva, pelo monopólio comercial com a concessão de imensos territórios às companhias dos grupos ligados a Leopoldo, pelo trabalho forçado, pelas altas tarifas ferroviárias e fluviais e pela economia de pilhagem. Entretanto, o sistema entrou em crise nos primeiros anos do século XX, o que também influenciou a decisão de Leopoldo no sentido de vender o Congo. O monopólio do Rei foi atacado por grupos rivais que reivindicavam o exercício pleno do acordo firmado em Berlim; a borracha entrou em crise em 1906 com a concorrência da extração brasileira, o que fez com que a Bélgica investisse preferencialmente na Malásia que, devido a melhores técnicas de plantio e à utilização de trabalho assalariado, produzia borracha a baixo custo. A queda da produção da borracha no Congo e os limites do modelo original de exploração contribuíram para a passagem a um novo período colonial. Por essa época, de fato, Leopoldo, além de ser atacado internacionalmente em razão das atrocidades cometidas e do monopólio comercial ilegítimo, enfrentava

internamente a oposição política dos socialistas belgas, que propunham uma colonização diferente da dos conservadores, que apoiavam o soberano belga.

C) O período do Congo Belga:

O que tinha se caracterizado nos 24 anos de exploração no Estado Independente como o modo primitivo de colonização no Congo viria a mudar durante o período em que o país foi administrado pelo Estado belga, mas apenas em certa medida. Merlier (1962) afirma, por exemplo, que Edmund Morel – como todos em sua época – não se opunha à empreitada colonialista, mas apenas à violenta administração praticada por Leopoldo. A seus olhos a colonização inglesa, por exemplo, mostrava-se legítima, ao propor a garantia da propriedade da terra e do livre comércio entre africanos e europeus: “*A pilhagem cínica é então substituída por formas de exploração mais refinadas e mais eficazes*”³⁰.

Se a cruzada humanitária contra os métodos empregados no Estado Independente conseguiu fazer com que diminuíssem drasticamente os relatos de mutilação e massacre, a nova administração “racional” trouxe o imposto e uma nova maneira de explorar a borracha e os recursos naturais, principalmente depois da Primeira Guerra Mundial. Do terror do período anterior, narrado por homens como Roger Casement, passou-se a uma percepção paternalista do Congo.

Não quero dizer que o regime de Leopoldo não legitimasse sua política com argumentos paternalistas, nem que o colonialismo durante o período do Congo Belga não empregasse a força. O discurso sobre o Congo inclui o Terror e o

³⁰ Merlier (1962), pp. 37. Tradução livre minha.

Paternalismo, ao longo de todos os períodos da colonização. Entretanto, as narrativas características de cada período enfatizam ora um, ora outro aspecto desse “mito de origem” do Congo, de acordo com o momento histórico em que se inserem.

A violência, ainda que existente nesse período, foi progressivamente racionalizada. Estabeleceram-se normas e medidas para conferir uma legitimidade civilizadora ao emprego da força, a construção de um conhecimento preciso da exploração e das formas utilizadas para mantê-la. Hochschild (1999) cita algumas cifras que demonstram esse cálculo da violência: em 1920, os funcionários de uma mina de ouro no alto rio Uele registraram o emprego de 26579 chicotadas durante o primeiro semestre do ano. A importância desse tipo de dado não é determinar se houveram mais ou menos mortos do que na época de Leopoldo, mas mostrar a preocupação existente com o controle da violência.

O recrutamento para o trabalho era quase tão brutal quanto antes, mas não se fez tanto alarde quanto na época de Leopoldo. Hochschild lembra, por exemplo, que o trecho ferroviário Matadi-Leopoldville foi reconstruído entre 1921 e 1931, matando mais trabalhadores que durante a construção do trecho original. Não era mais permitida a mutilação punitiva, mas os impostos criados sobre o comércio e a produção aprisionaram milhões de congolezes sob condições precárias de trabalho.

Apesar de o governo belga não ter empregado os métodos macabros de Leopoldo, utilizou o chicote até poucos meses antes da independência, além de outras formas de sujeição simbólica, que, apesar de não serem necessariamente

físicas, não deixam de ser extremamente cruéis, como mostram os relatos de antigos administradores belgas analisados por Wrong (2000). Muitas das condições reinantes na administração das empresas presentes no país pouco mudaram após a passagem do Congo para o Estado belga: “as coisas permaneceram as mesmas, o sistema era quase tão brutal quanto, apenas mais hipócrita”³¹, teria dito Jules Marchal, ex-administrador colonial e embaixador que depois escreveu denunciando os excessos cometidos. Aqui Wrong sugere uma correspondência entre a má administração belga no Congo e a própria divisão interna da Bélgica, presa a uma dicotomia que a torna “incapaz de se resolver como nação”³².

Apesar da violência, que continuou a ser empregada no Congo, mesmo que fosse mais controlada, a colonização belga é pensada como um período de desenvolvimento da infra-estrutura na colônia. O contraste com o mal-estar, advindo da violência da época do Estado Independente, reforçou como nunca a imagem de paternalismo no Congo Belga.

A nova administração trazia a liberdade comercial, o rebaixamento das tarifas de transporte às empresas, uma agricultura de exportação reorganizada, menores concessões, e a cobrança de imposto fiscal, que incidia principalmente

³¹ Apud Wrong (2001), pp. 51. Tradução livre minha.

³² Marchal é apresentado como orgulhoso membro da minoria flamenga, desgostoso e ressentido do domínio e das mentiras tomadas oficiais pela maioria francófila, na Bélgica e no Congo. O estudo de Martiniello (1992) sobre a imigração italiana na Bélgica traz algumas considerações interessantes a esse respeito. O autor identifica na política de “inclusão discriminatória” do governo belga em relação aos imigrantes, que assegurava alguns direitos à população estrangeira residente na Bélgica, ao mesmo tempo em que os classificava como excepcionais, uma demonstração dos problemas étnicos enfrentados no interior do próprio país, que construiu uma unidade frágil entre flamengos e valões. A unidade política sem unidade nacional se expressa, segundo Martiniello, nas constantes tensões e divisões no país, e num contínuo processo institucionalizado visando a unidade social. Diversos mecanismos, comissões e conclaves tentam construir uma harmonia entre as partes, o que fez com que os belgas fossem retratados como mestres em contemporizar, o “pacte à la belge”, sempre à sombra da própria auto-destruição.

sobre os trabalhadores africanos, através de uma burocracia aliada à coerção armada da *Force Publique*. A criação de um proletariado, desde a construção das estradas de ferro, se acelerou a partir dos anos 20, ainda que tenha coexistido com o trabalho forçado indireto. O Ministério das Colônias imaginava que tal medida fosse “estimular o trabalho indígena”, e que de outra maneira os congolezes não chegariam a um estado de evolução que permitisse o comércio e o trabalho. Merlier (1962) lembra que se justificava tal administração com o argumento de que ela facilitaria a “penetração da civilização e comércio”.

Também a extração do marfim e a colheita dos produtos agrícolas e da borracha cedem importância à mineração. Da crise do primeiro sistema colonial, surgem confrontos entre os antigos grupos de empresas no Congo – sobretudo o grupo Thys – e novas companhias de construção civil e mineiras – como a *Union Minière di Haute Katanka*, que era o resultado da fusão da *British Tanganyika Concessions*, inglesa e do *Comité Spécial du Catanga*, do governo belga, e que exerceu muita influência no rumo político do país – controladas por grupos financeiros belgas (como a *Société Générale*), ingleses e americanos. A tarifa fluvial e ferroviária caiu muito na nova administração, e os novos grupos assumiram o controle de novas estradas de ferro, abrindo caminho para uma nova fase colonial, comprometida com o capitalismo internacional.

Se a promessa de livre comércio com que o Congo foi fundado nunca veio de fato a se concretizar tal como definida no Congresso de Berlim, o caminho para a introdução de grandes empresas internacionais na exploração e no comércio foi aberto já à época de Leopoldo, e depois ampliado, durante a colonização belga –

empresas essas cujos interesses seriam intervenientes em muitos dos processos ocorridos na época da independência e nos anos de mobutismo, assim como estão presentes nos conflitos atuais, mas que já tinham suas raízes no governo de Leopoldo. Na análise dos quadrinhos veremos como esses interesses, considerados como uma das causas dos problemas enfrentados no Congo, são resgatados por Hergé: na história *Tintim no Congo*, por exemplo, aparecem proprietários de jornais de diversos países que disputam a exclusividade da história do repórter, e no final da história descobre-se que *gângsters* americanos pretendiam controlar a produção de diamantes da colônia.

É interessante constatar os esforços do governo belga em produzir no Congo uma unidade, em um primeiro momento entre as diferenças africanas e, posteriormente, entre brancos e negros. Fabian (1986), em seu estudo, lembra que a proposta de bilingüismo no Congo seguia o mesmo modelo da constituição belga, e que a pressão flamenga contra o uso isolado do francês na colônia deve ser compreendida no contexto da disputa lingüística semelhante existente na própria Bélgica. Por outro lado, havia a resistência da elite francófila, que procurou colocar o holandês no Congo como língua apenas nominalmente representativa, reproduzindo novamente a hierarquia lingüística da metrópole em que o francês é o idioma usado nas instâncias governamentais. Foi garantido o uso do holandês e de outras línguas africanas, mas também foi que o francês tinha precedência no uso prático-governamental nas agências coloniais.

O trabalho forçado deixou sua marca, e de fato continuou a existir depois de 1908, mas foi a tentativa de imposição de relações de propriedade e de trabalho,

bem como uma política oficial de constituição de uma unidade nacional, em conjunto com o aperfeiçoamento das políticas econômicas dos grupos internacionais, que marcaram o Congo pós-Leopoldo. A introdução de uma moeda única, em conjunto com a adoção de uma língua oficial, atestam os esforços melhor e mais planejados nesse sentido durante o período da colonização pelo governo belga.

Inicialmente o *mitako*, uma moeda de latão e depois de cobre, que tinha espessura e comprimento variáveis, serviu de moeda para as trocas de alimento, vestuário, produtos europeus e trabalho. Após 1904, o Estado Independente adotou o *mocandes*, nota pagável nos postos estatais, que permitiu o estabelecimento dos mercados de borracha e de tecido, além de escoar as



mercadorias européias de segunda classe, vendidas aos congolezes. Merlier atenta para os consideráveis lucros provenientes da venda de tecidos, roupas usadas, pólvora e armas antiquadas no Estado Independente. E comenta os relatos de europeus que desdenham das vestes espalhafatosas adquiridas pelos africanos, as quais destoavam dos padrões ocidentais de elegância da época.³³

O mencionado estudo de Fabian, sobre a introdução e a “difusão” do suaïle no território também é um ótimo exemplo da “dominação racional” característica da política oficial belga. A linguagem estudada e depois regulada figura, juntamente com a educação e a economia, entre os aspectos mais relevantes

³³ Mostrarei no segundo capítulo como Hergé exemplificou o juízo que os europeus faziam do fato de os africanos “imitarem pobre e ridiculamente” os hábitos europeus, no álbum Tintim na África.

para a compreensão da dominação política no Congo. Como parte do processo colonial, Fabian afirma que o próprio recurso de re-nomear lugares e coisas já faz parte do processo de dominação pela linguagem.

A publicação do primeiro dicionário *français-kisouahili* data de 1880, em Bruxelas, patrocinado pela Associação Internacional Africana. Seguiu-se uma segunda publicação, em 1894, já editada pelo Estado Independente do Congo, contendo cerca de 2.000 termos. Estes primeiros manuais lingüísticos, compilados durante o período das expedições, caracterizavam-se por serem uma reunião mais ou menos livre de diversos termos gerais. Passaram então a ser mais restritamente utilizados em contextos militares e de controle colonial efetivo, acompanhando a mudança ocorrida na política européia para o território. Os manuais foram sendo aprimorados, e passaram a fazer parte do treinamento dos funcionários belgas. Estes, ao chegar ao Congo, deveriam estudar inglês para se comunicar com os missionários protestantes, e, se fossem para a região “árabe” no leste, suaíle também. No caso do uso militar e administrativo, era visado o uso pragmático dos vocabulários traduzidos, de modo a se conhecer termos gerais e modos de comandar e distribuir instruções.

Os esforços do governo em adotar uma única língua, além do francês, que facilitasse a empreitada colonial foram, em um primeiro momento, no sentido de incentivar o aprendizado do Lingala-Bangala. Os sucessos medíocres dos esforços dos agentes coloniais em desenvolver uma simples compilação para o francês acabaram por enfraquecer a tentativa – o que, somando-se à competição que o suaíle representava no leste, fez com que o projeto de uma língua em todo

o território não funcionasse na prática. O lingala era utilizado, entretanto, pelos membros da *Force Publique* e mais falado na costa oeste. Leopoldville-Kinshasa, de um lado, e os territórios orientais de Katanga, de outro, possuíam então essa divisão lingüística, e o conflito de esferas de influência e interesses econômicos na verdade já existia antes mesmo do controle belga, que foi informado por essa dicotomia, que agravou-se no processo de independência. O lingala era utilizado pelos militares e administradores, e o suaíle pelos trabalhadores das minas de Katanga, tornando-se símbolo de regionalismo. O que é importante ressaltar é o desenvolvimento representado pela passagem de uma postura de simples fabricação de manuais de comunicação para a elaboração de propostas programáticas e oficiais de uso de uma língua comum.

Vejamos agora a mudança ocorrida na política colonial no Congo a partir de 1908, atestada na mudança da política lingüística, e que é imprescindível para a compreensão dos períodos seguintes. Fabian associa o desaparecimento dos guias políglotas expedicionários a partir de 1908, quando o Estado Independente tornou-se colônia belga, com uma série de outras mudanças ocorridas no Congo. Assim, a política econômica de extração *in natura* de marfim, óleo de palmeira, borracha e outros produtos agrícolas cedeu lugar às fazendas de borracha e outros produtos, e principalmente à extração de minérios, existentes quase todos na província oriental de Katanga. A força de trabalho necessária às empresas radicadas na colônia demandou a transformação da população rural em uma massa de assalariados. Sintomas dessa transformação foram a tentativa de imposição da adoção da família monogâmica nuclear, uma certa alfabetização, a

propriedade privada e uma ética profissional inspirada no cristianismo. A obra civilizadora consistia na política de controle religioso, educacional e sanitário. Após a Primeira Guerra não se necessitava mais da descoberta e da conquista do território, mas de sua administração.

O suaile – e suas variações e desenvolvimentos constantes – tornou-se falado por milhões, língua principal em toda parte oriental congoleza, em questão de algumas décadas, em oposição ao Lingala ocidental, o francês oficial e outras línguas, mesmo que não tenha excluído a existência dessas no mesmo território³⁴.

Grimal (1996) afirma que mesmo com a passagem do território para a administração belga após o escândalo de Leopoldo, o Congo continuou por muito tempo um território de exploração e de trabalho forçado, mas que o Estado belga se esforçou por re-introduzir o espírito de um humanitarismo civilizador. A obra civilizadora, ainda que nem tanto de fachada como na época do Estado Independente, era, contudo, essencialmente paternalista, sem considerar, até meados da década de 50, a possibilidade de um auto-governo africano. O desenvolvimento deveria ser apenas econômico e não político, tendo os funcionários belgas todo o controle administrativo.

Assim, até 1947 os africanos não podiam participar do conselho do governador geral, nem dos conselhos dos governadores provinciais, conservando-se então, em muitos centros urbanos, o sistema de *Indirect Rule*, datado do século XVIII, e que consistia na designação de pequenas unidades rurais, cujos chefes eram escolhidos entre os comprovadamente submissos. O controle através desta

³⁴ Hobsbawm (2002) lembra que entre os belgas francófilos não há oposição ao uso do flamengo, desde que se mantenha a situação de subordinação ao francês. São os *flamingants* que resistem ao francês.

auto-administração indireta era eficiente, desviando o foco de reivindicação ao âmbito local. Em torno das principais empresas, surgiram aglomerações de africanos de origens diferentes, vindos com suas respectivas famílias durante o grande recrutamento ocorrido nos anos anteriores à Segunda Guerra, sendo essas aglomerações administradas semelhantes às chefias rurais. A participação dos africanos na vida política nacional era assim desencorajada.

Grimal aponta os “três pilares da dominação belga”: o Estado, os empregadores e os missionários católicos. Ao Estado cabia garantir a manutenção da moral, controlando desde o consumo de álcool até as autorizações para a locomoção de uma região para outra. Teria que assegurar também a educação, mas que fosse apenas primária e essencialmente profissionalizante, atendendo às necessidades de mão-de-obra. Às missões cabia a administração dessa educação primária, sendo que a secundária e a universitária foram fechadas aos negros até a década de 1950. As companhias empresariais tinham também alguns deveres: de garantir ao trabalhador e sua família alimentação, vestimenta, medicamentos e a manutenção de uma missão que educasse seus filhos. Em compensação, o trabalhador era considerado quase uma propriedade particular da empresa.

Depois da Segunda Guerra Mundial, o Congo viveu um período de grande crescimento econômico, advindo de grandes investimentos estatais e privados. A população urbana cresceu rapidamente³⁵, desarticulando as associações tribais.

³⁵ Grimal assinala que a população de Leopoldville/Kinshasa passou de 40000 habitantes em 1939, à 110000 em 1945 e 250000 em 1954.

Também surgiu uma classe de *évolués*³⁶ privilegiados, com uma nova mentalidade, que constituiu posteriormente a elite política e intelectual congoleza. Com uma educação ocidental, estas elites pretendiam obter direitos iguais aos dos brancos³⁷, mas esbarravam nos mecanismos paternalistas e discriminatórios e no desejo de manutenção do sistema colonial por parte dos administradores locais. O desenvolvimento dos sindicatos a partir de 1946 foi acompanhado, por exemplo, da criação de conselhos consultores do Estado para orientá-los.

A imobilidade da política belga referente ao Congo, ignorante da nova realidade congoleza e baseada no paternalismo, começou a dar lugar a discursos oficiais que admitiam um futuro de emancipação – ainda que não especificassem nem como, nem quando. Mas mesmo as reformas mais conservadoras encontravam resistência entre funcionários coloniais do Congo e da Bélgica. E, quando, de 1954 a 1958, ocupou o poder na Bélgica um governo liberal-socialista que propôs, através do ministro das colônias A. Buisseret, reformas no sistema educacional, a Igreja protestou e se separou do Estado no exercício da administração colonial. Não estava sozinha, sendo seguida por membros da imprensa, empresários e funcionários, em sua maioria cristãos, que também não gostaram do discurso reformista.

Em 1960, o Congo finalmente tornou-se independente, mas às custas de um processo conturbado e da imposição de uma ditadura que durou mais de 30 anos. O paternalismo persistiu mesmo após o fim do período colonial. Em 30 de

³⁶ Dizia-se do congolês que tinha conseguido, de modo privilegiado, freqüentar escolas técnicas. Os *évolués* eram a elite intelectual nos negros no Congo durante o período da luta pela independência.

³⁷ Exercendo funções idênticas, um branco recebia às vezes cinco vezes mais do que um negro.

junho, a independência era reconhecida pelo governo belga em uma cerimônia realizada no *Palais de la Nation* em Léopoldville, hoje Kinshasa. A solenidade começou com o discurso do Rei Balduino, que lembrou e aplaudiu o trabalho iniciado pelo rei Leopoldo II, seu tio-avô, ao possibilitar que o Congo se desenvolvesse o suficiente para naquele momento poder “andar com suas próprias pernas”. O Rei pediu que os congoleses não comprometessem seu futuro com reformas precipitadas, mas que mantivessem a estrutura construída pela Bélgica até que tivessem certeza de que poderiam fazer melhor. Advertiu-os também para que não tivessem medo de pedir ajuda aos belgas, que permaneceriam ao seu lado, dando conselhos e treinamento técnico e administrativo de que os congoleses viessem a necessitar.

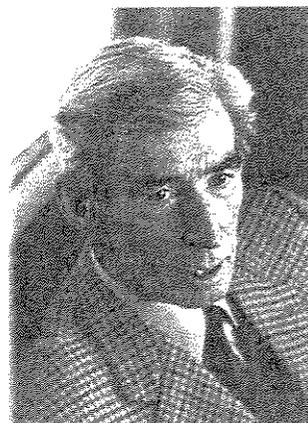
II

Tintim

Logo ao desembarcar no aeroporto internacional de Zaventem, o passageiro que chega em Bruxelas é recepcionado no saguão principal por um busto do personagem de histórias em quadrinhos Tintim. Um dos maiores símbolos do país, o personagem criado pelo desenhista Hergé teve suas histórias publicadas em dezenas de países pelo mundo: o álbum mais famoso, *'Tintim - Exploradores da Lua'*, vendeu mais de 5 milhões de cópias desde que foi publicado em 1954. Por volta do final da década de 1960, o sucesso do personagem cresceu consideravelmente, levando o presidente de Gaulle a dizer que seu único rival era Tintim.

Tintim é um jovem repórter detetive, inteligente e invencível, e está sempre acompanhado por seu cão Milu. Em suas aventuras viaja por diversos países – imaginários ou reais – resolvendo mistérios e derrotando os inimigos.

Seu criador, Georges Remi, o Hergé (a leitura em francês de suas iniciais invertidas, R. G.), apresenta pela primeira vez seu personagem em 10 de janeiro de 1929 no suplemento infantil semanal, de que era editor-chefe, do jornal *Le Vintième siècle* (que desapareceria em 1940 com a invasão da Bélgica pelos alemães). Sua primeira



aventura em livro foi publicada em 1930, *Tintin au pays des Soviets*, e os 22 álbuns seguintes foram lançados ao longo dos anos, até meados da década de 1980.



O universo de personagens nas histórias é relativamente bem circunscrito, com alguns aparecendo na maioria dos álbuns e tendo uma importância maior: o Capitão Haddock acompanha Tintim e Milu em quase todas as aventuras, bem como os investigadores atrapalhados Dupont e Dupond. O professor Girassol, a cantora lírica Bianca Castafiori e o mordomo Nestor, junto com outros personagens, também habitam as histórias, mas com menor frequência. Dos personagens que aparecem 8 ou mais vezes ao longo das publicações, os inspetores deixaram de aparecer em apenas 3 histórias, o capitão Haddock figurou em 15 histórias, o professor Girassol em 12, o mordomo Nestor em 10 e Castafiore em 9. A cantora, inclusive, é a única personagem feminina que têm alguma importância na série Tintim, mas é apresentada invariavelmente como

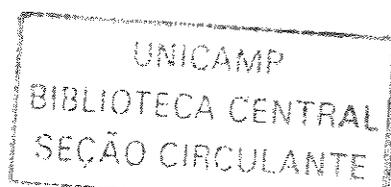
arrogante – porém de bom coração – e ignorante dos problemas e perigos do mundo ao seu redor.

A segunda aventura de Tintim, *Tintin au Congo*, foi publicada em 1931, um ano depois da viagem do repórter belga pela União Soviética. O álbum de Tintim no Congo, publicado no Brasil como *Tintim na África*, normalmente é encarado como uma justificativa para a colonização belga no território, quase uma propaganda colonial, como é o caso de Peeters (1999). Foi também a história escolhida como objeto privilegiado da análise.

Como foi dito anteriormente, no começo da década de 1930 o Congo era oficialmente uma colônia do Reino da Bélgica. Desde 1908 o regime de exploração no país, instaurado pelo Rei Leopoldo II em 1885, havia dado lugar à administração pelo governo belga – não menos violenta, porém mais “sutil”. O paternalismo que marcou a relação entre metrópole e colônia nesse período está presente também nas primeiras publicações de Tintim.

O autor, o público leitor e a construção das aventuras:

É importante apresentar, antes da análise dos quadrinhos, algumas informações biográficas sobre Hergé, bem como sobre as condições sociais da produção das aventuras de Tintim, o público que consumia suas histórias e o processo de criação das mesmas.



Georges Remi nasceu em Etterbeek, próximo a Bruxelas, em 22 de maio de 1907 e morreu em Bruxelas em 3 de março de 1983, vítima de leucemia. Filho de pai *wallon* e mãe flamenga (ambos católicos), Hergé se considerava um “belga sintético”: Era de fato francófilo, mas não deixava também de apreciar sua herança flamenga, que relacionava ao povo. Interessado desde



cedo por desenho, o jovem Georges dividia seu tempo entre a arte que o consagraria, as sessões de cinema e as atividades realizadas pelos escoteiros católicos do colégio São Bonifácio, de que fazia parte desde 1920. Atividades estas que seriam o mote para a criação de seu principal personagem nove anos depois.

Em 1927, após o serviço militar, Hergé passa a trabalhar integralmente no *Vingtième Siècle* como repórter fotográfico e desenhista. O jornal era considerado na época o grande órgão de informação da burguesia conservadora católica³⁸, e defendia a unidade lingüística para uma nação católica belga. Seu chefe, o padre Norbert Wallez, conhecido apenas como *l'abbé*, exercia completo domínio sobre seus empregados, e foi considerado pelos biógrafos de Hergé como fonte de inspiração no trabalho do desenhista por sua postura autoritária.

Wallon, nacionalista, anti-semita, anticomunista, conservador, parlamentarista e anti-maçom, Wallez era conhecido pelo carisma, mas também pela virulência e pela agressividade com que defendia suas opiniões. Simpático às

³⁸ Cf. Assouline (1996), pp. 28.

idéias do profascismo da *l'Action Française* de Charles Maurras e entusiasta da chegada do católico Mussolini ao poder na Itália em 1923, era chamado de fascista por muitos de seus adversários. Crítico do tratado de Versalhes, sonhava com uma federação belga-renana católica, aproximando-se dos clássicos argumentos anti-semitas de culpar o “maquiavelismo” financeiro judeu, que “jogava nação contra nação”, pelos problemas econômicos.

Wallez incentivou o jovem Hergé a assumir grandes responsabilidades em seu jornal ainda em idade precoce, e foi considerado por este como seu pai espiritual. Se os biógrafos de Hergé admitem a grande influência moral e intelectual que Wallez teve em sua vida, são, entretanto, mais reticentes sobre a incorporação das idéias políticas e religiosas. O fato é que Hergé não pode ser considerado de maneira alguma um fascista católico, mas existiram alguns episódios que causaram desconforto e constrangimento ao desenhista, já adulto. Ao final da guerra, por exemplo, ficou por volta de um ano sem poder trabalhar enquanto era investigado por colaboração com o regime invasor nazista durante a ocupação. Além disso, o respeito pela ordem e pela religião é claro nos quadrinhos de Tintim, que buscavam atingir o axioma que Wallez ensinou a seu pupilo: instruir no divertimento.

Em primeiro de novembro de 1928 acontece a estréia do primeiro número do suplemento infantil criado sob os auspícios e a direção de Hergé, o *Petit Vingtième*. O personagem Totor, criado para a revista dos escoteiros católicos, *Le Boy-Scout Belge*, serve de inspiração para a criação de Tintim e Milu em 10 de janeiro do ano seguinte, na aventura na União Soviética, iniciando a série que

consagrara o desenhista. Hergé havia tomado o livro *Moscou sans voiles: Neuf ans de travail au pays des Soviets*, do antigo cônsul belga na Rússia, Joseph Douillet, como inspiração. O autor do livro, valendo-se da autoridade etnográfica de haver “conhecido a fundo” a Rússia durante 35 anos, critica ferozmente o regime “monstruoso que ameaça a civilização”. O anticomunismo de Wallez não foi assim contrariado na história em quadrinhos, em que o que Tintim encontra é apenas fome, miséria, terror e repressão³⁹, em uma época em que a imagem de catástrofe relacionada à União Soviética era comum. De qualquer maneira, a história teve um grande sucesso, e, curiosamente, passou ilesa de críticas por parte dos membros do partido comunista belga⁴⁰.

Hergé publicou suas histórias em francês, o que, ao contrário do restrito idioma holandês de seu país, possibilitava que um amplo público consumidor conhecesse as histórias em um primeiro momento. Sua primeira aventura foi publicada igualmente na França, e é certo que o sucesso internacional de Tintim advém também da escolha lingüística. Esse público consiste, segundo a própria nota de abertura que acompanha os álbuns, de “*jeunes de 7 à 77 ans*”. De fato, as publicações têm a preocupação de tornar o mais amplo possível o público leitor. Entretanto, este é essencialmente europeu – não exatamente francófilo, já que passaram a existir desde muito cedo traduções para diversas línguas. Entretanto,

³⁹ Cf. Assouline (1996), pp. 43.

⁴⁰ No álbum, mesmo as piadas são duras críticas. Logo no início da viagem para a União Soviética, Milu diz que ouviu dizer que “eles têm pulgas lá”, bem como ratos. A história exhibe um rol de russos bêbados, barbudos e cruéis, e agentes da polícia secreta que querem impedir o repórter “burguês” de fazer sua reportagem. Também resgata a crença de que a propaganda soviética é enganosa: em uma ocasião, vê que comunistas ingleses estão impressionados com a grandeza da indústria russa, mas descobre que as fábricas que impressionaram tanto são na verdade um embuste. Tintim, não obstante, triunfa sobre todos, inclusive um urso, com quem entra em uma luta corporal, deixando claro o simbolismo do embate.

quando editado para outros países, sua aquisição fica normalmente restrita às classes média e alta e a nichos de consumo de literatura.

Quanto ao processo de construção das histórias, algumas palavras devem ser ditas igualmente. Hergé, tal como os ilustradores flamengos de Bry que a antropóloga Bernadette Bucher (1981) analisou em seu trabalho, desenvolvia o enredo e criava os desenhos baseados em fontes coletadas por outros. Comparando o caso do desenhista com a própria Antropologia, podemos dizer que Hergé era como um antropólogo “de gabinete”, que mandava sua parte etnográfica a campo, na forma de Tintim. Somente no fim da vida o desenhista visitou alguns dos lugares que retratou, tendo se baseado em informações das mais diversas fontes para construir o mundo de Tintim na época em que publicou suas principais aventuras. Conheceu, por exemplo, os Estados Unidos e alguns índios desse país apenas em 1971, enquanto Tintim já havia tido sua aventura na “terra dos gângsteres” em 1932, no álbum *Tintim na América*. Durante os anos em que gozou de grande sucesso, Hergé possuía uma equipe que lhe trazia informações sobre determinado lugar em que quisesse ambientar sua próxima história. Teve, por exemplo, um grande amigo chinês que lhe passou informações suficientes para desenhar a aventura de Tintim na China.

Bucher, em seu livro, tentou desenvolver os argumentos de Lévi-Strauss no tocante a uma série de ilustrações publicadas originalmente no final do século XVI e começo do século XVII por uma família protestante flamenga de ilustradores: os de Bry. Assim, mesmo estando evidente a influência do estruturalismo Lévi-straussiano quanto à realização de uma análise formalista do conteúdo das

histórias, muitas das conclusões e das ferramentas utilizadas para fundamentá-las são exemplos de uma postura que desde os trabalhos de Edmund Leach parece existir entre muitos antropólogos que desenvolvem o estruturalismo com novas considerações.

O trabalho de Bucher tem como objetivo analisar uma espécie de iconografia europeia sobre a vida no Novo Mundo. Os ilustradores flamengos buscaram traduzir em imagens o conteúdo dos relatos dos viajantes europeus, ajudando a formar as representações sobre a América e seus habitantes. As ilustrações das Grandes Viagens podem ser consideradas como uma tentativa de produzir um discurso sobre a América do final do século XVI. Tais condições sociais da produção da representação protestante do Novo Mundo aparecem na própria análise interna das figuras. A autora procura mostrar como as relações imaginadas e retratadas pelos de Bry, entre europeus e os habitantes do Novo Mundo, variavam de acordo com que tipo de europeu estava envolvido na história. Assim, os católicos espanhóis são retratados depreciativamente pelos ilustradores protestantes. A antropóloga teve, portanto, que lembrar a relação entre protestantes e católicos naquele período, bem como a posição que os primeiros ocupavam no nascente mercado editorial europeu, para compreender inteiramente a forma como as ilustrações traduzem a cosmologia a que pertencem os de Bry. Entretanto, é necessário assinalar que uma análise da estrutura do campo da produção dos quadrinhos não é o objetivo principal aqui.

Hergé usava fotos de paisagens, de edifícios e de meios de transporte para desenhar suas pranchas. Utilizava revistas como a *National Geographic Magazine*

para retratar índios, negros, instrumentos exóticos, canoas e vestimentas. Tinha uma equipe de informantes – seus “etnógrafos” contratados – para trazer informações sobre o lugar que planejava retratar. Usava livros de história e artigos de arqueologia para criar melhor o enredo. Utilizou-se também de romances da época (pesquisadores apontam, por exemplo, a influência das obras de Julio Verne e André Maurois nas histórias de Tintim). Tal como os de Bry, que criaram uma narrativa iconográfica a partir da justaposição dos relatos de Hans Staden e Jean de Léry, Hergé construiu uma representação a partir de outras representações. Assim, é possível afirmar que o processo utilizado por Hergé na construção das histórias em quadrinhos é essencialmente o de bricolagem, como será demonstrado posteriormente, com mais clareza.

Outro fato que é importante ressaltar na comparação com o trabalho de Bucher, é que neste caso as publicações compreenderam um período de cerca de 50 anos. Ao lembrar que as histórias de Tintim foram publicadas ao longo de cinco décadas e que as primeiras dessas histórias tiveram uma ou duas outras republicações com modificações, aponta-se para a existência de questões de mudanças processuais em sua análise – tal como na análise das ilustrações dos de Bry. Da análise estrutural de cada álbum, podemos isolar recorrências e mudanças em relação a outras histórias ou em relação à mesma história em outra versão, realizando um estudo sincrônico e outro diacrônico.

Minha hipótese é que essa narrativa pode ser analisada da mesma forma que Lévi-Strauss analisou os mitos. Ela possui uma estrutura, composta de elementos de significação mínima, que são passíveis de se organizarem em um

sistema discursivo. Os quadrinhos de Tintim fazem parte desse sistema discursivo mais amplo que possibilita pensar a colonização belga no Congo. O fato de Hergé se basear nessas outras narrativas, como as informações encontradas no Museu Real de Tervuren, reforça a evidência de que esses quadrinhos fazem parte de uma narrativa maior sobre o Congo. O próprio gênero dos quadrinhos é um estilo cuja estrutura se aproxima da estrutura dos mitos. A gênese de cada herói dos quadrinhos é a base sobre qual todas as aventuras serão construídas: o conflito original do herói é encenado novamente em cada história. O fato dessa estrutura haver sido criada por um indivíduo, não impede que reconheçamos os elementos de sua natureza mítica. Da mesma forma que Leach buscava uma “mensagem” nos mitos bíblicos, é possível indagar sobre a “mensagem” contida nos quadrinhos.

Tomando outro estudo como exemplo da importância da investigação do contexto da produção artística na análise de seu significado, é possível deixar clara a questão. Baxandall (1991) analisa as pinturas do período renascentista através de duas principais chaves explicativas: a influência da estrutura e das condições materiais do mercado da produção artística, e a influência da experiência cotidiana da vida social na composição do estilo de pintura do século XV.

Assim, a importância da escolha do pigmento utilizado nos contratos fixados entre clientes e pintores no início do Quattrocento, de acordo com as condições de sua obtenção – sendo o azul ultramarino extraído do lápis-lazúli, por exemplo, muito caro e, portanto, muito valorizado e apreciado pelos clientes que

encomendavam pinturas – e posteriormente a importância dada à técnica do artista, já mais no final do século, são fatores importantes na apreciação dos quadros.

Adiante voltarei ao processo adotado por Hergé na elaboração da aventura no Congo – essa espécie de bricolagem narrativa. Quanto ao “olhar” da época, é preciso apreciar a transformação ocorrida entre uma aventura e outra – a versão de 1931 e a de 1946 de *Tintim no Congo* – para melhor identificar sua influência na obra. Feitas estas considerações iniciais, vamos à análise estrutural dos quadrinhos.

Tintim na África:

Por questões metodológicas, a segunda versão do álbum *Tintim au Congo* – a segunda aventura de Tintim, mas a primeira a ser publicada em formato de livro – foi escolhida para ser o eixo inicial de análise neste trabalho. A história passa-se no Congo Belga, em uma época em que o colonialismo belga estava em seu auge – tanto na ocasião da primeira edição, em 1931, como da segunda versão, em 1946. De fato, é esta segunda versão a que se manteve como a definitiva no conjunto da obra. A análise estrutural será feita, não obstante, igualmente com a primeira versão.

A história de Tintim no Congo foi produzida em um bom momento na carreira do jovem desenhista. A primeira aventura do personagem, na União Soviética, havia sido um sucesso inesperado. Em uma arriscada jogada

publicitária, Hergé contratou um escoteiro de 15 anos que se assemelhava a Tintim para chegar à *Gare du Nord*, em Bruxelas, em um trem que teoricamente procedia da Rússia. O truque deu certo, levando uma multidão a esperar pela dupla Tintim e Milu, e acompanhá-los em



uma procissão até o jornal, onde o “Tintim” de carne e osso proferiu um discurso a seus admiradores. A mesma estratégia foi repetida na história no Congo: um ator mirim trouxe centenas de pessoas à sede do *Vingtième Siècle* para recepcionar Tintim que voltava da África.



Chegada de Tintim e Milu do Congo em 1931.

Logo após seu primeiro sucesso, tendo sido a aventura entre os soviéticos publicada também na França, Hergé decidiu continuar investindo no personagem. Queria criar agora uma história com Tintim viajando para a América. Entretanto, seu mentor no jornal *Le Vintième Siècle*, o padre Wallez, queria que Hergé desenhasse antes uma aventura no Congo Belga, e a viagem à América teve de esperar um ano. Peeters (1999) sugere que a insistência para que se produzisse um álbum de quadrinhos sobre o Congo naquela época foi produto da necessidade de justificar a existência da enorme colônia, bem como de estimular seu desenvolvimento econômico: o Congo estaria necessitando de mão de obra especializada no momento, isto é, de imigrantes brancos. Vimos como as oportunidades de emprego e educação estavam vedadas aos negros até às vésperas da independência – alguns poucos congolezes privilegiados recebiam instrução e treinamento técnico, mas dispunham de muito menos privilégios e menores salários se comparados a um branco que porventura exercesse a mesma profissão. Entretanto, buscarei aqui encarar Tintim não como justificativa para a dominação belga, mas como parte constituinte dela.

O fato é que o Congo estava próximo do cidadão belga, no sentido de que aparecia diariamente nos jornais, em livros especializados e propaganda colonial. A inclinação de Hergé pelo exótico, que iria fazê-lo enviar Tintim para todos os cantos do mundo, foi um importante fator na confecção da história na colônia, que, ao contrário da União Soviética, o recebia “de braços abertos”⁴¹, ainda que apenas aparentemente, como veremos. Hergé já havia inclusive feito dois desenhos três

⁴¹ Cf. Assouline (1996), pp. 51.

anos antes, a pedido de Wallez, para ilustrar um artigo de comemoração dos 50 anos do descobrimento do Congo por Stanley. A relação entre Tintim e a empreitada no Congo pode, inclusive, ser mais profunda do que a princípio parece. Afinal, Stanley é um repórter viajante que se tornou um explorador, e Tintim também é um repórter viajante inspirado em um escoteiro – um explorador mirim. Ambos representam um interesse europeu sobre o cosmopolitismo da viagem, que está intimamente ligado ao próprio colonialismo.

Em 1946, ano da publicação da segunda versão, Hergé refez os traços do desenho, introduziu as cores suaves que caracterizam toda sua obra e refez os diálogos. Tentou também suprimir as referências explícitas ao regime colonial belga, já em uma época em que as primeiras vozes contra o colonialismo surgiam. Diversas críticas já eram endereçadas a Hergé e seu personagem. Peeters lembra que durante as décadas de 1950 e 1960 o álbum sobre o Congo tornou-se inclusive difícil de se encontrar no mercado, coincidindo justamente com o período da crise da colonização. Ironicamente, foi em uma revista zairense que a história reapareceu ao público, voltando às livrarias a partir de 1970. O próprio Hergé admitiu em entrevista a Numa Sadoul, escritor nascido no ex-Congo francês, que o que sabia sobre o Congo na época em que escreveu a primeira versão vinha de fontes oficiais de propaganda de uma Bélgica paternalista, que tratava os congolezes como crianças necessitadas de instrução⁴², mas que tentou contornar as acusações de racismo em aventuras posteriores nas quais aparecem negros, e mesmo na reformulação das primeiras aventuras.

⁴² Cf. Sadoul (2000), pp. 74.

Entretanto, se de fato pode-se considerar que o jovem Hergé de 24 anos deixou-se levar pelas exigências de uma história encomendada por seu jornal tendo em vista a existência de uma certa mentalidade reinante à época, a republicação do álbum em 1946 não eliminou o discurso paternalista e condescendente do europeu frente ao congolês. Será demonstrado na análise sincrônica das versões e em exemplos trazidos de outras aventuras que a relação entre brancos e negros nos quadrinhos manteve-se sempre desigual, não obstante as transformações diacrônicas observadas.

Inicialmente relatarei a história da versão de 1946 e farei uma primeira análise, que será contraposta à exposição e à análise da primeira versão, de 1931, bem como a elementos retirados de alguns dos demais álbuns.

A versão de Tintim na África de 1946:

A história começa com Tintim partindo para o Congo sem um motivo aparente, apenas para realizar uma reportagem sobre o país. Não se sabe ao certo de onde inicia sua viagem de trem, nem de onde sai o navio que o levará para a África⁴³. No navio Milu tem pequenas aventuras com uma aranha e com um papagaio, cujo encontro lhe custa uma visita ao médico a bordo. Nessa ocasião aparece o primeiro negro da história, um carpinteiro, que por acaso está passando

⁴³ É interessante ressaltar que em suas histórias Hergé dificilmente sente necessidade de precisar geograficamente as cidades européias no enredo no corpo textual. Ou o lugar é por demais emblemático para o leitor descobrir por si só ou representa apenas uma idéia de Europa que se dilui em personagens emblemáticos (com vestidos conversadores e ternos bem arrumados), edifícios bem construídos, automóveis na rua e outros símbolos de uma pretensa “civilização” européia. De fato, os únicos lugares que são nomeados e que comportam os indícios dos estereótipos que os caracterizam são os lugares aos quais Tintim viajará para completar sua aventura: o Congo, a América do Norte, a América do Sul, a China, o Egito.

na enfermaria justo quando o médico havia informado que seria necessária uma pequena incisão no rabo de Milu, mordido pelo papagaio. Surge o primeiro mal entendido, com Milu fugindo do negro, achando que este realizaria a cirurgia por estar com um serrote na mão.

Em outro encontro com o papagaio, Milu acaba por deparar-se com um passageiro clandestino, o vilão da história. Milu é jogado ao mar, mas é salvo por Tintim, que ainda tem de se livrar de um tubarão antes de subir a tona. A viagem não tem mais incidentes até a chegada na África.

Tintim parece gozar de uma enorme fama como repórter, mesmo no Congo. Ao chegar ele é ovacionado pelos congolezes como uma celebridade e é carregado nos ombros. Na primeira noite em terra, Milu é atacado por mosquitos e fica completamente inchado. Na manhã seguinte, Tintim é procurado por representantes de alguns jornais ocidentais (um português, um inglês e um americano) que disputam a exclusividade de sua história, mas nenhum convence Tintim a realizar uma matéria contratada. Ao organizar sua expedição para o interior, Tintim contrata um jovem africano como auxiliar e parte para a selva. No caminho, enfrenta um crocodilo na margem do rio, e o derrota com engenhosidade e astúcia.

O mesmo clandestino do navio agora reaparece e rouba o carro e as provisões da expedição, mas é derrotado e preso por Tintim. Buscando comida, Tintim mata vários antílopes ao pensar que se tratava sempre do mesmo, ficando com um pequeno monte de cadáveres. Salva Milu de um macaco que o seqüestra, ao se passar por outro macaco depois de tê-lo matado e roubado a pele. Quando

retorna, descobre que o bandido conseguiu fugir. Seguindo viagem, envolve-se em um acidente com um trem, que é descarrilado, sendo que seu carro não sofre nenhum dano. Tintim coordena o trabalho de recolocar o trem nos trilhos e prossegue viagem. Chega enfim à aldeia dos *Babaoro'm*, uma "etnia" local, em uma liteira, carregado por um grupo de negros. Lá recebe a hospedagem do rei.

Participa de um safári, mas é nocauteado por um leão. É salvo pela coragem de Milu, que derrota o leão e o torna submisso, arrancando exclamações de admiração por parte dos caçadores africanos. Enquanto isso, o feiticeiro da aldeia, receoso da influência que Tintim exerceria entre os negros, alia-se com o bandido do navio na confecção de um plano. O feiticeiro acusa Tintim do roubo de um "fetiche" sagrado e este é preso. O menino ajudante, Coco, aparece para lhe salvar e Tintim utiliza um gravador para registrar os planos da dupla de malfeitores. Estes são desmascarados e expulsos, mas forjam uma declaração de guerra com um rei de outra aldeia. Tintim, entretanto, consegue resolver a situação, utilizando um ímã para fazer os agressores da aldeia rival crerem que é um grande feiticeiro.

O feiticeiro, sabendo que Tintim iria caçar leopardos, veste-se como um para tentar matá-lo e fazer todos acreditar em que tudo fosse obra de um leopardo verdadeiro. Entretanto, uma cobra ataca o bandido e Tintim acaba por salvá-lo, tornando-o seu escravo e devedor. Tintim parte em busca do outro bandido, mas é nocauteado e deixado para ser devorado por crocodilos. Um missionário chega para salvá-lo no último instante. Enquanto isso, Milu escapa de uma cobra que lhe havia devorado, e Tintim faz com que ela coma o próprio rabo.

Tintim visita a missão, onde substitui um frei doente nas aulas da escola. Salva os alunos de outro leopardo, novamente usando de esperteza. Participa de uma caçada de elefantes e usa uma lupa para derrotá-lo, levando suas presas de marfim como prêmio. O bandido volta à cena, agora vestido de missionário. Engana Tintim, deixando-o para a morte certa em uma canoa em uma corredeira. Este é salvo milagrosamente ao prender-se em um galho. Milu corre para avisar o missionário, que termina por resgatar novamente o repórter. O bandido preparava-se para matar os dois quando Milu corre para atacá-lo e afugentá-lo. Livre, Tintim parte em busca do bandido, que pretende instigar “contra ele todas as tribos da região”. Segue-se o confronto do bandido armado com Tintim, que, munido apenas de agilidade e coragem, consegue se atracar com o malfeitor. Ambos caem em um rio, onde o bandido é devorado por crocodilos, enquanto Tintim é salvo por haver caído providencialmente em cima de um hipopótamo.

Enquanto isso, Milu desaparece, e Tintim se prepara para enfrentar agora guerreiros pigmeus que acredita terem raptado seu cão. Mas tudo não passa de um mal entendido. Na verdade, Tintim é levado à aldeia, onde Milu é saudado e reverenciado como um rei. Este mostra ao seu dono uma carta que havia tirado do bandido, contendo instruções para matar Tintim. Passando-se pelo bandido, Tintim encontra-se com o mandante do atentado no local combinado na carta, aprisionando-o. Tintim descobre agora o motivo para tantas dificuldades: um gângster de Chicago, ao saber da viagem do famoso repórter, ordena sua morte, para que ninguém pusesse em perigo seus planos de controlar a produção de diamantes da África.

Tintim leva o mafioso para uma estação de polícia local, onde consegue um destacamento para prender o restante da quadrilha que esperava em outro lugar. As notícias chegam aos jornais, elogiando o trabalho de Tintim, que decide voltar para casa, enfrentando no caminho mais um leopardo, que é afugentado por um espelho. Desaparecidos todos os seus carregadores com o ataque do leopardo, ele continua a pé. No caminho filma uma manada de girafas, caça um rinoceronte e derrota um búfalo. Entretanto, uma manada destes animais quase o atropela, mas ele é salvo por um avião que o avista do alto e lhe joga uma escada. Eles voltam para resgatar Milu e depois se despedem da África, onde “ficou tanta coisa por ver”, e rumam para a Europa, de onde partirão para sua próxima aventura: a América. A última prancha mostra o saudosismo dos africanos após a partida de Tintim, que agora tem inclusive uma estátua na aldeia, sendo tratado como um ídolo.

Primeira análise:

Na análise da estrutura mítica, Lévi-Strauss demonstra a existência de dois tipos de oposição. As oposições que se estabelecem no curso da narrativa são denominadas paradigmáticas, e são da ordem da escolha do enredo do discurso. Existem também as oposições sintagmáticas, que são as que ocorrem entre elementos de uma mesma posição relativa no enredo. Lévi-Strauss ilustrou essas oposições com a metáfora de uma partitura: existe uma leitura melódica e uma leitura harmônica, que correspondem ao paradigma e ao sintagma, respectivamente. Quando diferentes versões de um mito – no nosso caso,

diferentes versões de uma mesma história ou diferentes aventuras – são analisadas, algumas variações de um conjunto de categorias que elas comportam podem ser determinadas através de um sistema de correlação sistemática entre as séries de elementos sintagmáticos.

Tal como o *bricoleur* arranja em uma cadeia narrativa um enredo, através da escolha de peças de um arcabouço de elementos, ou como nas diferentes versões do mito em que são encontradas recorrências entre elementos de mesma função, na comparação das histórias de Tintim surgem elementos que carregam relações de oposição, mesmo que transformados ou com outra aparência.

Ao estudar a técnica de Hergé de elaboração das histórias posso deixar tudo mais claro. Temos acesso a uma fantástica coletânea de fotos e fontes que Hergé colecionou durante sua vida e que utilizou como modelos para a elaboração de seus desenhos⁴⁴, o que permite vislumbrar o processo da confecção de muitas pranchas de desenho. Ao ler as considerações de Lévi-Strauss (1997a) sobre Poussin, é possível transpor algumas destas observações para o caso de Hergé. Nos quadros de Poussin, como na literatura de Proust, o conjunto dos elementos que formam a obra deixa transparecer a idiosincrasia de cada um separadamente. Proust confeccionou sua narrativa através de fragmentos que produziu ao longo dos anos, conferindo um sentido ao conjunto. Poussin utilizava modelos e maquetes para criar os elementos de seus quadros, que por vezes parecem inclusive não se relacionar entre si. Também em Tintim, muitas pranchas

⁴⁴ Cf. Farr (2001).

de desenho são feitas com a ajuda de um ou mais modelos. Esses esquemas são depois ordenados e ligados para formar uma seqüência, o enredo da história.

Lévi-Strauss (1997b) compara o trabalho do *bricoleur* com uma estrutura mítica, em que são dispostos em uma narrativa os elementos de um repertório de significados. No caso de Hergé, poderíamos supor que sua técnica, enquanto arte, está a meio caminho do *métier* do *bricoleur* e do engenheiro. Ele tem um acervo de elementos – fotos de liteiras, de costumes africanos, de estatuetas, de canoas, de missionários, e tc – que influenciam na elaboração da trama. Fragmentos de mensagens já transmitidas e portadoras de significado prévio, segundo Lévi-Strauss, que formam novos significantes. Mas existe também um projeto que transpõe as unidades de significação em uma narrativa orquestrada. As conseqüências disso parecem claras. Tal como o mito, os quadrinhos de Tintim se prestam a estabelecer um sentido de uma realidade social, mas, tal como o trabalho do *bricoleur*, os quadrinhos têm muito do seu criador, no caso Hergé e, em certa medida, seus compatriotas belgas.

Se não nos interessa pensar as histórias de Tintim como reflexo dessa estrutura intelectual inconsciente mais profunda e universal que Lévi-Strauss buscava nos mitos, ainda é proveitoso reconhecer a natureza sistêmica de sua narrativa. Nos quadrinhos, tal como no mito, estamos lidando com uma linguagem – visual, e escrita, neste caso – que procura transmitir uma mensagem sobre uma realidade social determinada. Neste caso, existe também uma tentativa de reprodução de contextos sociais que, como aponta Lévi-Strauss, abdica da dimensão do sensível na comunicação com o observador em favor da dimensão

do inteligível, através da construção de um modelo reduzido do real. Na análise dos mitos podemos determinar seu duplo caráter sincrônico e diacrônico; ou, como afirmei, os elementos podem ser analisados de forma processual ou agrupados em conjuntos sincrônicos de significação. Tentarei realizar a mesma análise com os quadrinhos. As relações entre os elementos do discurso podem aparecer em momentos distintos do enredo entre as diferentes versões da mesma história ou em álbuns diferentes – é este o motivo pelo qual Lévi-Strauss não considera importante a qualidade da versão do mito. Os acontecimentos podem ocorrer de maneiras diferentes e inversas: o que importa são as relações que se estabelecem por oposições.

Cada prancha pode compreender diversos elementos da cadeia sintagmática, e, contrariamente, pode ocorrer de um conjunto de pranchas conter apenas um elemento. Ainda assim, identificando a forma de criação das histórias de Tintim, os elementos de significação sintagmáticos são mais facilmente determinados, e o “conteúdo latente” da narrativa é revelado.

Feitas as primeiras considerações teóricas sobre a análise estrutural transposta aqui para uma série de quadrinhos, vejamos o que podemos determinar sobre a versão exposta.

As duas primeiras pranchas mostram, respectivamente, Tintim cercado por curiosos que querem saber sobre sua iminente viagem à África, e Milu gabando-se de suas futuras aventuras para um grupo de cachorros europeus igualmente interessados. A distinção entre Natureza e Cultura, representadas respectivamente por Milu e Tintim, é bem demarcada nesse início, ainda no

contexto europeu. Entretanto, iniciada a viagem, que corresponde à situação de limiaridade antes do verdadeiro contato com o Outro, os dois termos parecem juntos, com Tintim e Milu fazendo as mesmas coisas, como uma unidade. Dilui-se assim a oposição inicial. Chegará o momento em que ambos representarão a Cultura diante da Natureza, representada pela África negra. Por ora vejamos como ocorre o primeiro embate entre Milu e os animais que encontra no navio.

Milu encontra em sua cabine uma aranha, que é, segundo ele mesmo, prenúncio de desgraça se vista logo pela manhã. Em sua tentativa de espantá-la, quebra um espelho, e lamenta por somarem-se agora à sua desgraça mais sete anos de azar. A Milu são ainda transferidos, nesse contexto inicial, as atitudes “primitivas” de superstição e credulidade, enquanto Tintim utilizará os conhecimentos técnicos da ciência e da razão ao longo de toda a aventura. A primeira disputa mais importante se dá entre Milu e um papagaio. Milu ouve alguém dizer que o navio está afundando e tenta fugir, apenas para descobrir que foi o papagaio o autor do mal entendido. Chama-o de idiota, ao que o papagaio replica com o mesmo pedido de socorro. Os dois se atracam em uma briga e Milu tem o rabo mordido, o que leva Tintim a temer por uma possível doença. O evento tem um significado claro: o perigo da travessia, da passagem liminar que irá transpor a separação entre dois pólos, que é a viagem de navio. O papagaio não representa, contudo, oposição extrema em relação ao cão. Ele fala, ainda que seu discurso seja um arremedo da capacidade humana do discurso.

Tintim leva Milu ao médico, que ao ver o rabo inchado do cão lhes informa haver de fato o risco de uma doença. Será necessária uma incisão, e, quando

aparece um negro com um serrote, Milu crê que este é o instrumento da cirurgia e foge. O absurdo da confusão apenas reforça a idéia de que a viagem os está levando ao perigo e ao caos, já que o que é mostrado é a crença na possibilidade de que em “terras menos civilizadas” possam existir tratamentos médicos nada comuns. O fato de que, ao se descobrir o engano, entendamos que se trata de uma piada, não contradiz a hipótese. Pois é a existência de um imaginário sobre a precariedade das condições de vida na África que confere inteligibilidade ao chiste.

Um quadro preliminar pode ser montado para demonstrar a estrutura da história:

	Ocidente	África
Cultura	++	+ -
Natureza	+ -	--

No quadro, a Natureza é associada ao pólo negativo e a Cultura ao pólo positivo. Quando se trata da Cultura associada à categoria Ocidente, temos uma dupla positividade, e enquanto que a Natureza associada com a África apresenta uma dupla negatividade. Na história, o Outro já é relacionado de antemão com a Natureza. Veremos como o quadro é complexificado e se transforma com o transcorrer da aventura. Ao introduzir na análise, por exemplo, o embate entre Tintim e os personagens “maus” que encontra na África, temos que classificar o vilão branco na categoria mais baixa de valor da primeira coluna (a de baixo), e o

feiticeiro negro na categoria mais baixa de valor da segunda coluna (a de cima), pois a técnica e a astúcia do primeiro são retratadas como superiores à credulidade e às más intenções do segundo, reforçando a hierarquia moral presente na oposição. A preguiça e a covardia também são reservadas aos negros e à África: eles fogem ao primeiro sinal de perigo e demonstram hesitação quando requisitados ao trabalho.

Durante a viagem de navio temos já alguns exemplos de como os negros africanos são representados na história. A bordo eles aparecem sempre exercendo funções simples, como camareiro, marujo ou carpinteiro. Os brancos são os oficiais da tripulação, o médico ou os passageiros.



É possível então complexificar o esquema das oposições binárias através dessa análise da divisão do trabalho entre europeus e africanos. As nuances do estilo de Hergé, que definem e formam essas representações, ajudam a tornar clara a



dicotomia. Os negros sempre aparecem com expressões abobalhadas no rosto e são sempre servis e submissos, mesmo ao cachorro do europeu. A divisão entre Natureza e Cultura, como o eixo principal das oposições entre africanos e europeus, ainda bem geral neste momento, será complementado ao longo da história.

Vejamos como proceder com a análise ao acompanhar a história. É ainda na viagem que surge o principal bandido, um capanga branco que embarca como clandestino no navio. Ainda não se sabe quais são suas motivações, mas ele mostra um comportamento violento ao tentar matar Milu, que por acaso o encontrara no porão do navio. No salvamento de Milu, Tintim mergulha e escapa de um tubarão que acaba comendo seu sapato. Ao chegar, Tintim é recebido como um rei pelos congolezes. É nesse momento que o elemento da vestimenta dos africanos aparece pela primeira vez com importância.

O vestuário e a utilização de objetos normalmente considerados representativos de “ocidentalidade” reiteram a dicotomia entre África e Europa. Os negros, se não estão trajando roupas de empregados, são retratados de maneira ridícula, não apenas nas expressões como foi dito anteriormente, mas também na maneira inadequada de se vestir “como brancos” e de utilizar armas e veículos “ocidentais”. A representação da nudez – ou a ausência de roupa – expressa o caráter anônimo, não individual do negro: sua generalização primitivista. Signo da aproximação ao mundo ocidental, a conjugação equivocada da vestimenta põe em evidência o enorme lapso existente entre negros e brancos. Se a nudez mostra a

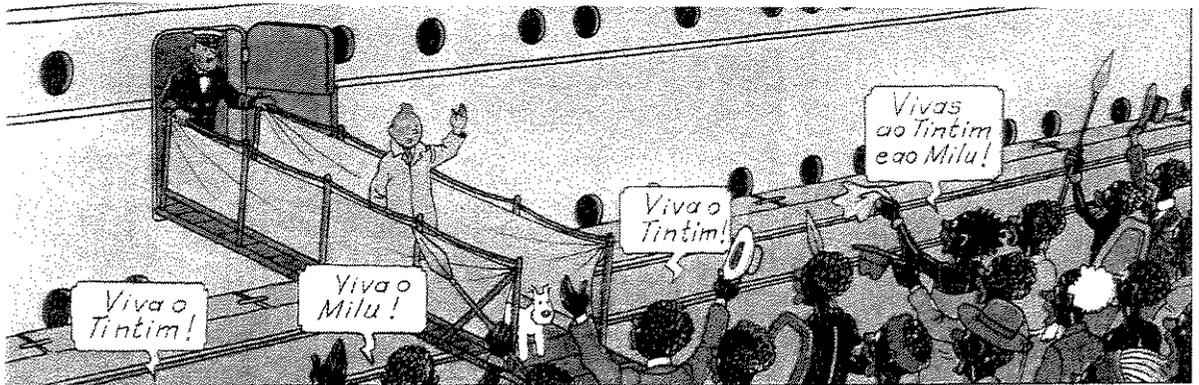
dificuldade da assimilação⁴⁵, os trajes ocidentais tornam o negro menos “autêntico”. Não há saída para o negro.

As peças de roupas são usadas sem que formem um conjunto coerente para a percepção da sociedade ocidental. Mais do que uma re-apropriação de significados, Hergé parece à primeira vista querer mostrar que os negros apenas amontoam peças soltas de maneira aleatória. Os artigos ocidentais parecem ser considerados como sinais de prestígio, ainda que conjugados erroneamente. Assim, o rei *Babaoro'm* tem uma coroa, um colarinho de renda, sapatos, uma faixa, cachimbo e um rolo de massa como cetro, mas não tem camisa e veste uma manta de pele de leopardo. O rei da aldeia rival é praticamente idêntico, mas possui botas e um calção, e não tem colarinho, cachimbo e cetro. Alguns outros negros também possuem outros signos fragmentados – signos europeus que conservam apenas um a rremedo de seus significados anteriores, e que são na realidade re-significados durante sua re-criação. Os negros parecem tentar seguir o modelo que lhes é oferecido, mas são mal-sucedidos, transformando-se em piada.

⁴⁵ Cf. Thomas (1994), pp. 33. O “nativo” canibal de Fiji, nu e portando clavas expressam a impossibilidade da domesticação devido a uma essencialização da “agressividade primitiva”, como a análise da fotografia do festim canibal demonstra.



Retomando o processo criativo de Hergé, encontramos algumas considerações que ajudam a explicar tal tratamento. O Museu Real de Tervuren na Bélgica, que abriga dados sobre Stanley e uma quantidade assombrosa de artefatos e fotos da época da colonização belga no Congo, foi uma de suas principais fontes na concepção de *Tintim na África*. Interessante notar que tal como os de Bry amalgamaram as descrições de diversos viajantes sobre os habitantes do Novo Mundo em um índio genérico, sem qualquer preocupação com diferenças étnicas, culturais e geográficas entre os diversos grupos que foram analisados, o negro na aventura de Hergé possuiu uma certa uniformidade iconográfica, não obstante o fato de alguns estarem vestidos como ocidentais e outros de lanças e escudos.



Na prancha em que Tintim é mostrado chegando no porto africano, temos alguns africanos “tribais” entre os que o recepcionam. Por outro lado, mesmo na floresta existem os que se vestem de maneira ocidental – embora, como deixa transparecer Hergé, falhando miseravelmente. A separação entre cidade e campo não parece de maneira nenhuma ser definitiva. Tintim precisa apenas dirigir uns poucos quilômetros para chegar ao Congo selvagem, encontrando macacos, leões e elefantes na estrada. A idéia que se tinha sobre a África na época – a de que existiam bastiões de civilização encravados no litoral do continente enquanto no interior reinava o “tribalismo” e a natureza – é demonstrada nessa aventura. Hergé possivelmente contribuiu para reforçar essa noção sobre a colônia de seu país, que mesmo hoje parece ainda ser corrente. A separação entre Cultura e Natureza na oposição entre cidade e campo na África não é, portanto, absoluta. É ambígua e permeada de influências recíprocas. Isso parece colocar a distinção entre Cultura e Natureza, enquanto separação Europa e África, ainda mais explícita e clara. A Cultura Européia é mais civilizada que a Cultura Africana. A ambigüidade da situação congoleza possibilita que a oposição entre os dois continentes seja mais absoluta.

Antes de continuar com a análise vejamos o que já temos esquematizado. Logo no início determinamos que Tintim se coloca como o expoente da Cultura, enquanto Milu representa a Natureza. Seguindo a notação de Lévi-Strauss (1993), Tintim : Milu :: Cultura : Natureza; ou seja, Tintim está para Milu assim como Cultura está para Natureza.

Os elementos do enunciado, na análise sintagmática, não são de maneira nenhuma essencializados, e somente adquirem significado em determinado contexto, podendo ser substituídos por outros pares de oposição que permitam intermediação. A própria qualidade de viajante que Tintim e Milu possuem reforça o caráter fluido e dinâmico: sempre se movendo na aventura e no conjunto dos álbuns, Tintim e Milu não se fixam em suas relações com outros personagens ou nas situações que enfrentam. O que permanece constante é a hierarquia construída entre os elementos da história. Milu, por exemplo, adquire a função de mediador em outras oposições, de acordo com um sistema de substituições que foi explorado por Lévi-Strauss. No pensamento mítico, as oposições tendem a ser resolvidas por mediadores cuja natureza ambígua advém da dualidade que tentam resolver. A tríade é substituída por novos elementos de oposição e intermediação em graus crescentes que mantêm a correlação.

Já na comparação entre a experiência com a aranha e a experiência com o papagaio, vemos que Milu é transferido do pólo do ingênuo e da credulidade, associado ao pensamento mágico e ao domínio da Natureza, para uma situação de confronto com esta. O cão desempenha funções cambiantes dependendo da situação em que se encontra. É através de sua capacidade de exprimir

pensamentos e juízos que ele realiza a intermediação entre Natureza e Cultura no episódio com o serrote, ao exprimir a idéia absurda – mas real – de que africanos operam cirurgicamente com tais instrumentos. Tintim não poderia ser o sujeito da confusão; ele está no pólo da ciência “racional”, cabendo a uma figura mediadora operar a oposição com a medicina africana. Podemos assim considerar Milu como um termo de mediação, que se encaixa na categoria “anômala”⁴⁶, como tratou Leach (1983). Para Leach, a categoria “anômala” ou “anormal” constitui-se de monstros, deuses e criaturas não-naturais. Ele permite pensar o “oposto a mim” de Tintim⁴⁷.

O trabalho de Leach visa resgatar a análise estrutural lévi-straussiana do mito, defendendo a posição de que toda estrutura mítica comunica alguma mensagem de relevância sociológica no contexto em que foi produzida através de um padrão de oposição binário entre os elementos que a compõem. Devem existir então categorias mediadoras que estabeleça as relações sociais entre os pólos em oposição (“nós” versus “eles”). No mito bíblico do Gênesis, por exemplo, existe uma série de elementos que contam a história de Adão e Eva, cujos componentes assumem por vezes o papel de categorias anômalas entre os pares de oposição. Na história, a serpente faz a intermediação entre o Homem e a Mulher, por exemplo. Se o mito do Gênesis transmite, entre outras coisas, a mensagem de que a endogamia e entre parentes próximos é superior moralmente, a história de

⁴⁶ Cf. Leach (1983), pp. 62.

⁴⁷ É interessante notar que a despeito da mediação que realiza e do fato de que na maioria das vezes Milu parece ter uma aventura paralela à de Tintim ao enfrentar e se relacionar com os animais africanos, muitas vezes parece que mesmo o pólo da Natureza da Europa possui mais características do pólo da Cultura que os próprios africanos. Isso é demonstrado em diversas circunstâncias, em que Milu é reverenciado ou quando emite julgamentos morais sobre os congolezes.

Tintim pode, de maneira análoga, trazer uma mensagem sobre o Congo⁴⁸ em sua relação com a Bélgica.

Ao prosseguir com a análise, uma figura deve ser analisada com mais atenção. Vale a pena fazer um pequeno parêntesis.

Coco e Kalulu:

Logo após chegar na África, Tintim organiza sua viagem ao interior e contrata uma criança que lhe serve de acompanhante: o personagem negro Coco. É na relação entre Tintim e Coco que podemos encontrar um dos exemplos mais claros da relação entre a Bélgica e o Congo como imaginada por Hergé. O personagem de Coco é interessante também porque lembra outro menino africano que foi “adotado” por outro explorador do Congo: Kalulu, como foi chamado por Stanley.

Em 1871, durante sua expedição em busca de Livingstone, Stanley recebe de presente um jovem escravo de nome Ndugu M'hali no posto de abastecimento de Tabora, no caminho das caravanas árabes ao interior do continente. Stanley, insatisfeito com o nome do menino africano, batizou-o Kalulu – uma espécie de

⁴⁸ Desenvolvendo o argumento de Leach temos que, se a estrutura de um mito traz uma determinada informação, o pesquisador deve considerá-la socialmente importante, já que essas informações são necessárias para a legitimação de direitos de certos grupos sociais. Da mesma maneira que não é relevante determinar a veracidade histórica de uma versão do mito em detrimento de outra, as histórias de Tintim não são aqui estudadas como fontes corretas ou errôneas de uma realidade. Não interessa determinar se Hergé traduziu verdades em seus álbuns, mas sim porque ele representou alguns aspectos dessa realidade, de uma certa maneira. O Velho Testamento justificou a sociedade judaica de 2.000 anos atrás e tornou-se uma “canonização”. Talvez seja muita pretensão eleger Tintim como o meio pelo qual se justificou todo um sistema colonial, nem afirmar que Hergé acreditava nas representações que produziu, mas se foi encontrado um padrão estrutural nas histórias em quadrinhos e em outras narrativas sobre o Congo, é possível estabelecer uma relação com o método de Leach.

antílope em suaíle – e tornou-o seu ajudante no restante da jornada. Levou-o para a Inglaterra, para a França, para os Estados Unidos e para a Espanha no período em que gozou de celebridade após seu retorno triunfante da África. Em suas correspondências Stanley diz que o considera como um filho, e acaba por escrever um romance sobre o jovem – *My Kalulu: Prince, King and Slave. A Story of Central Africa*. A história é sobre um jovem árabe de Zanzibar, de família de escravistas, que acaba ele próprio sendo escravizado em uma expedição. Eventualmente torna-se amigo do príncipe que lhe tem posse – o príncipe Kalulu da história – o que o faz rever sua posição quanto à escravidão. O jovem árabe por sua vez, Selim Heshmy, foi inspirado em um tradutor árabe que Stanley contratou para sua primeira expedição. O Kalulu real acabou por voltar com Stanley para a África novamente, em 1874, mas acabou morrendo afogado em um rio durante a tentativa de atravessar o continente de costa a costa.



Selim Heshmy, Kalulu e Stanley no caminho de volta, em um estúdio em Seychelles, 1872.

O menino que Tintim leva como ajudante em sua viagem lembra em muitos aspectos Kalulu. É de fato um ícone da criança africana em particular e da relação entre o africano e o europeu em geral. Ele é ingênuo, carente de cuidados – que o europeu pode lhe oferecer – bem como um retrato de todos os Ndugu que angariam a caridade para a pobreza africana.

Em todas as pranchas em que aparece, Coco está com uma expressão inocente e abobalhada, recebendo ordens e tentando cumpri-las. Em certa ocasião Coco fica encarregado de cuidar do transporte e das provisões enquanto Tintim caça alguns animais, mas o bandido da história o agride e rouba-lhe o carro. Milu então lhe passa um sermão de como não se deve temer as adversidades, enquanto Tintim toma para si a responsabilidade de remediar a situação. Em outra prancha Tintim está fantasiado de macaco em decorrência de uma estratégia para recuperar Milu de um outro macaco seqüestrador. Coco exhibe toda a credulidade que Hergé imagina ser recorrente aos africanos ao se assustar com o primata com a voz de Tintim, crendo que este havia sido devorado pelo animal. A ingenuidade africana que se traduz na crença do fantástico torna-se a base para as piadas da história para o público europeu. A magia, ou o que se acredita ser magia, na verdade tem uma explicação muito razoável, mas que em nenhum momento é vislumbrada pelos africanos ou lhes transmitida pelos europeus.



Tintim e Coco. O menino é contratado como ajudante na viagem, mas desaparece misteriosamente durante a história.

O menino negro ainda aparece realizando algumas tarefas para Tintim e chega a salvá-lo quando ele é preso ao ser acusado falsamente, mas desaparece inexplicavelmente da história em um certo momento. A infantilização do africano, que deve ser educado e protegido pelo branco, é representada e metaforizada no personagem.

Retomando a análise da história, vemos que Tintim finalmente parte em viagem com Milu e Coco, em um carro *transaariano* em bom estado, que lhe é oferecido por um comerciante europeu. No caminho Milu acaba ficando em perigo ao nadar em um rio com um crocodilo, mas é salvo por Tintim. O confronto entre o cão e o crocodilo é um agravamento do confronto com o papagaio. O crocodilo não possui a capacidade da fala como o papagaio – a passagem para a África está feita, sem a ambigüidade da limiaridade. Milu sofre risco real de vida e mesmo Tintim tem de usar de sua engenhosidade para salvar-se.

Sucedese novo encontro com o bandido clandestino, que é reconhecido por Milu, aqui exercendo sua função de mediador entre o bandido e Tintim, o

herói. Também é por causa do seqüestro de Milu por um macaco, que Tintim enfrenta novamente a África. Tintim mata um outro macaco para roubar-lhe a pele e sobe na árvore para ludibriar o seqüestrador. O macaco seqüestrador propõe fazer uma troca: Milu por um objeto ocidental. Hergé aproxima o macaco da representação recorrente do nativo africano que estabelece as relações com os europeus através da troca dos mais diversos objetos. É importante ressaltar que nessa representação, o nativo – ou macaco, que o substitui nesse episódio – sempre vai trocar um objeto que está em seu controle por um objeto europeu, cujo uso ele desconhece e que lhe parece interessante apenas por ser desconhecido.

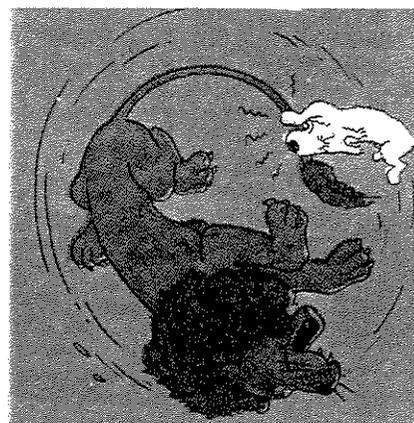
O macaco a qui é dotado de pensamento e fala, a proximando-se do pólo humano – mas africano. Tintim, por sua vez, também parece adquirir status de figura anômala, ao vestir-se de macaco e subir na árvore. Com a impossibilidade da mediação de Milu, capturado, é apenas humanizando a Natureza africana – representada pelo macaco – e animalizando a Cultura europeia, que a troca entre ambos é possível. A oposição é assim diluída. Tintim dá então ao macaco seqüestrador o chapéu de safári em troca de Milu. O macaco desce da árvore para o chão – ambiente que não é o seu – e tenta trocar o chapéu pela espingarda de Tintim, mas este acaba ficando com ambos os objetos. Temos a tabela a seguir que agrupa os pares de oposição:

Natureza	Cultura
Macaco humanizado	Tintim animalizado
Alto	Baixo

Seguindo viagem, Tintim bate o carro e descarrila um trem, tendo então de enfrentar os passageiros negros que o acusam de ser malvado. Ele tenta coordenar o conserto, mas se depara com a preguiça dos africanos. É Milu quem dá o exemplo de tentar colocar a locomotiva no lugar, ao que os outros o seguem e finalmente começam a trabalhar. Novamente a oposição entre o trabalho de capataz do europeu e o trabalho braçal dos negros é realizada pela mediação de Milu.



O embate entre Milu e o leão para salvar Tintim é mais uma evolução da oposição entre os pólos da Natureza africana e da Cultura ocidental. Milu emerge vencedor não só da briga com o leão, mas torna-se ídolo dos africanos. Se compararmos com a briga com o papagaio no



navio, há na verdade uma inversão da situação. É Milu quem morde o rabo do leão – animal da savana africana e nem um pouco humanizado – e vence a batalha.

A aliança entre o feiticeiro e o bandido europeu rende mais uma oportunidade para a ciência de Tintim triunfar, tal como acontece no episódio da guerra entre as tribos e também no tratamento de um doente, curado com apenas um pouco de quinino. A guerra instigada pelos bandidos parece corroborar a crença ocidental – existente até hoje – acerca do problema do “tribalismo” africano. Ou seja, o problema endêmico de todo confronto na África: sua insensata natureza autodestrutiva. Tintim representa o esforço de resolver as disputas mesquinhas e infantis entre as etnias e também entre os indivíduos – como no episódio em que dois negros disputam um chapéu e Tintim resolve a contenda cortando-o em dois. Na realidade Tintim alcança o status de feiticeiro com todas as suas proezas diplomáticas e médicas – condição que parece não lhe desagradar, uma vez que em nenhum momento tenta explicar os mistérios de seus sucessos: é chamado de *Boula-Matari* pela esposa do africano curado.

Um pequeno parêntesis sobre o significado da alcunha é necessário para compreender totalmente sua posição na história. No final da década de 1870, Stanley já gozava de prestígio e fama como explorador na África. Empregado por Leopoldo para construir as bases do que viria a ser o Estado Independente do Congo, Stanley ganhou a alcunha de *Boula-Matari* durante o período em que ajudou a implementar a ferrovia. Com a tradução aproximada de “destruidor de rochas”, o explorador ganhou estatura quase mítica – talvez mais para os

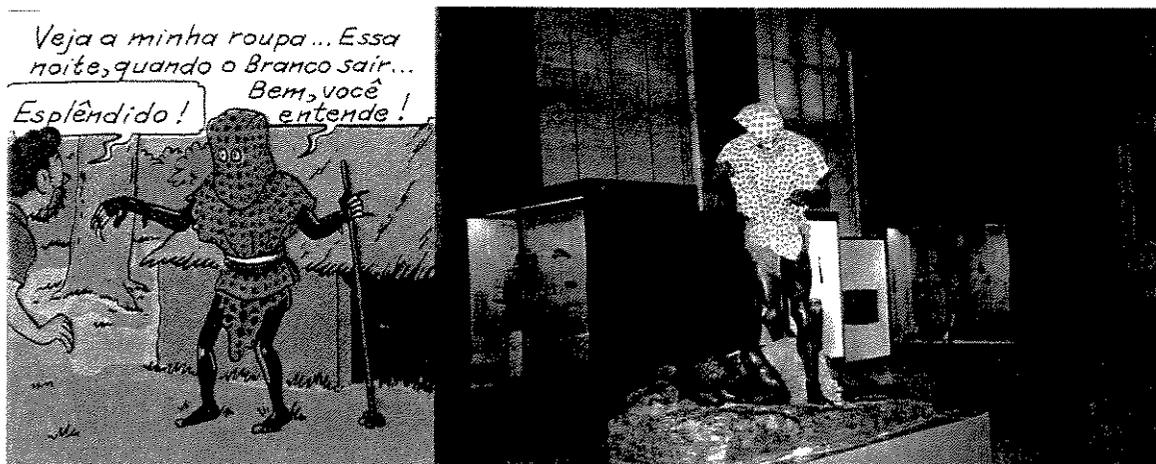
europeus do que para os africanos – com a imagem de desbravador. Sua travessia pelo Continente Sombrio não significava outra coisa que penetrar a selvageria com a civilização.

O título recebido por Stanley devido à fama de portador da civilização é coerente com a imagem européia da adoração dos africanos por essas figuras. Não é por acaso que a expressão foi resgatada em 1924 durante a *Croisière Noire* de Georges-Marie Haardt na travessia do continente africano. Por essa época o então presidente da França, Gaston Doumergue, teria expressado seu desejo a André Citroën, o patriarca da montadora automobilística, de ligar as colônias francesas da costa oeste com Madagascar. Assim teria surgido a idéia de uma expedição com os veículos da Citroën, alguns dos primeiros a utilizar as esteiras de borracha que caracterizam os tanques de guerra, ao interior africano. De outubro de 1924 a junho de 1925 foram percorridos 28000 quilômetros e diversos países, entre eles o Congo Belga. Os administradores belgas espalharam rumores de que partidários do *Boula-Matari* – Stanley – haviam chegado para desbravar as florestas do Congo. Aproveitaram a passagem dos oito veículos para abrir 700 quilômetros de estradas.

Não é estranho então que Tintim seja chamado de *Boula-Matari* na sua viagem ao Congo, originalmente escrita em 1930. A menção sobreviveu na edição colorida, mas veremos como na edição original o nome tem especial importância, diluída na versão de 1946.

Prosseguindo com a análise, temos que o feiticeiro, vestido totalmente como um leopardo (em contraste com sua vestimenta cotidiana de apenas uma

manta de leopardo), tenta matar Tintim. Entretanto, é salvo por este, que mata uma cobra que atacou o feiticeiro. A animalização do africano precede o ataque sorrateiro da serpente, exatamente a estratégia que o negro pretendia adotar. A aproximação do africano ao pólo da Natureza de seu meio, simbolizando sua postura traiçoeira, é explicitada assim pela cobra. A vitória de Tintim, que não apenas escapa do atentado como salva seu algoz, supervaloriza a oposição entre África e Europa: o africano, quase um animal, com intenções animais, acaba se dando mal em seu próprio jogo, mas acaba sendo salvo. Agindo como uma cobra, suas ações parecem merecer a morte, mas é a cobra, que o simboliza, que morre em seu lugar, satisfazendo sua função na oposição. Ele então jura fidelidade e obediência ao seu salvador e entrega o cúmplice.



O feiticeiro e seu cúmplice na aventura na África, e o modelo do museu que serviu de inspiração

Podemos reconhecer na caracterização do feiticeiro as fontes que Hergé utilizou. Para o disfarce de leopardo, a estátua do Museu Real de Tervuren serviu de modelo. Já para a vestimenta cotidiana, fotos de publicações do governo

colonial formam a base da criação artística, como mostra Farr (2001), que realiza um extenso trabalho de resgate das fotos e dos objetos que inspiraram Hergé em seus desenhos. Modelos de navios, carros, roupas, construções e mesmo estatuetas serviram para a criação das pranchas que desenhou em cada álbum.



Fotos de missões belgas no Congo também serviram para introduzir a figura do missionário na história. Esse é retratado em sua imagem mais estereotipada: grisalho, barbudo, vestindo uma batina adaptada à vida na selva e com um rebanho de jovens africanos que se aglomeram à sua volta. O chefe de Hergé no *Le Vintième Siècle*, o padre Wallez, tinha especial preocupação com a

imagem da Igreja em seu jornal. Hergé, criado em uma família de católicos praticantes, contribuiu para a caracterização positiva das missões religiosas no Congo. Lembro que no momento da publicação da aventura, meados de 1930 e início de 1931, Igreja e Administração Colonial ainda mantinham uma relação de cordialidade e cooperação.

Merlier (1962) afirma, por exemplo, que durante o início do primeiro período colonial, as missões eram tanto ou mais eficientes que os administradores governamentais e os agentes das empresas, sendo os verdadeiros “pioneiros da colonização fundamental”⁴⁹. Enquanto os “três pilares da dominação belga”⁵⁰ permaneceram juntos, a administração colonial belga não teve problemas reais com os movimentos nacionalistas, por exemplo.



⁴⁹ Cf. Merlier (1962), pp. 215.

⁵⁰ Cf. Grimal (1996), pp. 256.

Depois do aparecimento da figura do missionário, há outro embate contra crocodilos e outro ataque de cobra e de leopardo – este em uma sala de aula. Os animais são vencidos pelas armas de fogo, pela astúcia e pela engenhosidade, todas características atribuídas ao pólo europeu. A aventura prossegue com a luta de Tintim contra o elefante, que acaba sendo morto por um macaco, e com o combate final contra o bandido principal – que é comido por crocodilos. O crocodilo aparece em três ocasiões na história, possibilitando tirar algumas conclusões sobre seu papel e os dos outros



animais. Ele parece ocupar a posição mais baixa na hierarquia. Ele come o vilão, que por sua vez também ocupa o nível mais baixo da “ocidentalidade” – ele está cada vez mais sujo e maltrapilho, com artimanhas mais horrendas à medida que permanece e se embrenha na África. Vale lembrar que ele é o clandestino que viajou no porão do navio, abaixo d’água, ambiente onde morreu. Os crocodilos não são caçados – no episódio em que um grupo deles é morto, a vida de Tintim estava em perigo. Animais da água, eles podem matar um personagem sem deixar que seu destino seja mostrado, não chocando o leitor. Apesar de seu habitat natural ser o rio, ele pode transitar pela terra, mas na ocasião em que o faz ele é derrotado por Tintim.

Temos assim que Crocodilo : Leopardo, leão :: Água : Terra. O segundo termo nas duas metades da função é supervalorizado em relação ao primeiro

termo. O elefante, o búfalo, o antílope, a cobra, o macaco e o rinoceronte podem ser mortos também. Mas não o leão e o leopardo. Estes dois são animais exóticos, de exposição – Tintim busca uma jaula para o leão capturado por Milu. Entretanto, o antílope simboliza a comida, o elefante fornece o marfim – valorizado como artigo de exportação – e o búfalo é apenas uma versão africana de um boi⁵¹.

A cobra representa o perigo inesperado e traiçoeiro, merecendo a morte no episódio com o feiticeiro, e sendo mutilada e obrigada a realizar autofagia em um outro momento. A autofagia é a representação da autodestruição das tribos, agora em uma simbologia muito forte: o círculo formado pela cobra comendo seu rabo é eterno. Temos três situações de embates em que o rabo é o termo que dá significação à vitória ou à derrota dos pólos. Quando o papagaio, arauto do confronto com o Outro morde o rabo do cão europeu, este é ameaçado com a possibilidade da doença. Quando Milu morde o rabo do leão, símbolo da savana africana, ele o domestica. Quando os representantes do Outro africano mordem seus próprios rabos, eles não podem escapar à destruição e não há vitória: a idéia do “tribalismo” africano.

Os animais representam, na aventura, os graus de perigo enfrentado por Tintim, exercendo a função sintagmática que substitui a oposição entre Natureza africana e Cultura européia. Essa economia do perigo representado pela Natureza parece mostrar que quanto mais selvagem for o animal, mais perigoso ele se torna

⁵¹ Como lembra Sahlins (2003), a “praticidade” ou o valor nutritivo que regeriam a escolha de um animal ou outro como fonte de alimento, deve-se na verdade à uma estrutura de significados partilhados por determinado grupo ou sociedade. Assim, não é possível pensar em propriedades naturais ou inatas dos animais, que determinariam seu abate ou não. Antes são suas relações com os homens – no caso, europeus – que garantem seus destinos na aventura.

e mais heróico será o feito de sua captura e domesticação. Ao vencer o leão, Milu realizou o seu maior feito heróico.

Em algumas ocasiões surge a possibilidade da inversão da relação entre os termos e surge o risco da Natureza passar a dominar a Cultura, e não o contrário. Entretanto, esse risco serve apenas para reforçar a antiga hierarquia. A possibilidade da morte, em diversos momentos da história, exerce essa função de risco estrutural, apenas para confirmar a primazia do pólo da Cultura. A morte do macaco, por exemplo, ocorre quando Tintim se aproxima do pólo da Natureza para possibilitar a inteligibilidade da comunicação entre os termos: a morte e a mutilação do macaco literalmente animalizam Tintim, que pode subir na árvore e negociar com um macaco, que substitui o termo humano do pólo africano.

O confronto de Tintim com um grupo de pigmeus traz também algumas considerações interessantes. O primeiro contato transcorre com uma confusão, quando Tintim confunde um ancião pigmeu que estava de costas com uma criança. Ele crê então que todos os guerreiros vêm para atacá-lo, mas descobre que é outro engano, já que eles vêm apenas dar as boas vindas e levá-lo para a aldeia, onde Milu está sentado em um trono com uma coroa na cabeça. Dessa maneira Hergé estabelece uma hierarquia também entre os africanos, em que os pigmeus ocupam a posição inferior. São mais crianças que os africanos da aldeia dos *Babaoro'm*, falam como verdadeiros selvagens – veremos como na versão original todos os negros falam de maneira infantil e incorreta – e adoram um cachorro como seu rei.

A figura do pigmeu selvagem havia alimentado a imaginação dos europeus por muito tempo. Em seu estudo, Malkki (1995), ao analisar os campos de refugiados Hutu na Tanzânia, divide a composição da população de Burundi e Ruanda em Hutu, Tutsi e Twa. Estes últimos, de acordo com a confusa historiografia da região, seriam os primeiros habitantes, correspondendo a 1% do total. São descritos como um grupo de pigmeus, animalizados como meio-macacos e considerados inferiores aos outros dois grupos. Mamdani (2001) concorda com a informação sobre a antiguidade do grupo, lembrando também dos problemas que a apropriação do mito hamítico⁵² durante o período da administração belga no território trouxe nos conflitos pós-independência. O colonialismo essencializou e naturalizou os grupos, com Tutsi considerados negros mais evoluídos em oposição aos Hutu. Os Twa eram relegados a uma categoria à parte. Indivíduos considerados os mais exóticos nas exposições coloniais que mostravam habitantes da África, os pigmeus são o exemplo extremo da animalização e da infantilização dos africanos por parte dos europeus. Veremos na Conclusão como o pigmeu, que ocupa o lugar mais baixo na economia da selvageria africana, tal como proposta por Hergé, corresponde a o canibal, que na narrativa de Stanley ocupa a posição mais baixa na hierarquia da selvageria do explorador.

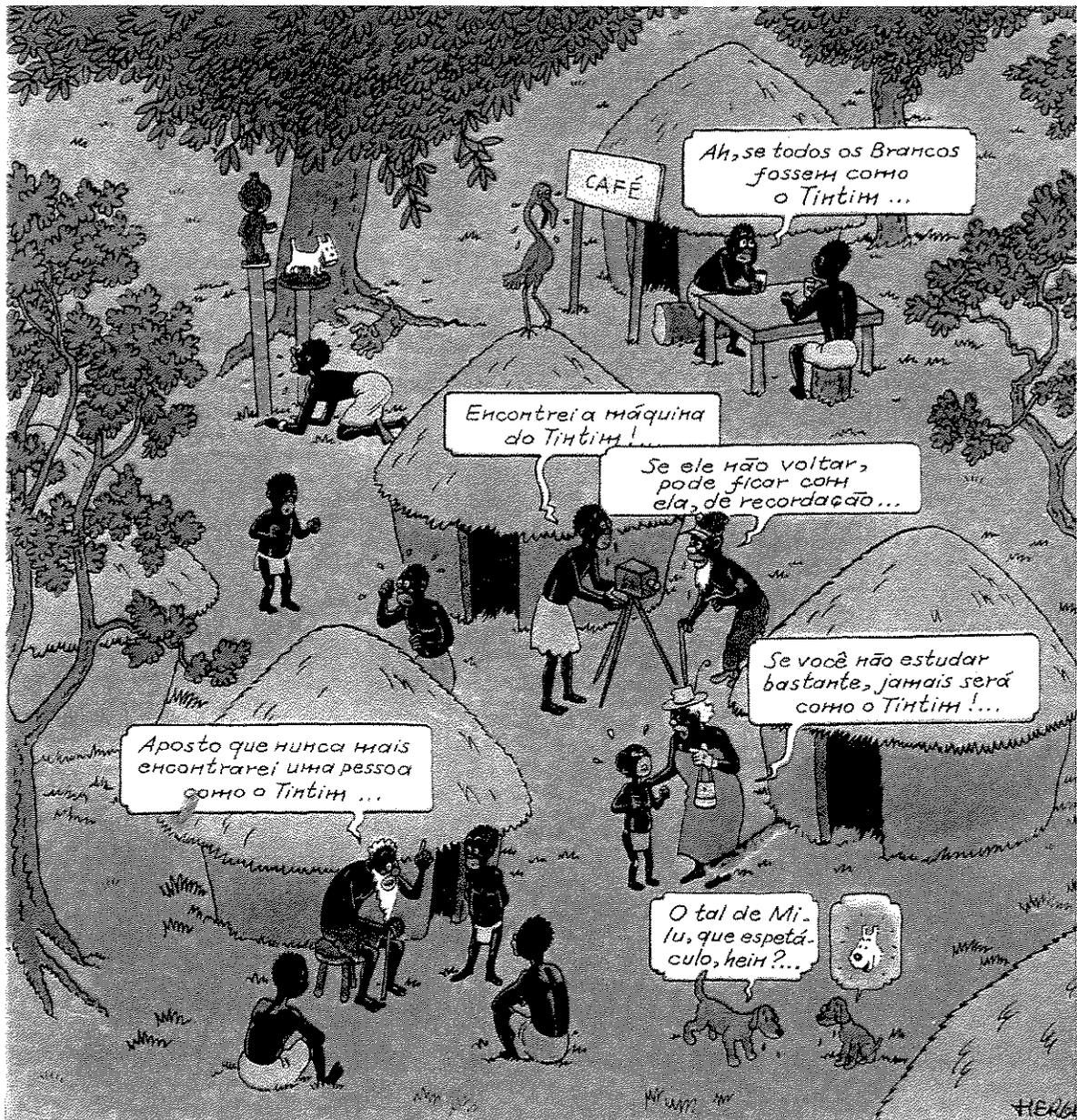
Voltando à história, segue-se a captura do bandido-chefe, que havia contratado o clandestino maléfico. Tintim disfarça-se como este último, mostrando novamente o artifício de Hergé para diluir as oposições e aproximar os termos em

⁵² Segundo o mito diluviano do Antigo Testamento, Ham foi um dos filhos de Noé que, ao descobrir um dia seu pai dormindo nu, não o cobriu. Ele foi, por isso, amaldiçoado e condenado a ter sua prole enegrecida.

oposição. Descobre que os motivos de todos os problemas são os diamantes cobiçados por um gângster americano, exemplificando uma das principais explicações que se propõe aos problemas enfrentados pelo Congo hoje: a internacionalização da exploração dos recursos minerais. Em ambos os casos, é claro que a natureza problemática dos africanos aprofunda as disputas.

A *Force Publique*, chefiada por um oficial europeu compreensivo e diligente captura os demais vilões e a aventura de Tintim termina. Resta desfrutar a glória, derrotar mais uma onça, filmar girafas, matar um rinoceronte e escapar de uma manada de búfalos.

A última imagem do álbum coroa e exemplifica toda a representação paternalista da história. Tintim e Milu partiram, mas serão lembrados como verdadeiros ídolos pelos habitantes da aldeia em que passaram. O europeu trouxe sua contribuição e resolveu os problemas da aldeia, mas tão logo ele vai embora os congolezes voltam a viver no seu “estado natural”. De fato, a mensagem que surge parece ser a de que, não importa o que seja feito, os africanos sempre permanecem em um estado perpétuo de credulidade, sempre necessitando da tutela do europeu. Entretanto, Hergé parece sugerir em diversos momentos que os africanos não estão muito contentes com a presença dos europeus, ainda que Tintim se destaque positivamente entre eles. De uma maneira aparentemente contraditória, Tintim representa o branco colonizador, mas em uma versão pura e desinteressada. Ele é o que o europeu deveria ser.



A última prancha é extremamente ilustrativa da representação da relação de Tintim com o Congo e seus habitantes. As cores, presentes nesta versão, têm também um papel importante. Desde que suas histórias foram publicadas em cores, Hergé adotou um padrão de composição de traços bem definidos e suaves, em que predominam os tons pastéis. Nesta prancha, Hergé construiu todo o

quadro com cores neutras, mas deixou algumas figuras em vermelho ou azul. Estes elementos chamam a atenção do observador e direcionam sua leitura ao estabelecer os eixos que compõem o quadro. Assim, é estabelecida uma relação inteligível entre os diferentes planos existentes.

Logo no topo da prancha à esquerda, encontramos as estátuas de Tintim e Milu que estão sendo idolatradas por um africano e por um cachorro respectivamente. As estátuas são vermelhas e seus suportes azuis. O olhar do observador é guiado para este canto imediatamente, já que além de situar-se no ponto de início convencional de leitura ocidental é também a única cena não poluída pelos balões de diálogo. O flamingo rosa logo à direita direciona o olhar então para o canto superior direito, para uma placa de uma cabana que se compreende ser um café. Aí se encontram dois africanos sentados à mesa conversando. Um deles comenta com o outro, com uma expressão de desalento, seu desejo de que todos os brancos pudessem ser como Tintim.

Logo abaixo, no centro da prancha, a figura de um velho africano com boné e calças vermelhas chama a atenção para o seu diálogo com outro congolês com a filmadora de Tintim. Este parece exprimir o desejo de manter o instrumento para si, a o que o mais velho lhe diz que, se Tintim não voltar, ele poderá guardá-lo como recordação. Logo abaixo destas duas figuras, o azul do vestido de uma mulher atrai a atenção do olhar do leitor. Esta transmite ao seu filho, que está chorando, uma advertência: se ele não estudar bastante, jamais será como Tintim.

À esquerda, em baixo, vemos um outro ancião de calção vermelho que está comentando com uma turma de jovens ao seu redor, que nunca mais encontrará

alguém como Tintim. A última ação do quadro encontra-se à direita, abaixo, onde dois cachorros estão chorando de saudades de Milu, como, aliás, várias das figuras acima também estão, pela partida da dupla. Nesta primeira análise verificamos como a “leitura” da ação no quadro segue o movimento de cima para baixo e da esquerda para a direita.

As figuras com vestimentas vermelhas ou azuis, que orientam o sentido da observação na prancha, são também os elementos principais das ações em que participam. Os dois senhores e a mulher usam objetos ocidentais: calças, sapatos, bengala e chapéu no primeiro; calção e bengala no segundo; vestido, chapéu, luvas e bolsa na terceira. Com exceção da figura sentada no café, são estas personagens – que se aproximam mais da representação de um ocidental – que emitem juízos, conselhos e ensinamentos aos outros africanos, vestidos apenas com tangas. Eles parecem operar a justificativa para a saudade e a adoração dos africanos por Tintim e Milu, lembrando e explicitando o porquê da admiração. Estando eles próprios mais próximos dos signos ocidentais, parecem mais capazes de apreciar os benefícios do pequeno, mas corajoso repórter.

Análise da versão de 1931:

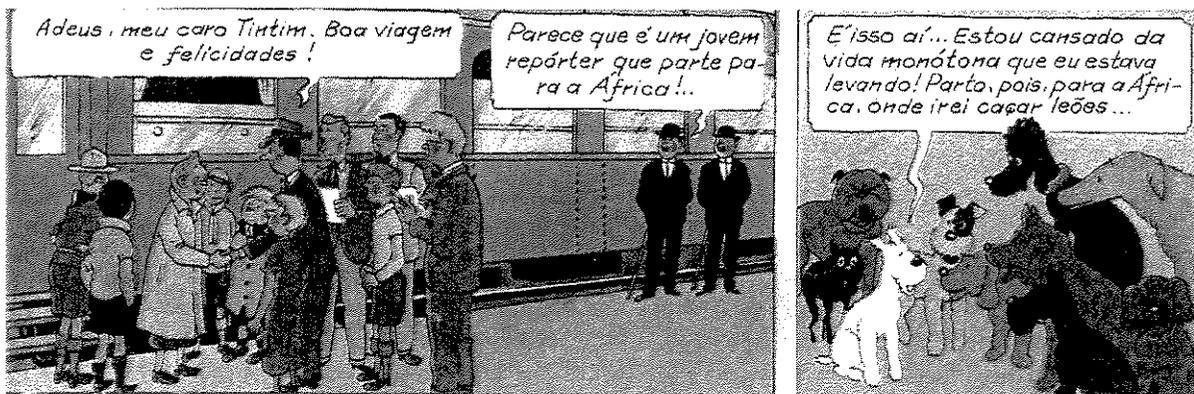
A versão publicada em formato de álbum em 1931 já havia aparecido no suplemento infantil do jornal *Le Vingtième Siècle* a partir de junho de 1930 por um período de um ano. A versão inglesa da história foi escolhida para realizar a análise devido à impossibilidade do trabalho com a versão francesa. Pôde-se constatar, entretanto, que esta edição não perde muito do sentido original, a

tradução sendo quase literal. Assim, a tarefa de comparar esta edição com a de 1946, analisada anteriormente, não sofre prejuízo.

Já na nota de apresentação da reedição de 2002, os editores ingleses advertem para o mau tratamento dado aos animais e para as atitudes coloniais refletidas na representação do Congo Belga pelo jovem Hergé, “vítima” dos preconceitos de sua época.

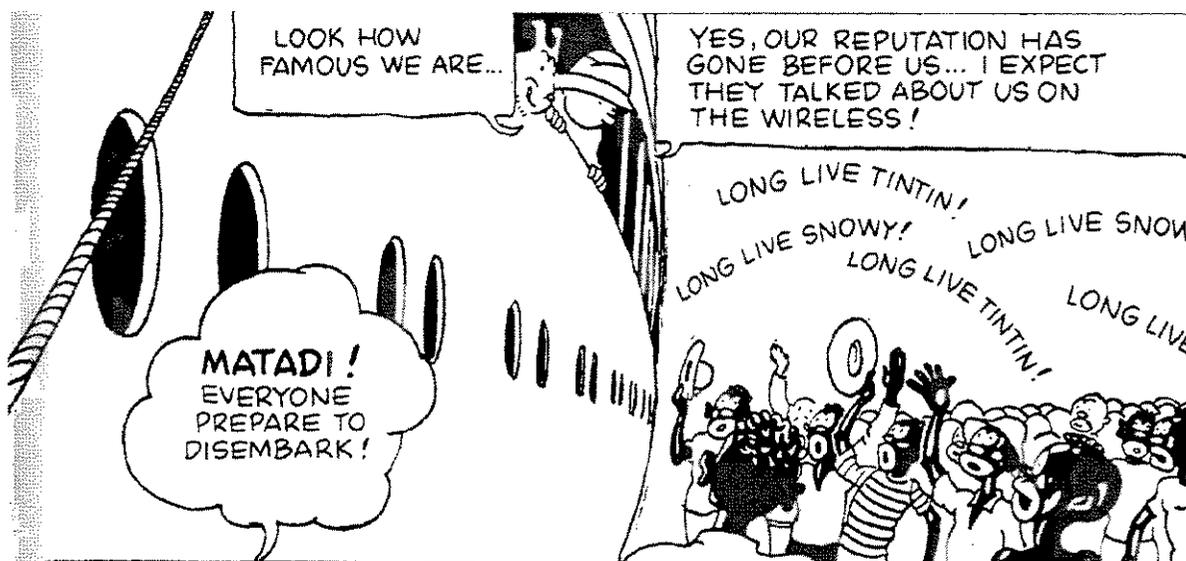
Em um primeiro momento irei comparar as diferenças aparentes entre as histórias – as mudanças no enredo e no desenho. Feita esta primeira comparação, partirei para a análise sintagmática, que poderá deixar clara a estrutura da aventura de *Tintim no Congo*. Poderei formular então uma primeira hipótese sobre a “contradição social” que a história como um todo tenta superar. A análise dos termos de oposição na estrutura de cada aventura permitirá compará-los, levando-se em consideração as mudanças históricas que ocorreram entre 1931 e 1946 no Congo Belga e em sua relação com a Bélgica.

Logo na primeira página temos algumas diferenças que devem ser assinaladas. Na versão em preto em branco, Tintim informa que estará zarpando de Antuérpia a bordo do “Thysville”, e Milu relata a um grupo de cães admirados que caçará leões. Já na versão colorida, a dupla Dupond e Dupont é introduzida, com uma pequena participação ao fundo. Milu continua a contar vantagem aos cães, mas as informações e referências geográficas sobre onde e como Tintim chegará a África são suprimidas.



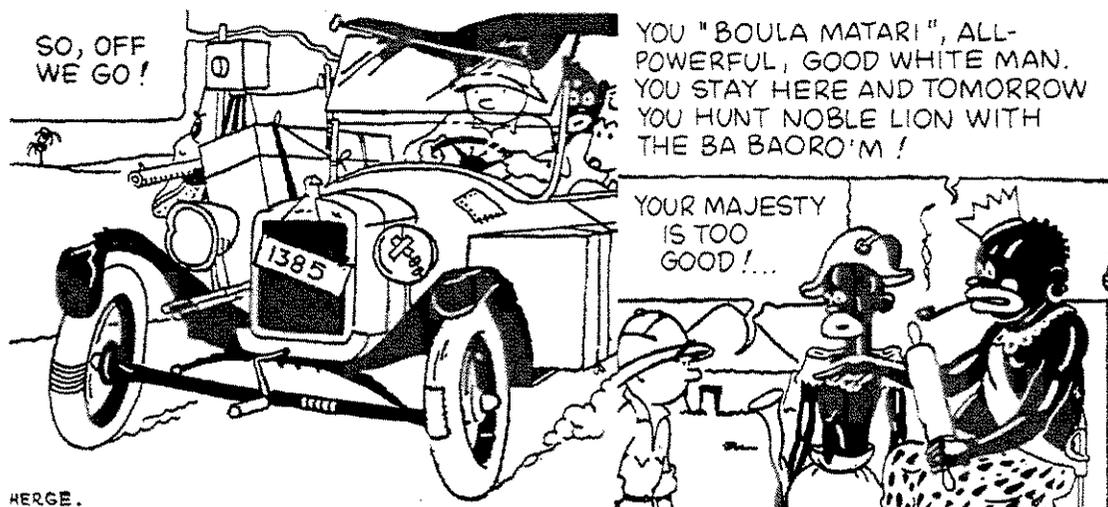
Pude constatar que a segunda versão não extingue o paternalismo colonial e o tratamento depreciativo reservado aos africanos na história. Logo na quinta prancha da primeira versão, quando Tintim está entrando em sua cabine no navio que o levará ao Congo, o camareiro negro fala quase telegraficamente, omitindo palavras, adiantando o tom que rege toda a aventura. O tratamento também demonstra submissão exagerada: *mestre* ao invés do *senhor* usual, usado na segunda versão.





Ao fim da viagem descobrimos, através da existência de uma prancha na versão original que foi suprimida na segunda, que o porto de desembarque é na realidade Matadi, a porta de entrada principal do Congo colonial pelo Oceano. Na segunda versão a narrativa é limpa das referências aos nomes das cidades, mas na primeira temos Tintim explicando indiretamente aos leitores, ao se dirigir a Milu, a rota tomada, passando por Tenerife, depois Boma e então Matadi. De fato, as referências geográficas são todas anuladas no álbum colorido, em uma tentativa de amenizar as características colonialistas do álbum em preto e branco.

O carro que Tintim aluga para começar sua expedição nesta versão está caído aos pedaços, em contraste com o carro da outra versão, que está em boas condições. Aqui a idéia de que as condições são mais precárias na África parece ter mais força.



O Coco desta história fala mais “errado”, assim como o camareiro que havia aparecido antes e assim como todos os negros da história, incluindo o rei dos *Babaoro'm*. Este chama Tintim de *Boula-Matari* e de “todo-poderoso e bondoso homem branco”. Vimos que Tintim já havia sido chamado por esse título na outra versão, mas naquele caso tratava-se de uma aldeã que estava grata pela “feitiçaria” que Tintim havia demonstrado ao curar o seu marido. Aqui Tintim é reverenciado pelo próprio rei como um homem bondoso e poderoso.

O álbum colorido também suprimiu o sangue, visível aqui no episódio em que Milu morde o rabo do leão e o arranca. No momento em que Tintim está na missão, encontramos mais uma diferença acerca das referências geográficas. Ao substituir o padre doente, Tintim não dá uma aula de matemática, mas sim de geografia, em que irá falar sobre a “pátria” dos pequenos africanos, a Bélgica. Temos aqui a versão em francês (a tradução para o inglês é literal):



No quadro original Tintim diz aos meninos que falará sobre a Bélgica, "vossa pátria". Na versão colorida ele dá uma aula de matemática.

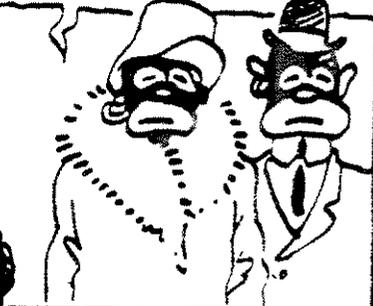
Durante a aula, um leopardo invade a sala e Tintim o faz comer uma esponja molhada, enxotando o animal, agora com dor de barriga. Ficamos sabendo que se trata de um leopardo treinado por um fornecedor de animais para o circo, que entra furioso na sala para reclamar de Tintim. Na versão original o treinador é um negro americano que logo leva uma bronca de Tintim, que explica como curar o leopardo e exige que o outro o deixe em paz. Já na versão colorida o treinador é um branco, que recebe as desculpas de Tintim junto com as instruções de como resolver o problema do animal.

A última prancha é precedida por uma que não existirá mais na reedição de 1946. As notícias da partida de Tintim são anunciadas por toda a África – extensão do Congo no caso – através de tambores. Africanos de todos os tipos lamentam a partida do “mestre Tintim”: anciões, congoleses da elite, guerreiros e crianças.

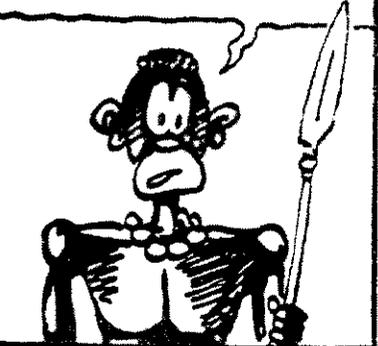
NOW TINTIN HIM
GO BACK TO
BELGIUM.



BIG CALAMITY,
MASTER TINTIN' GONE.



IS BIG SADNESS.



MY LITTLE SNOWY,
HIM GONE!



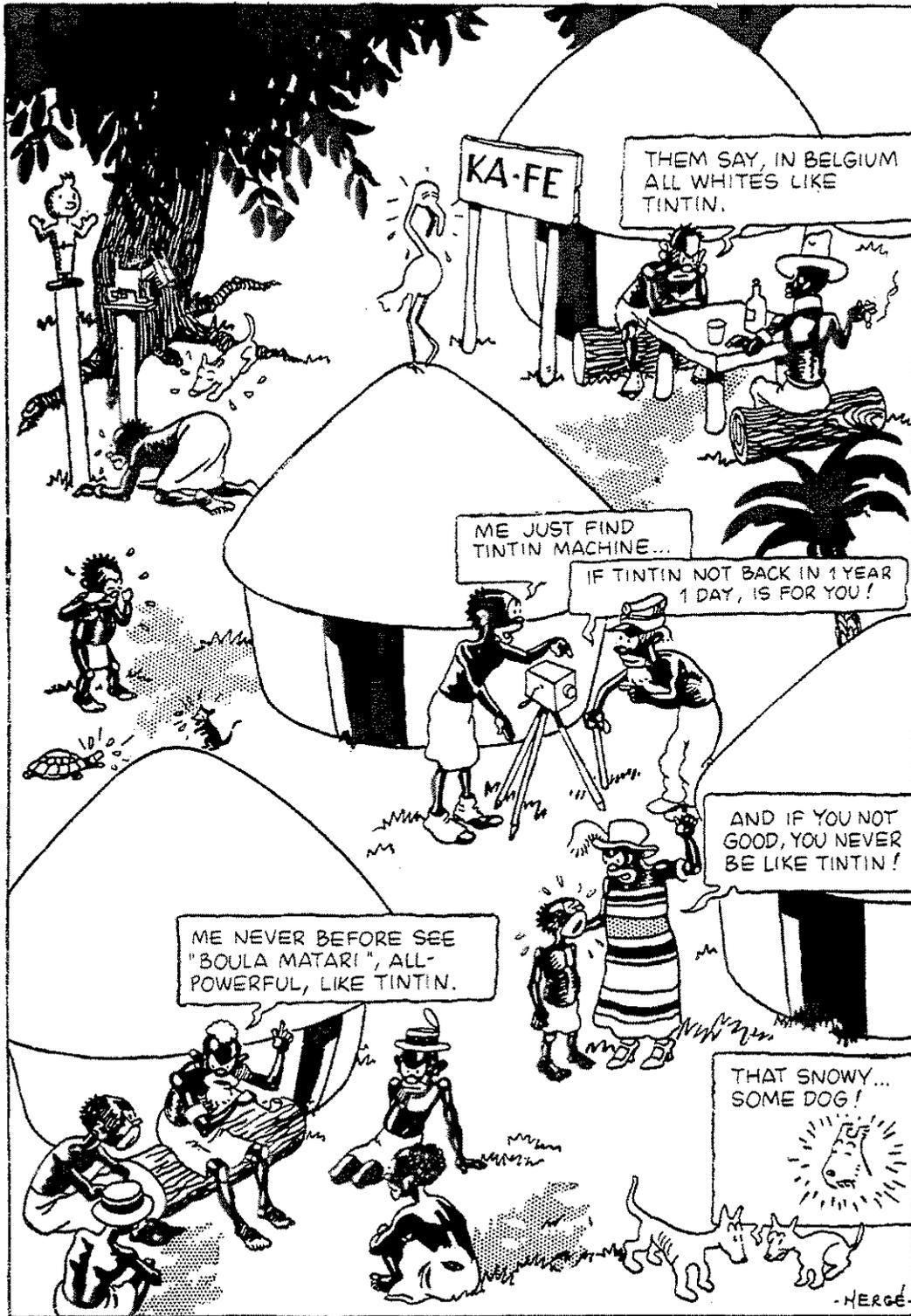
A supressão desta prancha da primeira para a segunda versão acarreta em uma mudança no sentido da última prancha de cada uma das duas versões. Aqui, no álbum em preto e branco, vislumbramos a reação dos congoleses de uma aldeia genérica. Uma aldeia que ouviu as notícias do especial “Tom-Tom”, ainda que um de seus habitantes tenha encontrado a filmadora que pertenceu ao próprio Tintim. Embora os africanos nesta cena pareçam familiarizados com Tintim a ponto de podermos pressupor que tiveram contato com ele, Hergé parece querer tornar essa familiaridade generalizada. O mito de Tintim, espalhado por todos os cantos na prancha anterior, faz com que todos os congoleses sintam sua falta e o considerem muito próximo. Tintim aqui substitui a Bélgica, parte da vida de todos os congoleses.

Esta tese é reforçada na própria prancha final da primeira versão, em que o homem sentado ao café afirma ter ouvido dizer que na Bélgica todos os brancos são como Tintim. É preciso lembrar a primeira análise, em que este mesmo personagem transmite uma informação diferente, ao expressar a esperança de que todos os brancos pudessem ser como Tintim, quando evidentemente ele sabe que não são. Quinze anos de separação de uma publicação para outra fizeram com que o pressuposto de que todos os belgas fossem bons para os africanos não pudesse mais ser afirmado. Em 1946 o Congo estava longe da independência, mas um mal-estar a respeito de um paternalismo hipócrita e exacerbado já era sentido.

Também o ancião da parte inferior esquerda chama Tintim de *Boula-Matari*, reforçando a imagem de homem todo-poderoso de Tintim nesta primeira versão

da aventura em comparação com a segunda versão. O homem é velho o bastante para podermos pensar em uma menção que Hergé possa estar fazendo aqui. Ele diz que nunca viu um *Boula-Matari* como Tintim e pode estar falando de qualquer homem, mas pode estar falando do próprio Stanley, que em 1930 ainda devia ter muitas testemunhas de sua travessia vivendo no Congo. A prancha desta história em cores carece da precedência da prancha noticiando a partida de Tintim. Nesta versão a cena parece ser circunscrita, parecendo tratar-se da aldeia dos *Babaoro'm* em que Tintim ficou. A identificação de Tintim com toda a Bélgica fica mais sutil neste caso, bem como a fama do repórter.

An African village has just heard the news by Tom-Tom Special.



Sobre diacronia e sincronia na análise dos quadrinhos:

Da exposição das duas versões da aventura de *Tintim no Congo*, é possível perceber como existe uma dinâmica relacional entre os personagens, que ocupam lugares diferentes na estrutura narrativa, adquirindo significado de acordo com a situação em que aparecem, e com as relações que estabelecem entre si. Personagens negros, que não são nomeados, mas que representam todo um grupo de pessoas, também sofrem uma transformação dentro da mesma história e entre as histórias – aí incluídos outros álbuns de Tintim – assim como se transformam suas relações com o homem branco, normalmente representado pela figura do repórter.

Perdidos no Mar, publicado inicialmente em francês como *Coke en Stock* em 1958, é um álbum central para se analisar a transformação que Hergé produziu em seus personagens e na apresentação dos conflitos em que estes se encontram envolvidos. Merece, portanto, uma atenção um pouco mais detida. Aqui, junto com os personagens principais que sempre acompanham Tintim, são trazidos vários outros secundários que apareceram em outras histórias, de modo que agora adquirem uma personalidade mais profunda ao mesmo tempo em que são modificados. Isso possibilita também que as aventuras, que teoricamente não possuem uma ordem cronológica marcante, adquiram uma continuidade através da intermediação destes personagens⁵³.

⁵³ Cf. Farr (2001), pp. 151.

Interessante notar que apesar do motivo principal que guia os esforços de Tintim nessa aventura – que era combater o tráfico de escravos⁵⁴, que operava através da captura de peregrinos mulçumanos negros que iam para Meca, e que estava relacionado ao mercado clandestino de armas e a um golpe de estado em um país árabe –, o álbum, e, a partir dele, as aventuras criadas por Hergé como um todo sofreram uma onda de acusações de racismo⁵⁵. Hergé resolveu por fim re-escrever alguns diálogos em 1967, tornando as falas dos negros mais fluidas e com um aspecto menos imbecil do que aquele que adquiriram na representação que se fazia da fala africana denominada de “*petit nègre*” na primeira versão. A postura submissa não foi, contudo, suprimida. A versão em português mantém em essência, não obstante, a fala *pidgin* da primeira versão em francês: os arremedos de conjugações verbais, a supressão de elementos gramaticais e a alusão à “barriga do navio” onde estavam encarcerados, sugerindo a interpretação africana de elementos da “civilização” através de categorias naturais⁵⁶.

⁵⁴ Praticado por ninguém menos que mercadores árabes ambiciosos!

⁵⁵ Na entrevista com Numa Sadoul, Hergé lembra indignado onde surgiu a acusação a respeito da representação depreciativa do negro neste álbum: um artigo da revista *Jeune Afrique* de janeiro de 1962. Afirma que a idéia de colocar o tráfico de escravos na história surgiu de uma série de notícias nos jornais da época, que denunciavam a prática em alguns países árabes. Assunto em que, segundo Hergé, as pessoas não ousam ou não podem intervir. Apressa-se em explicar, contudo, que tal fenômeno não tem o mesmo significado “para eles” do que tem “para nós”. Tenta assim demonstrar que está ciente da importância do respeito às diferenças culturais, entretanto fica clara a dicotomia “nós” e “eles” que representou nos quadrinhos.

⁵⁶ São interessantes alguns aspectos do universo de Tintim que podem ser comparados com outro herói desprovido de super poderes e conhecido dos romances da selva: Tarzan. A fala condensada, sua disputa com brancos e negros, e sua relação com os animais, suscitam indagações que poderiam ser buscadas em sua comparação com as aventuras de Tintim. Conferir, por exemplo, o artigo *O chamado da selva*, presente em Said (2003).



As versões da apresentação da fala do escravo negro. Da esquerda para a direita: o texto da versão original de 1958, sua modificação em 1967, e a versão da edição em português.

Não se pode deixar de notar a persistência da idéia da necessidade do combate à prática da escravidão tal como levada a termo por comerciantes árabes, que remete à época de Stanley e mesmo de Livingstone, quando a Inglaterra pressionava para o fim do tráfico. O heroísmo de Stanley em sua cruzada contra o



terror do interior africano, em que vigorava, entre outras coisas, o absurdo da escravidão de negros por árabes, é resgatado por Hergé através da figura de Tintim. O repórter e o capitão Haddock acabam por descobrir que o tráfico de escravos ainda continua, agora realizado em pleno alto-mar. Os comerciantes árabes realizam as transações com uma senha que dá o título do álbum em francês: ao subir a bordo perguntam se há carvão em estoque para comprar, referindo-se aos negros aprisionados no porão do navio.

E, tal como Stanley anota em suas memórias, não sem um sentimento de afronta e exasperação, Tintim e o capitão Haddock podem não ser recompensados como deveriam por sua ajuda. O trabalho louvável deve ser realizado com a consciência de que o reconhecimento



pode não existir. A idéia que parece ser transmitida é a de que as maravilhas da civilização trazida pelos belgas aos africanos não são totalmente apreciadas por seus principais beneficiários, mas isso não deve impedir que as boas ações continuem a serem realizadas.

Escolhi a figura do negro nas histórias de Tintim para demonstrar as mudanças diacrônicas ocorridas, bem como as recorrências estruturais sincrônicas, pelo fato de ser este negro e sua relação com o branco uma das bases na construção da representação congoleza investigada aqui. Os negros de Perdidos no Mar não são congolezes: de fato Hergé atribui-lhes nacionalidade sudanesa ou senegalesa. São mulçumanos, têm vestimentas ocidentais e são barbudos, contrastando com os negros apresentados no Congo, que têm crenças africanas, são despidos de pêlos, com poucas exceções, e apenas alguns tentam se vestir como um branco. Todos eles, entretanto, exibem uma incapacidade comunicativa que se mostra em graus diversos: são ingênuos, abobalhados e têm dificuldade em entender o que se espera deles. São naturalmente servis e ocupam posições subalternas: soldados, empregados, garçons e ajudantes em geral.

Uma das características que talvez seja das mais importantes é uma relação que é estabelecida entre o negro e o perigo e a violência, que muitas vezes é encoberta na frivolidade e no bom humor que Hergé imprime às histórias. Situação clara no caso da aventura na África, Tintim está sempre próximo do perigo quando envolvido com alguma coisa que diz respeito ao negro – seja ele responsável pela ameaça ou vítima dela. O limiar entre a vida e a morte marca toda a história: em todos os momentos Tintim está próximo da morte ou do fracasso, apenas para então triunfar e sobreviver. A ameaça sempre à espreita transmite uma tensão que está ligada ao significado do “mito” Tintim. A hipótese “como podemos lidar com eles se são diferentes” é complementada com informações sobre esta relação. A tarefa de ajudar o negro é válida, mas é preciso ter consciência do perigo que ela acarreta. Tanto elementos malignos que tentam se aproveitar da fragilidade negra, como a incompreensão e o potencial perigo advindos do próprio negro devem ser contornados com coragem, perspicácia e engenho. Tintim realmente é o que o belga deveria ser, de acordo com Hergé.

Conclusão

Inicialmente lembro dos três momentos na história do Congo que identifiquei de forma a relacionar às estruturas de representação europeias sobre o país africano. Assim, é possível determinar com maior clareza o lugar ocupado pelos quadrinhos de Tintim no interior do conjunto de representações vigentes na Bélgica sobre sua colônia.

Há o período pré-colonial, em que enfoquei o papel que as expedições tiveram na formação do mito fundador do Congo. Nessa Conclusão, a figura de Stanley é então relacionada com o próprio Tintim, de modo que ambas as narrativas heróicas possam ser analisadas. Da época do Estado Independente do Congo, destaquei a representação do Terror da exploração de Leopoldo. Nessa Conclusão, esse Terror é resgatado na comparação com outra situação de violência colonial: a da região do Putumayo colombiano. Por fim, o paternalismo identificado no período do Congo Belga é analisado no próprio “mito” de Tintim, cuja produção data dessa época, mas que incorpora representações presentes nas décadas anteriores.

Temos alguns elementos que já foram apresentados no primeiro capítulo sobre os papéis de Stanley e de Leopoldo no horror em que se transformou a região central africana durante a virada do século XIX para o XX. Aqui tentarei demonstrar como o sistema de atitudes e referências de que dispunham europeus e americanos sobre o Congo nesse período evoluiu e modificou-se nas décadas

seguintes, ainda que tenha conservado uma semelhança estrutural, que comporta, dentro de uma economia complexa de cambiantes representações africanas, a mensagem⁵⁷ que encontramos em nossa análise dos quadrinhos de Hergé. O sistema de atitudes do europeu em relação ao negro varia da condescendência para com um ser inferior, praticamente de outra espécie, para um paternalismo iludido pela promessa do diálogo, ainda que reticente – já que é necessário estar sempre preparado para os arroubos de selvageria que o negro pode sofrer –, e deste para o desprezo ou a compaixão por aqueles que se matam porque o “tribalismo” lhes é endêmico e natural. Somos tentados a fazer um esboço de uma teoria da representação belga sobre o Congo moderno.

Stanley e Tintim, os exploradores:

Se pensarmos nas impressões de Stanley sobre o interior africano, podemos identificar uma estrutura de atitudes que, se por um lado, é reproduzida e está presente nas décadas seguintes, por outro, possui características que lhe são peculiares. A escolha do exemplo de Stanley é importante, tendo em vista que o explorador britânico foi um dos principais agentes na construção da representação do Congo durante o período leopoldino – um dos primeiros em todo caso. No seu relato de como encontrou o doutor Livingstone nas margens do lago Tanganica, Stanley narra como superou os problemas que encontrou na travessia: as doenças, os animais, os traficantes de escravos árabes e os habitantes do

⁵⁷ A “mensagem” que procuro encontrar nos quadrinhos e que se refere ao sistema de valores belgas colonialistas expostos na representação congoleza, não possui o caráter intencional que poderia se imaginar na utilização do sentido corrente da palavra. Aqui me aproximo mais da idéia de transmissão possivelmente inconsciente desse sistema cosmológico.

interior africano. O resultado que temos é uma verdadeira construção narrativa do continente africano e de si próprio, que podemos comparar não apenas com Tintim, mas também com o autor de *O Coração das Trevas*, Joseph Conrad.

Stanley faz uso de uma mistura de romance e realidade, elevando-se em uma figura heróica que ele mesmo constrói e imagina. Sua aventura ganha ares míticos ao longo de uma narrativa cheia de fanfarrônicas, com os diálogos quase caricaturais do explorador com os personagens envolvidos na viagem. Logo no primeiro capítulo de seu relato, Stanley narra seu encontro com o dono do *New York Herald* em Paris, onde lhe é confiada a tarefa de procurar o veterano Livingstone. Ao se despedir de Bennett, seu empregador, teria dito:

*“Bonsoir, monsieur. Tout ce que l'humaine nature a le pouvoir de faire, je le ferai, ajoutai-je; et, dans la mission que je vais accomplir, veuille Dieu être avec moi”*⁵⁸.

Em diversas passagens existe a impressão de que se tratam de falas extraídas de uma peça literária. Biógrafos de Stanley são unânimes em afirmar que o explorador buscou construir, em seus livros, uma imagem de si mesmo que obscurecesse, por exemplo, sua origem pobre, vergonhosa a seus olhos. Na África, ele é o comandante destemido que é obedecido e respeitado, parte constituinte de uma aventura que se pretende real e que transmite uma

⁵⁸ Cf. Stanley (1880), pp. 3. Tradução livre minha: Boa noite, senhor. Tudo o que a natureza humana permita fazer, o farei, eu acrescento; e, na missão que vou cumprir, que Deus esteja comigo.

cosmologia própria sobre a ordem no continente sombrio. Os comerciantes árabes, por exemplo, merecem seu desprezo pelo prejuízo que trazem aos negros africanos. Esses, por vezes, são merecedores de pena e simpatia – especialmente os que são usualmente escravizados –, mas em outras ocasiões são culpados de incompetência, ou então são considerados perigos a se temer. Todo um sistema de representação do africano é construído, em que esse não possui características fixas e estáticas, mas varia de acordo com as circunstâncias em que se encontra.

Em sua tentativa de montar uma “etnografia” dos povos que encontrou desde sua saída em Zanzibar, na costa oriental africana, até o lago Tanganica, no interior do continente, Stanley sugere uma espécie de economia da selvageria do homem negro. Os habitantes da região montanhosa de Sagara, próxima da costa, são, para o repórter, amáveis e simpáticos. “Proporcionais” e musculosos, têm uma beleza negra ideal. Contudo, são para Stanley os que mais sofrem com a pilhagem e a ganância árabes. Movendo-se em direção ao interior, na região denominada Gogo, os habitantes locais mostram-se mais violentos, mais ferozes e sujeitos aos arroubos passionais que podem ser tão perigosos. Em Gnanzi, ainda mais no interior, Stanley encontra negros que vivem “completamente nus”, mas que de maneira geral demonstram bom humor, docilidade e fanfarronice juvenil – são os “yankees da África”. Entretanto, também estão ameaçados pelas guerras com os árabes, e mesmo pelas rixas entre seus chefes. Movendo-se mais ao interior, na região do Malagarazi, próxima do Tanganica, temos os canibais.

Estes parecem ocupar o posto mais baixo na hierarquia construída pelo explorador. Ele não se dá ao trabalho de descrever quaisquer vícios ou qualidades desses africanos, como se o simples fato de anunciar que são canibais já bastasse para que o leitor europeu soubesse que se trata de uma categoria especial: quase inumanos, são o exemplo da selvageria extrema que pode existir na África. Perigo extremo, o canibal traz toda uma estrutura de significados que é partilhada pelos europeus. Esse já tivera oportunidade de se horrorizar com relatos de canibalismo que afluíam do Novo Mundo, e o encaravam como prova da condição demoníaca em que os selvagens viviam. Na economia da selvageria, a listagem dos defeitos dos diferentes tipos de negro leva a uma imagem estrutural da inferioridade de todos eles, pontuada apenas por gradações defeituosas que vão se agravando à medida que o explorador penetra no continente: o coração das trevas é o máximo da ignomínia africana. Vimos como os pigmeus, para Hergé, adquirem uma função correlata na história de Tintim, representando o máximo da ignorância africana.

Stanley enfrentou os nativos africanos, mas sua intenção era “salvá-los” do verdadeiro inimigo: o mercador árabe. O terror que advinha de suas próprias medidas e das atitudes dos negros era atribuído em última instância ao tráfico escravista. Os portugueses podiam ser merecedores de desprezo, mas ainda eram europeus. A culpa recaiu sobre o árabe e o islamismo herege. O explorador-mirim Tintim só veio a encontrar mercadores árabes traficantes de escravos no álbum *Perdidos no Mar*, de 1958, embora tivesse enfrentado gângsteres americanos no Congo, os quais, interessados em diamantes, foram os verdadeiros

responsáveis pelos problemas que enfrentou no país. Não obstante, é o negro a base de representação da relação entre a Bélgica e sua colônia. E é a violência dos negros contra os negros ou dos negros contra os brancos que figura como risco para a concretização dessa relação, ainda que seja esse perigo a fonte do romantismo do paternalismo colonial.

É possível resgatar novamente o livro de Schwarcz (1987), na medida em que a antropóloga também reservou um momento para a reflexão sobre o papel da violência na representação do negro, no âmbito brasileiro, entretanto. Não é irrelevante o fato de que a maioria das notícias referentes ao negro, encontradas nos jornais analisados pela autora, fossem permeadas por algum tipo de violência, sua denúncia ou sua insinuação. A violência do negro contra o branco, mas também a violência do negro contra o negro, que Stanley re-cria em suas narrativas africanas, também está presente na imagem do escravo no Brasil, geralmente voltada para a figura no senhor: o branco é a vítima por excelência do negro foragido ou do negro revoltado. A violência parece ser considerada natural em ambos os casos. Essa idéia sobreviveu às representações oitocentistas do africano: o período de turbulência na época da independência e a guerra atual no Congo são compreendidos, em última instância, como uma disputa do “tribalismo” tradicional africano. É natural, e também cotidiana, dada a recorrência e a multiplicação dos relatos de sua ocorrência.

A violência podia ser gratuita, como que sugerindo uma propensão sádica do negro, mas também sexual: o temor do ataque às senhoras brancas, vítimas do desejo e da lascívia africanas. Por exemplo, Jahoda (1999), ao investigar as

tradições greco-romanas e judaico-cristãs que inspiraram as imagens construídas pelo europeu sobre o estranho e o exótico, analisou a figura do macaco que seria associada à imagem do negro. Na Europa medieval cristã, o macaco era relacionado com o pecado, como comprovam os relatos que corriam sobre estupros de mulheres pelos animais⁵⁹. O erotismo que este evocava transferiu-se ao negro, quando este foi identificado com o primata. Em Kossoy e Carneiro (2002), que estudaram o “olhar europeu” presente nas fotos e nas gravuras que retratavam a vida do escravo no Brasil, também vemos exemplos de imagens que mostram a licenciosidade do negro: reproduzem a representação do impulso sexual africano, demonstrado no exercício de “rituais africanos” que tanto escandalizaram os artistas responsáveis pelas imagens.

No trabalho de Jahoda (1999), é possível perceber como a imagem do selvagem, que se exemplifica aqui na figura do negro, variou ao longo dos séculos de acordo com o paradigma vigente no velho continente – por vezes ele era dócil e puro, mas também podia ser odioso e pecaminoso. O selvagem era, por exemplo, animalizado com base na diferença de sua cor e de seus costumes – vestuário reduzido e ingestão de carne humana contribuíram para a bestialidade atribuída ao negro. Macacos e outros primatas eram os principais animais que serviam de base para a comparação com os africanos, e esses animais possuíam, segundo Jahoda, uma conotação de anomalia – diabólica e sexualmente pecadora – dentro da tradição cristã europeia. Tal status possibilitou a existência de um sistema de atitudes referentes aos habitantes do continente africano que

⁵⁹ Cf. Jahoda (1999), pp. 8.

contrapunha humanidade e animalidade, através da mediação de uma categoria intermediária: animalizada, mas com semelhança humana. A comparação entre negros e macacos insere-se em uma hierarquia classificatória que desde Foucault sabemos ser imprescindível na experiência da dominação. O selvagem era assim lascivo, rude, imbecil e – uma característica importante – perigoso. E, tal como no caso dos de Bry, essa metáfora baseada na tradição greco-cristã possibilitou a cognição criativa de um Outro, que desconcertava e desafiava as categorias europeias de ordenação epistemológica.

No caso da construção iconográfica que estamos analisando, temos uma transformação da percepção deste Outro. Este novo sistema de representação e discurso sobre o negro, tal como praticado pelo colonialismo a partir do século XIX, é acompanhado por uma postura também diferente na relação de dominação entre africanos e europeus. Esse sistema representa a violência africana, mas também a dependência dos africanos em relação aos europeus.

Jahoda lembra que a característica infantilizada atribuída ao negro só se desenvolveu durante o neo-colonialismo. Inocência, ignorância, inabilidade moral e técnica, uma aproximação com a Natureza maior do que a que um adulto teria aproximaram os macacos às crianças, o que acarretou a soma dos atributos infantis à imagem do selvagem animalizado.

Ariès (1981) nos lembra que durante o século XVII a noção de infância não era vinculada a termos biológicos, mas à idéia de dependência⁶⁰. Na França

⁶⁰ O mesmo século XVII que introduziu o uso moderno de expressões sobre a infância, de certa maneira ainda mantinha uma conotação medieval da mesma. Daí a ambigüidade das expressões para distinguir as crianças pequenas de outras maiores e dos dependentes em geral, mantida não apenas na língua francesa, mas também

medieval, as mesmas palavras utilizadas pelos senhores para designar seus dependentes, aprendizes, auxiliares, subordinados e soldados, eram utilizadas para designar as crianças: *filis*, *garçons* e *valets* eram palavras que se empregavam em ambos sentidos. Esta noção de dependência atribuída ao *enfant* – o não falante – foi estendida aos africanos como um todo, mantendo a ambigüidade do século XVII: eles seriam as crianças da espécie humana no mundo, independente das idades de cada um. As idéias evolucionistas do final do século XIX não podem ser ignoradas, ao trazerem de volta a biologia, desta vez para explicar em termos científicos a natureza da inferioridade, da dependência e do primitivismo africano.

O sentido europeu de identidade individual, surgido na Idade Média – e intimamente ligado com a crescente preocupação com a contagem precisa da idade – era anulado com relação ao negro: todos são potenciais crianças. Novamente, temos que o negro era assim integrado a um esquema pré-existente de ordenação natural conhecido pelo europeu, anulando o desconcerto que existiria se assim não fosse. O africano, compreendido dentro dessa cosmologia européia, passou a ocupar um lugar na hierarquia de valores e atitudes já existente. Ou melhor, foi ordenado nessa hierarquia. O passo dado da racionalização deste habitante do “continente sombrio” para uma pragmática da ação colonial de dominação e sujeição, tornou-se então possível. A ação colonial mistura o sentimento de legitimidade na dominação a uma atitude paternalista –

na inglesa. Tal situação só se dissiparia ao longo do século XVIII e principalmente durante o século XIX. É importante também lembrar que a infância não interessava ou não fazia sentido no mundo adulto até por volta do século XII, como fica claro na análise de Ariès da arte do período, em que adultos em escala reduzida substituíam a figura da criança.

por vezes condescendente e divertida, mas geralmente indiferente ou autoritária. Companheira das características atribuídas à criança na Idade Média, e que se reproduzem no colonialismo, esta indiferença, misturada a uma distração curiosa e divertida, coexistia com o sentimento de exasperação e irritação. Ariès lembra, por exemplo, que Montaigne recebia com pouco pesar a notícia da morte de algum filho pequeno e ficava irritado com a idéia de que alguém podia entreter-se com os charmes das crianças como se estas fossem macacos!

Da “paparicação”, que marcaria o início da apreciação da criança como um ser idiossincrático, surgiu a idéia da disciplina e da correção, através dos moralistas e dos legisladores racionalistas: a criança não somente devia receber atenção por sua graciosidade, mas devia ser estudada para ser melhor disciplinada. Essa evolução do sentido de infância estava também presente no conjunto de atitudes e referências ao africano. Um ser dependente que também deve ser educado e disciplinado.

As denúncias e a construção do Terror:

Já tive a oportunidade de referir-me à importância das denúncias de Edmund Morel, Mark Twain e Roger Casement, que utilizaram muitos relatos de missionários, viajantes e funcionários coloniais para trazer ao público as atrocidades cometidas pelo regime de Leopoldo. Resta analisar o significado do Terror no primeiro período colonial no Congo, de modo a compararmos com o período subsequente, em que o paternalismo assume papel de destaque, mediante o abrandando desse Terror – ao menos aparentemente – e o

desenvolvimento da idéia de uma situação de troca possibilitada pela obra civilizadora belga. É nesse último período que se inserem Tintim e Hergé.

Assim, no período do Estado Independente do Congo, de 1885 a 1908, existe, por um lado, a memória do heroísmo desbravador de exploradores como Speck, Burton, Livingstone e principalmente Stanley, no qual inspirou-se a tentativa de legitimação da posse e da conquista de Leopoldo, e, por outro lado, a denúncia do horror desencadeado por esse mesmo heroísmo. O Terror e a ameaça da violência são expostos por Stanley – as batalhas, as doenças, a ameaça árabe ou a ameaça negra. Mas esse Terror também ficou gravado na mente do europeu pelos esforços dos opositores ao regime de trabalho forçado no Congo, e de uma maneira especial por Joseph Conrad. Sou aqui inspirado pelo já clássico estudo de Michael Taussig (1993) sobre o Terror colonial e o xamanismo americano.

Interessante notar que o “horror” que o personagem de *O Coração das Trevas*, Marlow, encontra no interior do Congo, junto à figura de Kurtz, acabou por se tornar uma metáfora para a escuridão presente no próprio ser humano, e não apenas nos funcionários de Leopoldo. Conrad, na verdade, não se juntou ao coro de revolta que Casement e Morel tentavam levantar, mas ocupou uma posição singular. Segundo Taussig, entre o Terror disfarçado de heroísmo e altruísmo de Leopoldo e a denúncia realista de Casement, Conrad situava-se a meio caminho entre a tentativa de penetrar no “véu” da violência colonial e a ânsia de reter sua “qualidade alucinatória”⁶¹. Sua arte traz consigo elementos do “inconsciente

⁶¹ Cf. Taussig (1993), pp. 32.

político” de sua época, percebido através do contraste entre os relatórios e as denúncias. Manteve-se, assim, reservado a respeito da tarefa humanitária da qual Morel e Casement tentavam convencê-lo a participar.

O livro de Conrad foi lido como um testemunho das possibilidades malignas do engenho humano ou como um romance que encerrava verdades etnográficas que o próprio autor vivenciara em sua viagem pelo Congo⁶². Aqui, entretanto, seguindo as pistas deixadas por Taussig, não importam tanto as considerações universalistas ou o realismo que podem estar contidos nos parágrafos do romance, mas a re-criação de um espaço do Terror relacionado ao Congo que acompanhou e guiou tanto as representações futuras como a ação colonial. Da mesma maneira como os funcionários das companhias seringueiras na Amazônia do final do século XIX imaginavam índios perigosos, indolentes, preguiçosos e tantas mais características quantas compunham o complexo quadro de representações sobre os indígenas, e legitimavam o recrutamento forçado, a punição e a execução de milhares de pessoas, também no Congo havia uma zona de perigo e morte que definia a pragmática colonialista belga, de cuja produção e reprodução faziam parte tanto os relatórios de Casement quanto o romance de Conrad.

O próprio Taussig compara a situação congoleza com a da região do Putumayo, no sudoeste colombiano: uma região de colheita da borracha no final do século XIX e começo do século XX, onde Taussig realizou trabalho de campo nas décadas de 1970 e 1980. Como na região do Putumayo, a borracha foi um

⁶² Cf. Hochschild (1999).

dos principais motivos para a exploração no Congo, após o período inicial da extração do marfim das presas dos elefantes. Partindo do exame dos relatórios produzidos por uma comissão britânica de investigação, criada para apurar as denúncias sobre as atrocidades cometidas nos seringais amazônicos, o autor mostra como nessa região havia, por um lado, os *caucheros*⁶³, e, por outro, os testemunhos de atrocidades cometidas. Os primeiros justificavam para a Comissão o recrutamento de mão de obra indígena na colheita da seiva, tentando abrandar o significado da palavra “conquista” em espanhol através de um jogo semântico, enquanto as testemunhas das atrocidades, em nome desta “conquista contratual”, eram arregimentadas pelo próprio Casement.

O significado do real perde importância para o significado da representação do real em relação ao horror na região colombiana, componente imprescindível do colonialismo, segundo Taussig. A violência registrada no colonialismo do começo do século XX no interior colombiano é uma mescla da mitologia da conquista heróica do século XVI com a moderna mentalidade mercantilista da troca e do contrato. Assim, para além da violência dos capatazes contra os índios – pensados como inferiores e submissos, embora merecedores de uma mínima tentativa de diálogo, ainda que em termos desiguais – existe também o horror recriado pela denúncia dos abusos: a complexidade da mitologia do imperialismo, que bebe da experiência do real, re-cria a experiência, e atua em um nível diferente, o simbólico. Esta representação do real na mitologia do colonialismo, para Taussig, é tanto mais eficaz quanto menos aparece como mitologia. Dessa

⁶³ Os que responsáveis pela extração e o comércio da borracha na região do Putumayo.

maneira é necessário questionar a própria história do Congo para isolar os elementos mitológicos que compõem as representações de Tintim, por exemplo. Não no sentido de desmistificar o mito, mas de compreendê-lo.

Existiu no Putumayo e no Congo o ritual do Terror dos conflitos armados e melodrama grotesco das descrições de tortura e execução, que colocava em xeque a tentativa de reduzir as explicações do absurdo pela racionalidade da economia política. Casement denunciou a contradição que exasperou tantos críticos do papel da violência na prática do colonialismo: as mortes resultantes das atrocidades eram contra-producentes ao reduzir a mão-de-obra já escassa. Seu argumento era que a borracha podia ser conseguida com acordos com os índios, sem a necessidade de se recorrer à violência que ia contra a lógica da produtividade. Imputava-se assim um sentido capitalista de mão de obra, produção e mercado, onde o que havia eram apenas índios existindo ao redor das engrenagens coloniais de dominação. É, no entanto, uma racionalidade ilusória, que em Conrad é substituída pela re-encenação do “véu alucinatório” do “espaço da morte”. O romancista, ao invés de tentar racionalizar o Terror, buscou recriar esse espaço que o Terror propicia. O poder de dominação que o Terror possui, não advém do simples exercício da violência que o caracteriza, mas da conseqüência simbólica dessa violência sem precedentes. O Terror envolve suas vítimas no que Taussig denomina de “espaço da morte”: um espaço que não se encaixa ou faz sentido em nenhum sistema cultural anterior.

A falta de mão de obra nunca foi uma preocupação de Leopoldo ou dos *caucheros* do Putumayo, como pressupõe o otimismo de Casement, que assumia

que os índios trabalhariam bem sob as condições mercantis que vigoravam na Europa e nos Estados Unidos.

Para que possa ocorrer a “subversão mítica do mito”⁶⁴ – o mito do colonialismo e do imperialismo – a re-apresentação deste deve mostrar e recriar as ambigüidades que lhe são constituintes. É assim com o *Coração das Trevas* e a re-apresentação do Terror da mitologia colonial leopoldiana, mas também com Tintim e a promessa de convivência razoável contida na obra civilizadora do período do colonialismo belga. Representar e re-apresentar o mito em uma relação narrativa significa experimentar o seu significado, dessa maneira atualizando-o para eventualmente subvertê-lo – ou reforçá-lo. O mito deve ser entendido como um conjunto sistêmico de relações em que os termos, postos em relação, adquirem significado através da própria relação. A narrativa é o que delinea o sistema e, portanto, a forma como a história é contada é o que dá significado aos termos. Assim, recontar a história é re-criar o significado. É por isso que os termos não têm um significado intrínseco.

No caso das curas xamânicas na região do Putumayo, relatadas por Taussig, o xamã deve fazer o paciente reviver o horror de forma a confrontar sua relação com o Outro, eventualmente subvertendo-a. A ameaça da inversão da hierarquia em que se opõem um e outro, é o que garante a eficácia da re-encenação, para ambos os lados. Mas o *cauchero* também enfrenta o horror do nativo perigoso, seja ele real ou imaginário: o de ser ele mesmo torturado. No caso de Tintim, já mostrei como os personagens transitam entre diversas posições

⁶⁴ Cf. Taussig (1993), pp. 32.

para tornar expresso um significado particular ou outro, e eles mesmos reencenam a ambigüidade do mito do colonialismo civilizador. Quando o macaco toma a espingarda de Tintim, essa é a ameaça da inversão das posições que um pólo e outro ocupam na relação estabelecida.

O Terror e o paternalismo como possibilidades da colonização:

Se o horror era a forma de fazer funcionar as engrenagens da extração da borracha no Congo de Leopoldo e no Putumayo colombiano, em Tintim é o mito da civilização que vai permitir a existência da cooperação mercantil entre os diferentes: o europeu dá o costume e os remédios e faz a mediação entre o mundo da cultura e o nativo, e este faz a mediação entre o mundo da natureza e o europeu, dando-lhe a possibilidade de extração de produtos que interessam ao último. É importante frisar que a reciprocidade, tal como mostrada nos quadrinhos, não implica na igualdade de status entre os termos; a superioridade da civilização garante a assimetria entre o congolês e o europeu.

O Congo de Leopoldo é palco de uma disputa entre o discurso de um progresso e uma civilização que lutariam para penetrar na escuridão da selvageria e o discurso que denuncia o terror que contraditoriamente é criado. A pragmática do agente colonial está, contudo, embebida de uma mescla de superioridade e sentimento de salvação. O castigo para a não obtenção da cota mínima de borracha extraída pode ser praticado, as mortes exemplares, a destruição de aldeias inteiras, a mutilação e a exploração sem precedentes também. Isto se tornou a história da experiência de Leopoldo. O administrador belga age de acordo

com uma cosmologia discursiva que permite uma série de atitudes junto a estes congoleses, que são re-criados em termos familiares. Ele constrói sua própria visão desoladora do *Coração das Trevas*. Por sua vez, o missionário inconformado, bem como os detratores do regime de Leopoldo, também contribuem para esta representação congolesa e espetacularmente desprovida de voz africana.

Há uma transformação neste sistema de representação sobre o Congo após a transferência do território para o governo belga, em 1908. É aqui que se situa Tintim. A luta pela civilização que justifica a morte do negro, seu castigo por “incompetência” e toda a névoa de Terror e absurdo de 20 anos antes, acabam por modificar-se em uma espécie de diálogo assimétrico, em *Tintim no Congo*. A idéia de troca acentua-se. O congolês já “civilizado” agora trabalha por alguns direitos que eram impensáveis no início do século: os garantidos pelo Estado, pela Igreja e pela empresa que se instala no território e que emprega o congolês. Este ainda sofre com o trabalho quase forçado, em diversas ocasiões ainda é açoitado e tratado com desdém, ainda tem o caminho para a igualdade de condições completamente barrado, mas não existem mais expedições de extermínio e mutilações cotidianas.

Vimos que nas histórias de Tintim o negro ainda ocupa uma posição subalterna e impera o sentimento de que ele é quase uma criança que necessita da orientação do europeu. E, quando a conversa é impossível em alguns episódios, resta apenas a Tintim o uso da força para garantir que consiga o que quer, como quando se envolve com a iminência de guerra entre as duas aldeias,

ou quando o feiticeiro e o bandido clandestino conseguem jogar os *Babaoro'm* contra ele. A mescla entre força e comércio – no sentido de diálogo e contrato social de troca – que Taussig identificou no colonialismo colombiano do começo do século, existe aqui nesta história.

Na história, não se mata diretamente o negro, apenas o seu substituto – o macaco. Tintim traz também a medicina, a instrução e a amizade como moeda de troca com o africano. Há obviamente uma diluição do Terror do período anterior, mas este ainda se insinua e permanece à espreita, na ameaça da Natureza e na sujeição do congolês, bem como na descrição da disputa internacional pelas riquezas do país que se descobre no final da aventura. A promessa do Terror sobrevive nesse contrato frágil e precário que foi construído entre belgas e congolezes. Todos os belgas devem estar preparados para assumir seu papel de responsabilidade junto a um povo ignorante e por muitas vezes ingrato, tendo a consciência do perigo que tal tarefa traz consigo. Esse Terror incubado voltará com força total no período de independência, e, de certa maneira, persiste até hoje. O próprio Tintim é a violência simbólica atrelada ao Terror.

A ameaça de um líder congolês, que se mostrou mal-agrado o suficiente para virar as costas à promessa de independência e ajuda belga, para se aproximar da ameaça soviética, foi apenas o estopim para uma postura mais agressiva do governo belga – apoiado pelos Estados Unidos – que colocou no poder um ditador que garantiria a manutenção dos interesses ocidentais no Congo, e que posteriormente seria ele mesmo o pivô de uma percepção do Congo como um lugar perigoso e traiçoeiro, ao trair por sua vez os interesses que o

colocaram no poder. A ameaça representada pelos *évolués* é a possibilidade – não insignificante – da inversão da hierarquia que dicotomiza brancos e negros, ameaça que podemos encontrar em todo o período colonial, e que perdura no período de independência. Atualmente, a guerra no país, iniciada no final da ditadura, trouxe de volta o horror que Marlow primeiro mostrou ao mundo.

A hipótese que estou delineando é a da existência de uma estrutura interna de significados – implícitos, se assim é possível dizer – que se distingue pela recorrência nas histórias, através de diferentes formas. Uma “mensagem” que está intimamente ligada ao criador das aventuras e à sua relação com o objeto retratado, que surge diversas vezes em uma mesma história e em suas diferentes versões. O que posso estabelecer é o seguinte: a oposição principal na narrativa de Tintim no Congo parece ser entre Natureza e Cultura, apresentada de diversas maneiras no enredo e nas interações dos personagens entre si e com o ambiente. Entretanto, a separação e a diferença entre os pólos não podem ser tão absolutas a ponto de impossibilitar sua relação, isto é, é preciso afirmar a possibilidade lógica e racional do paternalismo e da dominação belga de uma enorme porção do continente africano. A versão da história de 1931 é muito mais explícita e direta, mas a “mensagem” persiste na versão posterior, como vimos.

Os personagens, desprovidos de valor absoluto, se relacionam entre si através de recursos mediadores para tentar solucionar uma questão essencial do colonialismo europeu: “podemos dominá-los / ajudá-los se não são tão diferentes a ponto de impossibilitar uma relação, mas diferentes o suficiente a ponto de que nos pareçam quase animais ou então perpétuas crianças, pois tal diferença /

desigualdade é o que possibilita a troca. No caso da diferença ser ampla o suficiente para ameaçar essa relação, o Terror, ou sua ameaça, encarrega-se de resolver a situação”.

A questão, em comparação com o caso americano, permite perceber a existência de uma estrutura semelhante em situações de conflito e sujeição colonial. Mesmo com diferenças na ênfase entre os pólos da relação – no colonialismo praticado nas Américas e no colonialismo praticado na África – podemos identificar no Congo alguns dos mecanismos coloniais ressaltados por Taussig.

O negro sempre é representado de forma a aproximá-lo do pólo da Natureza, seja através da representação infantilizada, seja através da representação animalizada. A oposição entre Natureza e Cultura é posta em uma escala gradativa: o belga “civilizado”, por um lado, e o negro “selvagem”, por outro. Mesmo que os personagens ocupem em cada caso posições variadas no interior dessa escala, existe sempre uma relação entre os termos que supõe a superioridade hierárquica do pólo da Cultura sobre o pólo da Natureza. A possibilidade lógica e real da inversão da hierarquia permanece como uma ameaça constante, mas nos casos em que ela é representada, é apenas para reforçar a necessidade da superioridade da Cultura sobre a Natureza. É através desse artifício lógico que a necessidade de justificar a colonização pode ser reafirmada. A contraparte do projeto colonial, que é o resultado lógico da superioridade da Cultura sobre a Natureza, é o Terror resultante da inversão

dessa hierarquia. Mais do isso, a ameaça dessa inversão e o seu conseqüente Terror são imprescindíveis para a justificativa do projeto colonial.

Bibliografia

- Antropologia, impérios e estados nacionais*, Benoît de L'Estoile, Federico Neiburg e Lygia Sigaud (orgs.). Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2002.
- Ariès, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- Assouline, Pierre. *Hergé*. Ed. Plon, 1996.
- Balandier, Georges. *Sociologie a ctuelle de l'afrique noire: Dynamique sociale e n Afrique Centrale*. 3ª. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1971.
- Barthes, Roland. *Sistema da moda*. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- Baxandall, Michael. *O Olhar Renascente: Pintura e Experiência Social na Itália da Renascença*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- Bucher, Bernadette. *Icon and Conquest: A Structural Analysis of the Illustrations of de Bry's Great Voyages*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.
- Brunschwig, Henri. *A Partilha da África Negra*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.
- Chamberlain, M. E. *Decolonization: The fall of the European empires*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- Conrad, Joseph. *O Coração das Trevas*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1984.
- _____ *Lord Jim*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.
- Coppet, Daniel de. "Comparison, a universal for Anthropology: From 'representation' to the comparison of hierarchies of values". *Conceptualizing society*. Adam Kuper (ed.). Ney York: London: Routledge, 1992.

Dorfman, Ariel e Mattelart, Armand. *Para ler o Pato Donald: Comunicação de massa e colonialismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Fabian, Johannes. *Language and colonial power: The appropriation of Swahili in the former Belgian Congo, 1880-1938*. Berkeley: University of California Press, 1986.

_____. *Remembering the present: Painting and popular history in Zaire*. Narrativa e pinturas por Tshibumba Kanda Matulu. Berkeley: The University of California Press, 1996.

Farr, Michael. *Tintin: Le revé et la réalité: L'histoire de la creation des aventures de Tintim*. Bruxelles: Éditions Moulinsart, 2001.

Gordon, King. *As Nações Unidas no Congo: Em busca da paz*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1965.

Gourevitch, Philip. *Gostávamos de informá-lo de que amanhã seremos mortos com nossas famílias: Histórias de Ruanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *The Poisoned Country*. Home Page da The New York Review of Books, 6 de junho de 1996, <http://www.nybooks.com>, (21/04/2002).

Grimal, Henri. *La decolonisation: de 1919 à nous jours*. Bruxelles: Editions Complexe, 1996.

Guevara, Ernesto Che. *Passagens da Guerra revolucionária: Congo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Hanson, Victor Davis. *Por que o Ocidente venceu: Massacre e cultura – da Grécia antiga ao Vietnã*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

H. M. Stanley: Explorateur au service du Roi. Tervuren: Musée Royal de l'Afrique centrale, 1991.

Hargreaves, John D. *Decolonization in Africa*. 2ª ed. London: Longman, 1996.

Hate Radio: Congo, Ruanda. Home Page da Radio Netherlands, <http://www.rnw.nl/realradio/dossiers/html> (agosto de 2003).

Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970.

Heusch, Luc de. *The drunken king or The origin of the state*. Indiana: Indiana University Press, 1982.

Hobsbawn, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Hochschild, Adam. *O Fantasma do Rei Leopoldo: Uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Jahoda, Gustav. *Images of Savages: Ancient roots of modern prejudice in western culture*. London: New York: Routledge, 1999.

Kossov, Boris e Carneiro, Maria Luiza Tucci. *O Olhar Europeu: o Negro na Iconografia Brasileira do Século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

Leach, Edmund. "O Gênesis enquanto um mito". *Leach*. Coleção Grandes Cientistas Sociais 38, Roberto da Matta (org.). São Paulo: Ática, 1983.

_____. "A legitimidade de Salomão". *Leach*. Coleção Grandes Cientistas Sociais 38, Roberto da Matta (org.). São Paulo: Ática, 1983.

Lévi-Strauss, Claude. "A Análise Estrutural em Lingüística e Antropologia". *Antropologia Estrutural*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. "A Estrutura dos Mitos". *Antropologia Estrutural*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. "A Gesta de Asdiwal" *Antropologia Estrutural Dois*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

_____. *Olhar Escutar Ler*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997a.

_____. *O Pensamento Selvagem*. 2ª. ed. Campinas: Papyrus: 1997b.

- Malkki, Liisa H. *Purity and Exile: Violence, memory, and national cosmology among hutu refugees in Tanzânia*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- Mamdani, Mahmood. *When victims become killers: Colonialism, nativism and the genocide in Rwanda*. New Jersey: Princeton University Press, 2001.
- Martiniello, Marco. *Leadership et pouvoir: Dans ces communautés d'origine immigrée*. Paris: L'Harmattan: CIEMI, 1992.
- McEwan, Cheryl. *Gender, Geography and Empire: Victorian women travelers in West Africa*. Aldershot: Burlington: Ashgate, 2000.
- Mello, Arnon de. *Africa: viagem ao imperio portuguez e à União Sul-Africana*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1941.
- Merlier, Michel. *Le Congo: de la colonisation belge à l'indépendance*. Paris: François Maspero, 1962.
- Mozgovine, Cyrille. *De Abdallah à Zorrino: Dictionnaire des Noms Propres Tintin*. 2^a ed. Pioltello: Casterman, 1992.
- Naissance du Congo Belge*. Bruxelles: Didier Hatier: Musée Royal de L'Afrique centrale, 1989.
- Narrative of an expedition to explore the river Zaire, usually called The Congo, in South África, in 1816, under the Captain J. K. Tuckey, R. N.* London: Frank Cass, reimpressão de 1967 (John Murray, Albemarle-street, 1818).
- Ngemi, Yaa-Lengi M. *Genocide in the Congo (Zaire): In the name of Bill Clinton, and of the Paris Club, and of the Mining Conglomerates, So It Is!* Lincoln: Writers Club Press, 2000.
- Oliveira, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. 2^a. ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- Panofsky, Erwin. "Et in Arcadia Ego: Poussin e a tradição elegíaca". *O Significado nas Artes Visuais*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

- Peeters, Benoît. *Tintim and the world of Hergé: An illustrated history*. 5^a. ed. Boston: Toronto: London: Little, Brown & Company, 1999.
- Pratt, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel writing and transculturation*. London: Routledge, 1992.
- Price, Richard. *First-Time: The historical vision of an Afro-American people*. Baltimore: London: The John Hopkins University Press, 1983.
- Rabinow, Paul. "Representações são fatos sociais", *Antropologia da Razão: ensaios de Paul Rabinow*, João Guilherme Biehl (org.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- Sadoul, Numa. *Tintim et moi: Entretiens avec Hergé*. 2^a. ed. Bruxelles: Casterman, 2000.
- Sahlins, Marshall. *Cultura e Razão Prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- Said, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Sartre, Jean-Paul. *Colonialismo e Neocolonialismo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- Schwarcz, Lilia K. Moritz. *Retrato em Branco e Negro: Jornais, escravos e cidadãos no Final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. "História e Antropologia: embates em região de fronteira", *Antropologia e História: debate em região de fronteira*, Lilia K. Moritz Schwarcz e Nilma Lino Gomes (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- Stanley, Henry Morton. *The Autobiograph of Sir Henry Morton Stanley: The making os a 19th Century Explorer*. Santa Barbara: The Narrative Press, 2001.

- _____. *Comment j'ai Retrouvé Livingstone*. Introdução por J. Belin– de Launay. 3ª ed. Paris: Librairie Hachette & Cie, 1880.
- Taussig, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: Um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- Thomas, Nicholas. *Colonialism's culture: Anthropology, travel and government*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.
- Thomaz, Omar Ribeiro. *Ecos do Atlântico Sul: representações sobre o terceiro império português*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Fapesp, 2002.
- Thornton, John K. *The Kingdom of Kongo: civil war and transition, 1641-1718*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1983.
- Twain, Mark. *Patriotas e traidores: Antiimperialismo, política e crítica social*. Organizado por Maria Sílvia Betti. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- Vansina, Jan. *Kingdoms of the Savanna*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1966.
- _____. *Oral Tradition as History*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1985.
- Weber, Max. *Economía y Sociedad: Esbozo de sociología comprensiva*. México D.F. : Fondo de Cultura Económica, 1996.
- Wesseling, Henk L. *Dividir para Dominar: a Partilha da África, 1880-1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora Revan, 1998.
- Witte, Ludo de. *The assassination of Lumumba*. Londres, New York: Verso, 2001.
- Wrong, Michela. *In the Footsteps of Mr. Kurtz: Living on the brink of disaster in Mobutu's Congo*. New York: HarperCollins, 2001.

Índice das ilustrações

Capítulo 1:

Ilustração 1: página 24 – Carta fluvial do Congo por Stanley. Reproduzido em *H. M. Stanley: Explorateur au service du Roi*. Tervuren: Musée royal de l’Afrique centrale, 1991, pp. 36.

Ilustração 2: página 28 – Gravura do Encontro de Stanley e Livingstone. Reproduzido em *H. M. Stanley: Explorateur au service du Roi*. Tervuren: Musée royal de l’Afrique centrale, 1991, pp. 14.

Ilustração 3: página 34 – Rei Leopoldo II. Reproduzido em *H. M. Stanley: Explorateur au service du Roi*. Tervuren: Musée royal de l’Afrique centrale, 1991, pp. 56.

Ilustração 4: página 36 – Mapa do itinerário de Stanley através da África. Reproduzido em *H. M. Stanley: Explorateur au service du Roi*. Tervuren: Musée royal de l’Afrique centrale, 1991, pp. 22.

Ilustração 5: página 42 – Estoque de marfim ao redor de Stanley Falls. Reproduzido em *H. M. Stanley: Explorateur au service du Roi*. Tervuren: Musée royal de l’Afrique centrale, 1991, pp. 72.

Ilustração 6: página 42 – Borracha. Seção do Museu Real de Tervuren na Bélgica reservada às reservas naturais do território da África Central. Foto Christiano Key Tambascia, janeiro de 2002.

Ilustração 7: página 45 – Dois meninos. Foto Internacional Escravocrata. Reproduzido em Hochschild, Adam. *O Fantasma do Rei Leopoldo: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Ilustração 8: página 53 – Mitako. Os rolos de 82 centímetros e 35 quilos eram trazidos da Europa, eram depois derretidos e transformados em objetos para câmbio. Retirado de www.nmafa.si.edu/exhibits/site/copper.htm

Capítulo 2:

Ilustração 1: página 61 – Hergé em seus últimos anos, um homem sereno e calmo mas extenuado pela doença. Foto Jean Guyaux. Reproduzido em Assouline, Pierre. *Hergé*. Plon, 1996.

Ilustração 2: página 62 – Capa do álbum *Tintin au Congo* de 1946. Retirado de www.tintin.com

Ilustração 3: página 62 – Capa do álbum *Tintin au pays des Soviets*. Retirado de www.tintin.com

Ilustração 4: página 64 – jovem Hergé. Retirado em www.tintin.com

Ilustração 5: página 72 – 1930: Retorno triunfal de Tintim do país dos soviéticos. Reproduzido em de Sadoul, Numa. *Tintin et moi: Entretiens avec Hergé*. 2ª. ed. Bruxelles: Casterman, 2000.

Ilustração 6: página 72 – Retorno do Congo belga a Bruxelas em 1931, Tintim e Milu são festejados pela multidão de seus admiradores reunidos no *Petit Vingtième*. Arquivos Fundação Hergé. Reproduzido em Assouline, Pierre. *Hergé*. Plon, 1996.

Ilustração 7: página 85 – Tintim se acomoda no navio. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 3.

Ilustração 8: página 85 – Tintim consulta o doutor do navio. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 5.

Ilustração 9: página 85 – Serralheiro negro. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 5.

Ilustração 10: página 85 – Marinheiro negro ajuda Milu. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 8.

Ilustração 11: página 88 – O exército do chefe africano. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 31.

Ilustração 12: página 89 – Tintim chega no Congo. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 4.

Ilustração 13: página 93 – Stanley, Heshmy e Kalulu. Reproduzido em *H. M. Stanley: Explorateur au service du Roi*. Tervuren: Musée royal de l'Afrique centrale, 1991, pp. 15.

Ilustração 14: página 95 – Tintim e Coco. Retirado de Hergé, *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 13.

Ilustração 15: página 95 – Tintim repreende Coco. Retirado de Hergé, *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 16.

Ilustração 16: página 95 – Coco se assusta com macaco falante. Retirado de Hergé, *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 20.

Ilustração 17: página 97 – Tintim causa acidente com locomotiva. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 22.

Ilustração 18: página 97 – Milu enfrenta um leão. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 24.

Ilustração 19: página 100 – Feiticeiro e seu cúmplice. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 33.

Ilustração 20: página 100 – Modelo de homem em pele de leopardo no Museu Real de Tervuren na Bélgica. Foto Christiano Key Tambascia, janeiro de 2002.

Ilustração 21: página 101 – Modelo de africano. Reproduzido em Farr, Michael. *Tintin: Le revé et la réalité: L'histoire de la creation des aventures de Tintim*. Bruxelles: Éditions Moulinsart, 2001, pp. 26.

Ilustração 22: página 101 – Feiticeiro africano. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 26.

Ilustração 23: página 101 – Tintim carregado em liteira. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 23.

Ilustração 24: página 101 – Modelo utilizado por Hergé para liteira. Retirado de Farr, Michael. *Tintin: Le revé et la réalité: L'histoire de la creation des aventures de Tintim*. Bruxelles: Éditions Moulinsart, 2001, pp. 23.

- Ilustração 25: página 102 – Tintim conversa com missionário. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 38.
- Ilustração 26: página 102 – Fotografia de um “missionário em jornada apostólica”. Reproduzido em Farr, Michael. *Tintin: Le revé et la réalité: L’histoire de la creation des aventures de Tintim*. Bruxelles: Éditions Moulinsart, 2001, pp. 24.
- Ilustração 27: página 103 – Tintim enfrenta um elefante. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 42.
- Ilustração 28: página 108 – Tintim e Milu são transformados em ídolos. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 64.
- Ilustração 29: página 112 – Tintim parte para a África versão preto e branco. Retirado de Hergé. *The adventures of Tintin repórter for “Le Petit Vingtième” in the Congo*. San Francisco: Casterman, 2002.
- Ilustração 30: página 112 – Milu conta vantagem versão preto e branco. Retirado de Hergé. *The adventures of Tintin repórter for “Le Petit Vingtième” in the Congo*. San Francisco: Casterman, 2002.
- Ilustração 31: página 112 – Tintim partindo para a África e Milu conta vantagem. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 3.
- Ilustração 32: página 112 – Tintim se acomoda em sua cabine versão preto e branco. Retirado de Hergé. *The adventures of Tintin repórter for “Le Petit Vingtième” in the Congo*. San Francisco: Casterman, 2002.
- Ilustração 33: página 113 – O navio chega em Matadi. Retirado de Hergé. *The adventures of Tintin repórter for “Le Petit Vingtième” in the Congo*. San Francisco: Casterman, 2002.
- Ilustração 34: página 114 – O carro disponível para a aventura. Retirado de Hergé. *The adventures of Tintin repórter for “Le Petit Vingtième” in the Congo*. San Francisco: Casterman, 2002.

- Ilustração 35: página 114 – O rei dos *Babaoro'm* recebe Tintim *Boula-Matari*. Retirado de Hergé. *The adventures of Tintin repórter for "Le Petit Vingtième" in the Congo*. San Francisco: Casterman, 2002.
- Ilustração 36: página 115 – Tintim dá aula em missão no Congo, versão original. Reproduzido em Farr, Michael. *Tintin: Le revé et la réalité: L'histoire de la creation des aventures de Tintim*. Bruxelles: Éditions Moulinsart, 2001, pp. 24.
- Ilustração 37: página 115 – Tintim dá aula em missão no Congo, versão colorida. Retirado de Hergé. *Tintim na África*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 38.
- Ilustração 38: página 117 – As notícias da partida de Tintim correm o Congo. Retirado de Hergé. *The adventures of Tintin repórter for "Le Petit Vingtième" in the Congo*. San Francisco: Casterman, 2002.
- Ilustração 39: página 120 – Tintim e Milu são transformados em ídolos versão preto e branco. Retirado de Hergé. *The adventures of Tintin repórter for "Le Petit Vingtième" in the Congo*. San Francisco: Casterman, 2002.
- Ilustração 40: página 123 – Escravos negros são libertos por Tintim e o capitão Haddock versão francesa de 1958. Reproduzido em Farr, Michael. *Tintin: Le revé et la réalité: L'histoire de la creation des aventures de Tintim*. Bruxelles: Éditions Moulinsart, 2001, pp. 153.
- Ilustração 41: página 123 – Escravos negros são libertos por Tintim e o capitão Haddock versão francesa de 1967. Reproduzido em Farr, Michael. *Tintin: Le revé et la réalité: L'histoire de la creation des aventures de Tintim*. Bruxelles: Éditions Moulinsart, 2001, pp. 153.
- Ilustração 42: página 123 – Escravos negros são libertos por Tintim e o capitão Haddock versão em língua portuguesa. Retirado de Hergé. *Perdidos no Mar*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 49.
- Ilustração 43: página 123 – Mercador de escravos árabe. Retirado de Hergé. *Perdidos no Mar*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 50.
- Ilustração 44: página 124 – Capitão Haddock repreende os escravos negros. Retirado de Hergé. *Perdidos no Mar*. Rio de Janeiro: Record, 1970, pp. 49.